

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

REPENSANDO FRONTEIRAS ENTRE O LIXO E O CORPO:

*Estudo Etnográfico sobre o Cotidiano de
Recicladores, Catadores e Carroceiros na Ilha Grande dos Marinheiros.*

CRISTINA SOSNISKI

ORIENTADORA:
PROFESSORA DOUTORA CERES GOMES VÍCTORA

Porto Alegre, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

REPENSANDO FRONTEIRAS ENTRE O LIXO E O CORPO:

*Estudo Etnográfico sobre o Cotidiano de
Recicladores, Catadores e Carroceiros na Ilha Grande dos Marinheiros.*

CRISTINA SOSNISKI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

ORIENTADORA:
PROFESSORA DOUTORA CERES GOMES VÍCTORA

Porto Alegre, 2006.

AGRADECIMENTOS

- - À Profa. Ceres Gomes Víctora. É com grande satisfação que concluo o mestrado sob sua orientação; pessoa amiga a quem agradeço por todo o carinho e atenção a mim sempre dispensados, e em particular por toda dedicação empenhada na leitura desta dissertação e por todas as valiosíssimas colaborações.
- A todos os professores do Programa, por todas as oportunidades de aprendizado que me proporcionaram; em especial a Profa. Claudia Fonseca, “mestre” que ministrou uma inesquecível disciplina de Cultura Popular, com um entusiasmo e força impressionantes, servindo como exemplo e transformando o meu olhar antropológico para sempre.
- A todos os colegas de turma, juntos aprendemos e crescemos, a cada aula assistida, a cada discussão empreendida. Principalmente a Clarissa, sempre com grandes idéias, e Mauro, amigos que conquistei e que guardarei com carinho em minhas lembranças mais queridas do tempo passado neste Programa.
- Ao NUPACS pela oportunidade de debate e aos colegas e professores do seminário de tese, pelas discussões e idéias fornecidas.
 - A CAPES pelo auxílio financeiro.
- A Clê e a todos que com ela trabalham no “xerox”, por todas as várias ajudas.
- A todos meus queridos informantes da Ilha Grande dos Marinheiros, sem os quais não seria possível esta pesquisa; por terem me recebido em seu mundo, por todas as horas a mim dispensadas em suas casas e locais de trabalho.
 - A Enilda e Matilde, por toda força na Ilha e no posto de saúde.
- A minha família e amigos. Por terem aceitado e compreendido minhas faltas.
- Ao meu companheiro. Por ter entendido minha ausência, meu “stress” e minha “chatice” nestes últimos dois anos. Por ter me auxiliado nos mais diversos momentos: financeiramente, com carinho, compreensão e incentivo. Este trabalho é também devido ao teu permanente apoio.

RESUMO

Este estudo consiste em uma etnografia realizada com pessoas que trabalham com o lixo na Ilha Grande dos Marinheiros (Ilha que compõe o Parque Estadual Delta do Jacuí, localizada na região metropolitana de Porto Alegre), tendo por temática suas concepções e práticas corporais. O universo de investigação compreende os seguintes grupos: recicladores, pessoas que executam seus ofícios em galpões de triagem; catadores, que trabalham separando o lixo em suas residências; e carroceiros, sujeitos que utilizam carroças na coleta do material. O objetivo do trabalho, nessa perspectiva, é compreender o significado do lixo para as pessoas que com ele possuem algum tipo de relação cotidiana, a fim de buscar o entendimento de como essa concepção particular atualiza-se nas suas representações e usos do corpo na reciclagem do lixo; bem como compreender as implicações de saúde nas suas práticas cotidianas, através do contexto social de sua produção de sentido. A observação participante e as entrevistas, dessa forma, possibilitaram o apontamento de algumas conclusões que versam sobre a existência de uma naturalização, assim como de uma ressignificação positivada do lixo por parte dos ilhéus que executam com ele suas tarefas diárias. Em decorrência disso, percebeu-se formas específicas de comportamento e usos do corpo, enfocadas em desdobramentos de saúde no cotidiano, relacionados a essa percepção particular do lixo, que podem ser aqui resumidas: a forma instrumental da utilização do corpo no trabalho; as possíveis marcas corporais, como a dor e uma preocupação estética específica; a percepção da doença associada ao trabalho e ao lixo; o relacionamento com a equipe do posto de saúde local.

Palavras-chave: reciclagem, lixo, Ilha Grande dos Marinheiros, corpo, saúde, doença, representação social.

ABSTRACT

This study consists in an ethnography made with people who work on garbage at Ilha Grande dos Marinheiros (island that makes up the State Park Delta do Jacuí, located in Porto Alegre metropolitan area), having as a theme its conceptions and body practices. The universe of investigation comprehends the following groups: recyclers, people who accomplish their duties in recycling warehouses; pickers (catchers), who work separating garbage in their houses; and carters (wagoners), people who utilize wagons in the picking of material. The goal of this paper, on this prospective, is to understand the meaning of garbage for the people who have whatsoever relation with it, in order to find the understanding of how this very particular conception works on its representations and uses of body in garbage recycling; as well as understand the health implications on its everyday practices, through social context of its production of sense. The participating observation and the interviews, this way, made it possible the appointment of some conclusions that talk about the existence of a naturalization, as well as a positive meaning for garbage by the inhabitants that perform their duties with it. Because of this, it was learned specific forms of behaviour and body uses, focused on everyday health, related to that particular perception on garbage, that may be summed up: the instrumental way of body usage in the work; the possible body spots, such as pain and a specific aesthetical concern; the perception of disease associated to work and garbage; the relationship with the local health centre staff.

Key words: recycling, garbage, Ilha Grande dos Marinheiros, body, health, disease, social representations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	003
As diferentes formas de exercer o ofício com um mesmo material, o lixo	004
A Ilha em dados.....	010
Etnografando a Ilha.....	015
Um olhar entre outros possíveis.....	018
I – RE-ENCONTRANDO A ILHA: PERCURSO METODOLÓGICO.....	020
II – LIXO E COTIDIANO.....	033
2.1 Ressignificando o lixo.....	033
2.1.1 O lixo ordenando o mundo.....	033
2.1.2 O lixo como valor.....	038
2.2 Noção de Pessoa e construção identitária através da diferenciação com o outro.....	042
2.3 Teoria da Hierarquia na explicação do todo social.....	047
2.3.1 Reciprocidade: um princípio que regula as trocas na Ilha.....	049
A obrigatoriedade da contraprestação da dádiva.....	050
A retribuição é sempre maior do que a dádiva recebida.....	052
2.3.2 Dinâmica familiar e gênero.....	055
A dinâmica familiar.....	055
Gênero.....	060

2.3.3 Estigma: “os recicladores são muito diminuídos aí fora”.....	064
2.3.4 Recicladores, catadores e carroceiros: o que os diferencia?.....	067
Relação com o poder institucional: “a Prefeitura tomou conta do lixo que era da população mais carente”.....	069
Valorização do trabalho com o lixo: “este trabalho é importante em relação ao meio ambiente e em relação a cidade de POA”.....	072
Manipulação do espaço de trabalho: “a gente não pode trazer, mas eu roubo dela e trago”.....	073
III – CORPO E REPRESENTAÇÃO.....	076
3.1 Representação, corpo e doença: categorias antropológicas de análise.....	076
3.2 Concepções corporais.....	080
3.2.1 Corpo como ferramenta de trabalho.....	080
3.2.2 Marcas corporais.....	083
Preocupações estéticas: “As gurias trabalham só de sutiã...”.....	084
Sensações corporais: “quando eu sento doem as pernas”.....	088
3.3 Percepção da doença.....	091
3.3.1 Doença e trabalho: “os meus dedos chegam a ficar dormentes”.....	092
3.3.2 Doença e lixo: “ele não me prejudicou”.....	097
3.4 Criança no lixo.....	101
3.5 Posto de saúde: apenas um recurso de cura disponível?.....	106
Considerações Finais.....	114
Referências Bibliográficas.....	118
Anexos	

INTRODUÇÃO

Tomei conhecimento através do contato com alguns moradores da Ilha Grande dos Marinheiros que o lixo pode ter significados diversos, dependendo da relação que se tem com este tipo de material e do contexto em que este se insere¹. Este relacionamento, entre as pessoas que conheci, perfaz seu cotidiano, tanto de trabalho, quanto familiar; desenvolvendo-se, desse modo, de acordo com os papéis de gênero. Assim, minhas observações indicam que os resíduos sólidos recicláveis² possuem um lugar específico no contexto da Ilha, posicionando-se em um determinado sistema simbólico de crenças em relação a ele e a estrutura social em que está inserido, atualizando práticas e representações. O objetivo deste estudo consiste, neste sentido, em compreender o significado do lixo para as pessoas que com ele possuem algum tipo de relação cotidiana; e, a partir de então, buscar o entendimento de como esta concepção particular atualiza-se em suas representações de corpo e suas implicações de saúde nas práticas diárias, através do contexto social da sua produção de sentido.

Este trabalho, por conseguinte, trata-se de um estudo etnográfico sobre usos do corpo no ofício da reciclagem do lixo e seus desdobramentos no cotidiano das pessoas que com ele trabalham e convivem na Ilha Grande dos Marinheiros e procura refletir sobre as diferentes concepções e percepções destes sujeitos sobre esses conceitos. O universo da presente pesquisa compõe-se daqueles moradores que, de alguma forma, convivem com o lixo em seu dia a dia, com ele exercendo diferentes ofícios. A denominação para este tipo

¹ Nesta pesquisa, o lixo, denominado de doméstico ou domiciliar, é entendido como “todo o material sólido ao qual seu proprietário ou possuidor não atribui mais valor e dele deseja descartar-se, atribuindo ao poder público a responsabilidade pela sua disposição final” (CALDERONI, 1998: 51). Entretanto, esse mesmo material, neste caso, é também explorado e utilizado de forma diversa por muitos moradores da Ilha Grande dos Marinheiros, como será analisado no decorrer do trabalho.

² Resíduo sólido é o termo mais utilizado para definir o lixo, ou seja, o material descartado pela população em geral. Ambos podem ser utilizados como sinônimos, designando o material que é descartado em lugar público, que não se quer mais, tudo que se “joga fora” (CALDERONI, 1998). Por outro, o resíduo potencialmente reciclável consiste em todo aquele material provindo do descarte da população que pode ser transformado em novos produtos pelas indústrias recicladoras. Os materiais mais comumente utilizados para este fim são os papeis, plásticos, vidros e metais (GRIMBERG e BLAUTH, 1998).

de trabalhador não é oficial, ou seja, não existe ainda regulamentação legal para aqueles que trabalham com resíduos. Todavia, de maneira informal, são chamados de diferentes formas, entre elas: recicladores, catadores, triadores, seletores, carroceiros, carrinheiros, entre outras.

Essas denominações podem encerrar significados diversos, dependendo da maneira com que se utiliza o material e da forma de seu manuseio. Em geral, percorrendo a literatura sobre o assunto, são denominados recicladores aqueles que exercem suas atividades com o lixo nas unidades de reciclagem³, bem como são denominados catadores todos os demais trabalhadores que constituem as demais categorias; entre elas, encontramos carroceiros, carrinheiros e catadores a pé (COSTA e SATTLER, 2000). Para fins de melhor compreensão, neste trabalho utilizarei as categorias de: reciclador para identificar o trabalhador das unidades de reciclagem, carroceiro para aquele que possui uma carroça com tração animal e catador para aquele que trabalha separando o lixo em sua própria residência.

As diferentes formas de exercer o ofício com um mesmo material, o lixo.

Os diferentes tipos de atividades organizadas de trabalho com o lixo, como a coleta, a triagem e o reaproveitamento de resíduos sólidos no Brasil, tiveram um crescimento a partir da última década; sendo impulsionado pela preocupação com as questões que envolvem a preservação ambiental e o esgotamento de recursos não-renováveis. Nessa perspectiva, ações do poder público e da sociedade civil organizada podem ser vistas por todo território nacional, no sentido de minimizar ou impedir atividades predatórias ao meio ambiente. Desse modo, um maior cuidado no tratamento dos resíduos industriais e domésticos tem sido observado, ocupando um lugar que antes era destinado à negligência e ao descaso em relação a questões ambientais; disso decorre uma nova conjuntura nacional

³ O termo técnico para designar os locais em que se desenvolve a atividade de triagem do lixo reciclável na sua forma associativa é unidade de triagem ou reciclagem, todavia, galpão de triagem é a expressão mais utilizada entre os recicladores e a população em geral. (GRIMBERG e BLAUTH, 1998) Por esse motivo, neste trabalho, utilizarei as duas expressões como sinônimos.

que tem aos poucos possibilitado a criação de diferentes tipos de novos postos de trabalho e geração de renda para setores de baixa renda da população urbana (MARTINS, 2003).

Não obstante, essa nova preocupação com o meio ambiente e com o destino e tratamento dos resíduos sólidos tem sido equacionada através da reciclagem do lixo doméstico potencialmente reciclável em diferentes cidades brasileiras⁴. A reciclagem tem sido efetuada por uma cadeia de diferentes agentes e através de várias etapas, atuando desde a geração até o processamento dos resíduos recicláveis; possuindo no Brasil, atualmente, um significado muito mais abrangente daquele que o vocábulo pode traduzir. O termo reciclagem enuncia o processo pelo qual o resíduo sólido tipicamente domiciliar é transformado em novos produtos pelas indústrias; porém, para o público em geral, reciclar pode significar coletar o material, ou separá-lo, ou ainda, todo o processo conjuntamente (CALDERONI, 1998). Portanto, mesmo sendo batizados de catadores ou carroceiros pela literatura que reflete sobre a questão e pela população em geral, muitos destes sujeitos denominam-se como recicladores, trabalhadores da reciclagem.

A reciclagem se verifica no Brasil como uma tentativa dos municípios na direção da redução de lixo nos chamados “lixões”, bem como o alcance de outros benefícios; ela representa, como avaliam diversos autores, um ganho para a sociedade, pois possui relevância em termos ambientais, econômicos e sociais, sendo vista positivamente por diversos setores. As implicações de um processo que utilize a reciclagem de lixo se desdobram por diversas esferas; a bibliografia sobre o assunto aponta para a possibilidade de uma melhor organização espacial, uma maior preservação e uso racional de recursos naturais, uma conservação e economia de energia, geração de empregos, desenvolvimento de produtos, geração de renda e redução de desperdícios (CALDERONI, 1998; GRIMBERG e BLAUTH, 1998; SANTOS E MARTINS, 1995).

Esse tipo de postura adotada por algumas municipalidades vem acompanhada de uma série de ações que envolvem a sociedade como um todo; na maioria das vezes através de um gerenciamento dos resíduos, organizado pelas prefeituras, oportunizado por uma coleta diferenciada. Em Porto Alegre essa coleta é representada através da coleta seletiva, um serviço distinto do ordinário que é organizado e aplicado pela prefeitura da cidade através do Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU). De acordo com a 3ª

⁴ Sobre este assunto ver Martins (2003); Calderoni (1998); Grimberg e Blauth (1998).

Conferência Municipal e Regional do Meio Ambiente, realizada em 2002 pela Prefeitura de Porto Alegre, o DMLU é o responsável, desde 1990, pelo programa que se denomina de Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos, uma forma diversificada de tratar os resíduos. De acordo com o DMLU, ele combina ações que visam à resolução do problema dos antigos lixões em Porto Alegre, com novas perspectivas ambientais e sociais⁵. A função do Departamento, desde então, é gerenciar o fluxo de resíduos da cidade, desde sua geração até o destino final. Para tanto, conta com um sistema que possui segregação na origem e uma coleta de todos os tipos de resíduos encaminhados para seus respectivos destinos finais, perfazendo as seguintes opções: tratamento biológico da matéria orgânica, tratamento térmico, aterro sanitário e reciclagem.

Um grupo de trabalho desenvolvido pela Prefeitura de Porto Alegre - organizado pelo DMLU no ano de 2001, intitulado de “Política de governo: a relação com papeleiros, carroceiros e catadores de materiais recicláveis de Porto Alegre” -, pensando na relação entre o lixo e os diversos agentes que dele vivem, avalia que a reciclagem na cidade possui uma estrutura complexa, visto que dela fazem parte muitos atores informais. Assim, além dos recicladores que possuem apoio do poder público, é possível perceber a existência daqueles que não possuem auxílio institucional, os chamados informais pela prefeitura. Todo material coletado pelos caminhões da coleta seletiva destina-se às unidades de triagem existentes na cidade, em que trabalham os recicladores, subsidiadas pela prefeitura⁶. Entretanto, esse material não corresponde à totalidade de lixo reciclável descartado pela população, pois uma boa quantidade deste é coletado anteriormente pelos carroceiros, carrinheiros, catadores a pé, e tantos outros trabalhadores informais que circulam pela cidade.

O “Relatório 2002 - A triagem de Resíduos Sólidos no Município de Porto Alegre” - pondera que a informalidade na cidade (estes atores que disputam o lixo com a coleta seletiva, diariamente) tem sido vista enquanto um problema para o poder público. Em

⁵ Até o ano de 1989 podíamos encontrar em Porto Alegre um depósito de lixo, conhecido como lixão da zona norte, localizado na zona norte da cidade. Constituíam-se por um amontoado de resíduos sólidos sem nenhum tratamento, disposto a céu aberto, sem cuidados maiores, sociais e ou ambientais; nele trabalhavam e até mesmo residiam inúmeras pessoas, sobrevivendo da catação de materiais diversos para seu próprio consumo (FRITSCH, 2000).

⁶ Atualmente funcionam em Porto Alegre 13 unidades de triagem subsidiadas pelo DMLU: da vila dos papeleiros, da Ilha Grande dos Marinheiros, da Vila Pinto, do Aterro da Zona Norte, da Wenceslau Fontoura, da Restinga, do Campo da Tuca, da Santíssima Trindade, do Hospital São Pedro, dos Profetas da Ecologia I e II, da Cavalhada e do Padre Cacique.

primeiro lugar, pela imensa quantidade de catadores que se habilitam a cada dia e que coletam o lixo que seria destinado às unidades de triagem pela coleta seletiva; em segundo lugar, pela ação de catação desorganizada dos próprios catadores, que muitas vezes não é bem vista pela população em geral, bem como pelos órgãos públicos encarregados da limpeza urbana e conservação do meio ambiente.

As pessoas que executam o trabalho de reciclagem do lixo - em unidades de reciclagem, em carroças, carrinhos ou mesmo a pé - percebem neste trabalho uma fonte de renda e sustento de suas famílias, muitas vezes a única; geralmente residindo em vilas de condições consideradas pelos parâmetros nacionais e internacionais como subumanas, quando não morando debaixo de pontes e viadutos, procuram construir suas habitações perto de depósitos e zonas comerciais que praticam a comercialização de lixo, a fim de facilitar a venda de seus produtos (COSTA e SATTLER, 2000). Bhowmik (2002: 375) avalia que para muitas pessoas, “os mais pobres entre os pobres urbanos”, o trabalho com os restos da população representa a única alternativa de sobrevivência, o único caminho disponível para tentar escapar da miséria e da marginalidade.

Martins (2003) avalia que uma das formas de tentar escapar da vulnerabilidade social e econômica em que se encontram estes trabalhadores é constituindo-se em associações; expõe que os trabalhadores das unidades de triagem possuem uma maior segurança no trabalho do que os trabalhadores mais informais, por estarem assistidos institucionalmente. Uma outra vantagem vista por estudiosos sobre a temática é referente aos valores auferidos pelos trabalhadores: avaliam que os recicladores têm possibilidade de ganhos maiores do que os catadores e carroceiros, visto que podem comercializar em maior quantidade seus resíduos (COSTA, 2000).

Apesar desses trabalhadores se assemelharem em determinados aspectos, por trabalharem com um tipo de material específico, o lixo, as diferenciações entre estas categorias não se esgotam nas questões econômicas citadas anteriormente. Existem especificidades quanto ao seu meio de trabalho com o lixo, quanto aos locais que dispõem para trabalhar, entre outras possíveis de serem investigadas. Natalino (2003), avaliando os meios de sobrevivência de um grupo de carrinheiros da Vila Cruzeiro (localizada na cidade de Porto Alegre), assim como suas redes de sociabilidade no espaço urbano - apesar de não privilegiar as questões de corpo - analisa que a atividade de catar lixo requer do trabalhador

uma certa habilidade criativa quanto ao treino de seu corpo para a função de busca de seu material; em especial olhos, mãos e pernas.

O reciclador, trabalhador em unidades de triagem, possui uma infra-estrutura particular de trabalho; executa suas tarefas em um local específico, em grupo, com maquinaria e uma técnica corporal que lhe é peculiar, como assinala Natalino, o que é possível perceber pela observação direta. Os trabalhadores das unidades de triagem que são subsidiadas pela prefeitura, em diferentes momentos desde o início da coleta seletiva, foram inseridos em programas de aperfeiçoamento, receberam cursos, treinamento, palestras referentes a diversos assuntos relacionados ao seu *métier* (questões sobre saúde, doença, meio ambiente, preservação, autogestão, entre outras), que visavam à autogestão e sustentabilidade do processo⁷.

Por outro lado, o carroceiro e o catador utilizam-se de outros meios de trabalho, como a carroça no caso do primeiro, ou o próprio corpo, no segundo. O carroceiro não fica disposto em um único local, podendo percorrer diversos pontos de coleta durante o dia, utilizando além de seu corpo, o veículo de tração animal como suporte para o trabalho de coleta de resíduos. O catador, normalmente executa o exercício de catação em sua própria residência, sendo seu corpo o único instrumento de seu trabalho. Ambos não possuem apoio institucional, não participando de cursos ou palestras informativas e de formação promovidas pelos órgãos públicos⁸. Observa-se que em Porto Alegre é comum uma família trabalhar em conjunto, sendo que cada membro fica responsável por uma tarefa distinta; enquanto o marido responsabiliza-se pela coleta do resíduo, com o auxílio da carroça, a esposa e os filhos realizam a separação e compactação dos mesmos em suas próprias casas, o que também pude comprovar através da observação. (PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, 2001b).

Até mesmo as concepções corporais e suas implicações de saúde no cotidiano dessas pessoas podem estar sendo condicionadas pela especificidade do trabalho com o lixo

⁷ Estas informações podem ser encontradas em diversos documentos da Prefeitura de Porto Alegre através do DMLU, entre eles: “GT – Política para Catadores de Materiais Recicláveis” (2002) e “Política de Governo: A Relação com Papeleiros, Carrinheiros, Carroceiros e Catadores de Materiais Recicláveis de Porto Alegre”, (2001).

⁸ Conforme me foi relatado por informantes, algumas pessoas que fazem parte de uma associação de carroceiros localizada na Ilha participam de palestras e cursos internos promovidos pela própria associação, porém estas possuem uma função mais de mobilização interna, com o intuito de angariar novos membros, não possuindo um caráter formativo e informativo como as executadas pelo órgão público.

e a convivência diária com ele. Dentre os inconvenientes de se trabalhar com este tipo de material, alguns autores apontam para a questão da saúde de quem trabalha com resíduos sólidos urbanos e os perigos que decorrem deste ofício. Avaliam que o próprio catador pode transformar-se em um vetor desencadeador de determinadas doenças, uma vez que os resíduos sólidos urbanos contem várias substâncias com alto teor energético e que oferecem abrigo para variados organismos vivos que os utilizam como nicho ecológico. Baratas, moscas, aves, cães, gatos, suínos e eqüinos, podem também ser considerados como transmissores de doenças, migradas através de organismos que utilizavam o lixo como habitat. Diversos patógenos podem ser encontrados no lixo, entre eles a chamada *salmonella typhi* e ovos de larvas de vermes, como o *ascaris lumbricoides*. Assim como, uma diversificada gama de doenças podem ser transmitidas através dos ratos, espécies largamente encontradas em lugares com concentração elevada de resíduos. Foram ainda verificados diferentes tipos de cortes por instrumentos e perfurações corporais por agulhas, bem como doenças como meningite, gastroenterite, leptospirose, brucelose, entre outras, relacionadas aos resíduos⁹ (SANTOS e MARTINS, 1995).

Uma pesquisa técnica multidisciplinar realizada em Jangurussu - composta por profissionais das áreas da economia, psicologia, estatística, sociologia e medicina - coordenado pelo Sistema Nacional de Emprego (SINE/CE) do Ceará, em 1991, procurou denunciar e traduzir a realidade vivida por um certo número de trabalhadores que viviam do lixo em um aterro sanitário; entre outros assuntos enfocados pela equipe, as condições de saúde dos catadores faziam parte das questões discutidas no trabalho. Foram enfocadas as más condições de trabalho dos catadores, como algumas de suas percepções sobre sua saúde; a análise de que é difícil adoecerem parece predominante, o que leva a equipe a uma conclusão puramente biomédica da questão, ignorando possíveis aspectos simbólicos do discurso dos catadores, avaliando que esta falta de doença se de por eles terem adquirido um “sistema imunológico de grande resistência para suportar tamanha insalubridade” (CEARÁ, 1991: 39).

⁹ Sobre saúde e doença entre trabalhadores que exercem seus ofícios com o lixo ver ainda Costa (1981). A autora analisa a estratificação interna da favela a partir da existência do lixo e do preconceito racial através do discurso dos moradores da favela, de acordo com suas percepções sobre lixo e cor. Ainda neste trabalho podemos encontrar questões que dizem respeito à saúde dos trabalhadores do lixo; a autora reflete sobre as preferências médicas dos trabalhadores e sobre suas percepções a respeito dos médicos e atendentes de saúde.

Apesar de diferentes doenças poderem ser transmitidas através do lixo, é comum recicladores e catadores avaliarem que “não ficam doentes”, ou seja, que sua saúde não corre risco com este trabalho (CEARÁ, 1991). Esse tipo de avaliação sobre a saúde, por parte dos trabalhadores que executam suas tarefas diárias envolvidos com o lixo, merece uma análise antropológica mais aprofundada, que vise entender as concepções particulares destas pessoas sobre o material com que trabalham e convivem; assim como é relevante compreender de que forma se operacionalizam suas concepções corporais e sobre saúde condicionadas por estas representações específicas sobre o lixo¹⁰.

Neste sentido, pensar em um estudo sobre as representações das pessoas que trabalham e convivem com o lixo torna-se relevante na medida em que trata de uma forma científica uma problemática que vem sendo cada vez mais discutida no sendo comum, tanto pela população em geral, quanto pela mídia; em apenas 15 anos da implantação da coleta seletiva já podemos vislumbrar grupos de pessoas constituídas sobrevivendo desse ofício e sendo condicionadas por ele, com todas as suas especificidades. Logo, procurar entender um pouco mais sobre seus ofícios e o que ele condiciona na vida prática e na saúde desses trabalhadores torna-se de especial importância para a pesquisa científica antropológica. Além de ser relevante enquanto conhecimento científico, a presente pesquisa pode ser utilizada enquanto auxílio à equipes de saúde da região das ilhas, no sentido de que pode ser vista como mais uma fonte de entendimento sobre as concepções e práticas da população de recicladores, catadores e carroceiros da Ilha Grande dos Marinheiros.

A Ilha em dados

O Universo de pesquisa do presente trabalho, como introduzido anteriormente, compreende trabalhadores que executam seus ofícios com um tipo de material específico: o lixo, na Ilha Grande dos Marinheiros. A Ilha está localizada no Bairro Arquipélago, pertencente ao município de Porto Alegre. Este bairro é composto por 16 ilhas, sendo que a

¹⁰ Sobre representações sociais do lixo ver também Kuhnen (1995). A autora propõe um estudo psicossocial sobre os resíduos domésticos, através da relação do homem com a natureza.

dos Marinheiros está dentre as mais povoadas, especula-se, devido ao acesso privilegiado, pois possuem estradas que a ligam ao continente, ao passo que em outras ilhas o acesso é exclusivamente pluvial¹¹. O conjunto das ilhas, através de dados oficiais, Censo do IBGE de 1996, demonstra uma população de apenas 2.634 pessoas, porém informações provenientes de associações comunitárias e organizações sociais sinalizam para uma população de aproximadamente 14.000 habitantes residindo na região das ilhas. Ou seja, a região caracteriza-se por um elevado número de pessoas vivendo em uma área de preservação ambiental de 17.245 hectares, compondo o Parque Estadual Delta do Jacuí, colocando os habitantes deste local em situação irregular no que se refere à questão de moradia (PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, 2001a).

A área apresenta um ecossistema próprio, mas que está sendo impactado tanto pelas favelas como pelas mansões lá existentes; Martins avalia que

essa realidade de bolsão de miséria coexiste com a presença simultânea de casas de moradores mais antigos, em condições um pouco melhores, e com casas de veraneio e clubes de lazer, freqüentados por pessoas que não residem no local. (MARTINS, 2003: 78)

A maioria da população que mora no bairro encontra-se em situação de extrema pobreza, uma vez que suas moradias são precárias¹², não havendo saneamento básico¹³, assim como a maioria dos habitantes não possui um emprego estável. As alternativas de trabalho da população estão relacionadas à pesca, à catação e à separação do lixo para reciclagem (IX SEMINARIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2001; PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, 2001a).

A Ilha Grande dos Marinheiros localiza-se após a Ilha do Pavão, ao lado direito, para quem deixa a capital pela BR-116, com uma população de aproximadamente 2.000

¹¹ Ilhas que compõem o Parque: Ilha da Pintada, Ilha das Flores, Ilha Grande dos Marinheiros e Ilha do pavão (mais povoadas). As menos povoadas são a Ilha da Maria Conga, Ilha do Chico Inglês, Ilha da Casa da Pólvora, Ilha do Quilombo, Ilha do Cipriano, Ilha do Mauá, Ilha da Coroa dos Bagres, Ilha das Garças, Ilha das Oliveiras, Ilha do Lages, Ilha das Pombas e Ilha Umaitá.

¹² As habitações da Ilha Grande dos Marinheiros possuem características bastante particulares; além das casas de veraneio com perfil luxuoso, é possível encontramos moradias extremamente simples, construídas com madeiras velhas e desbotadas. São, em geral, bem pequenas e suspensas a aproximadamente um metro do chão, com escadas que levam à porta de entrada. As casas são bem próximas umas das outras, separadas por cercas de arame ou madeira, possuindo, para um observador mais atento, um tom acinzentado e escurecido.

¹³ De acordo com o depoimento de meus informantes, a Ilha é suprida por um caminhão pipa que, uma vez por semana, abastece as caixas d'água e os tonéis da população do bairro.

habitantes¹⁴. A Ilha divide-se fundamentalmente em dois lados - norte e sul -, possuindo duas ruas principais, além de vários becos. A rua principal que compõem o lado sul é chamada de João Inácio da Silveira; nesta parte da Ilha podemos visualizar, além de muitas habitações populares, inúmeras mansões de lazer, protegidas de olhares e perturbação externa por imensos muros construídos em material, impossibilitando uma observação maior sobre sua arquitetura e possíveis moradores. Por outro lado, a rua central encontrada no lado norte denomina-se Nossa Senhora Aparecida, caracterizada por não conter essas habitações mais sofisticadas. Esta pesquisa fixou-se mais entre os habitantes do lado norte, uma vez que é justamente nesta direção que mais se concentram as unidades de triagem e as demais pessoas que trabalham com resíduos.

Podemos encontrar na Ilha um posto de saúde, situado entre os dois lados, possibilitando um acesso que não privilegia os habitantes de nem uma das extremidades do local. Uma escola de ensino fundamental também pode ser encontrada nas redondezas, localizando-se ao lado do posto de saúde. Uma creche mantida por uma Congregação Marista e um módulo da FASC (Fundação de Assistência Social e Comunitária da Prefeitura Municipal - órgão responsável pela execução da política de assistência social do Município) também fazem parte das instituições mantidas na região. Ainda, encontra-se na Ilha um clube de mães, local onde se realizam reuniões diversas, podendo ser utilizado por toda a população e organizações em geral¹⁵. Há também várias unidades de triagem particulares de reciclagem de resíduos, além da unidade de triagem subsidiada pela Prefeitura de Porto Alegre¹⁶ (PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, 2001a).

A unidade de triagem subsidiada pela Prefeitura de Porto Alegre da Ilha Grande dos Marinheiros teve sua constituição no ano de 1986, com a especificidade de ter sido a primeira associação de recicladores a consolidar-se e constituir-se enquanto tal, sendo

¹⁴ Não é possível avaliar exatamente o número de habitantes da Ilha Grande dos Marinheiros, uma vez que este dado não aparece em nenhuma publicação oficial; porém, através de informações providas de funcionários da unidade do posto de saúde que atende a Ilha podemos chegar a esse número aproximado.

¹⁵ O clube de mães apresenta-se como um dos locais mais característicos da Ilha, uma vez que é justamente lá que podemos encontrar uma das lideranças mais estabelecidas, Benvinda, descrita no capítulo subsequente. O lugar situa-se na zona norte da Ilha, logo na entrada, e é visitado pela maioria da sua população, em parte pela participação atuante que Benvinda possui no bairro. É através dele que muitas famílias, entre as mais carentes, recebem diferentes donativos, de produtos alimentícios a vestuário. Verifica-se que é também neste local que se realizam vários tipos de encontros, como a chamada reunião de REDE; esta é efetivada quinzenalmente e conta com a participação de técnicos da prefeitura, de lideranças e da população em geral (o intuito das reuniões é a discussão de questões pertinentes ao bairro).

¹⁶ Ver mapa da Ilha no anexo I com o grifo do galpão de triagem subsidiado pela Prefeitura.

pioneira não apenas na cidade de Porto Alegre, mas também em âmbito estadual. Nomeada de Associação de Catadores de Material de Porto Alegre, e inicialmente constituída por mulheres papeleiras, a associação contou com a ajuda de um trabalho eclesial de base desenvolvido pela Igreja Católica, através da orientação da freira Marlene e de seu irmão, padre Oliveira; religiosos com experiência anterior com trabalhos pastorais pioneiros relacionados a comunidades consideradas carentes e sindicatos¹⁷ (OLIVEIRA, 1995; MARTINS, 2003).

Além de todos os objetivos políticos e ambientais que se somam da implantação da coleta seletiva e da reciclagem em sua totalidade em Porto Alegre, a unidade de triagem da Ilha possuía um diferencial; existia uma preocupação por parte dos representantes da igreja católica, envolvidos no processo, em “resgatar” a pessoa do catador (MARTINS, 2003). Ou seja, prevaleceu a proposta de retomada social da população local - constantemente flagelada, em decorrência das enchentes e das más condições de vida - no sentido de priorizar um trabalho de organização comunitária, em que o “resgate social da população marginalizada” tornou-se o elemento central (OLIVEIRA, 1995: 168). Em decorrência dessa ambição eclesial, os trabalhadores da unidade foram submetidos a diferentes tipos de cursos, palestras e ensinamentos no decorrer de sua história na Ilha; não apenas por agentes religiosos, mas também por agentes da Prefeitura da cidade de Porto Alegre¹⁸. A experiência positiva no local, como declararam os técnicos da Prefeitura, serviu como “piloto” para a criação de outras unidades de triagem que foram sendo implantadas nos anos seguintes, por diversos bairros de Porto Alegre (MARTINS, 2003).

A Prefeitura de Porto Alegre, através do DMLU, buscava uma alternativa, por volta do ano de 2002, no sentido de inserir os carroceiros e catadores da Ilha em seu gerenciamento de resíduos; através da construção de uma unidade de triagem diferenciada, que contemplasse o trabalho desses sujeitos. A idéia era maximizar os ganhos das pessoas que trabalham com carroças, extinguir a lógica de trabalho individual, bem como desafogar o tráfico de automóveis das ruas da cidade que conta com a presença deste veículo de tração animal. Porém, a idéia não passou de um projeto não aprovado, nem operacionalizado objetivamente, o que faz com que a conjuntura do trabalho com o lixo na

¹⁷ O trabalho da freira Marlene será descrito com mais minúcia no capítulo seguinte.

¹⁸ Informações prestadas por diversos informantes, recicladores da unidade de triagem em questão.

Ilha continuasse dividindo estes trabalhadores em grupos separados e distintos no que se refere às técnicas e meios de trabalho¹⁹.

A ocupação populacional das ilhas do Guaíba teve uma expansão significativa a partir das décadas de 40 e 50, com o advento da construção da Ponte Getúlio Vargas; fazendo com que a Ilha Grande dos Marinheiros fosse uma das primeiras a ser habitada no Arquipélago (MARTINS, 2003). Durante muitos anos os ilhéus viveram da pesca e da pequena criação; somente por volta de 1960 é que se instalaram indústrias na região, o que atraiu novos moradores para o local. Porém, as indústrias não apresentavam muitos postos de trabalho; e por razão da área transformar-se em preservação ambiental, em meados dos anos 80, as fábricas fecharam, e a má situação dos moradores se intensificou²⁰.

Nos anos 80 a situação dos moradores da Ilha não era melhor da que verificamos hoje; nesta época a criação de suínos não era proibida e grande parte da população vivia da sua criação. Martins (2003) avalia que muitas pessoas em situação de miserabilidade disputavam os restos de alimentos com este tipo de animal; recebendo, muitas vezes, o que era preterido por eles²¹. Conforme o Relatório CAR-Ilhas da Prefeitura de Porto Alegre (2001), a comunidade da Ilha Grande dos Marinheiros é a que apresenta os piores índices de condições sociais; uma característica do local de grande relevância diz respeito aos aterros residenciais que são realizados com resíduos sólidos e utilizados para sustentarem as casas dos moradores. A fim de aterrarem seus pátios, os moradores da margem do rio - local muito úmido e lamacento - acabam concentrando grande quantidade de resíduo em seus terrenos, por ser um material abundante na Ilha.

¹⁹ Informações contidas no Projeto de Construção da Unidade Diferenciada de Triagem de Resíduos Sólidos da Ilha Grande dos Marinheiros de 2002.

²⁰ Informações prestadas por técnicos do DMLU em 2004, na ocasião de minha coleta de dados para a finalização de minha monografia de conclusão de curso em Ciências Sociais.

²¹ A autora faz alusão ao que mostra o premiado documentário “Ilha das Flores”, do cineasta gaúcho Jorge Furtado, realizado na Ilha Grande dos Marinheiros, em 1989. Todavia, o que declaram os habitantes da Ilha é um tanto diferente desta afirmação, de que havia uma disputa com os suínos por alimento. De acordo com minhas observações em campo e inúmeras conversas informais com os ilhéus, foi possível perceber o quanto este documentário os aborrecem; em suas percepções, o filme demonstra uma realidade que nunca existiu, posto que se consideram pobres, porém jamais concorrentes de porcos.

Etnografando a Ilha

É impossível não relembrar o estranhamento que tive na primeira vez que vi um desses aterros. No início, não entendia o que significavam, ficava apenas olhando as crianças brincarem quase que soterradas entre eles, perdidas entre os sacos de leite, as cascas de frutas e outros tantos objetos sem utilidade para os moradores. Todavia, esse relato não passou de um estranhamento inicial, de alguém que não estava familiarizada com a realidade objetiva dos ilhéus; hoje, ao percorrer a Ilha, já não me impressiona a quantidade de resíduo que é possível visualizar. De acordo com um informante, a maioria dos aterros perfaz toda a extensão do terreno, ficando à mostra para quem quiser observá-lo; não obstante, alguns lugares mais antigos já possuem uma camada de terra e grama, por cima destes resíduos, ficando invisíveis ao observador.

Os aterros são constituídos pelo próprio resíduo que é transportado pelas carroças. Os carroceiros recolhem o lixo em alguns bairros e no centro da cidade de Porto Alegre e levam os materiais para serem separados nas suas casas, por suas mulheres e filhos mais jovens; isso acaba por acumular uma quantidade muito grande de resíduo nos pátios, e às vezes também nas ruas, onde o rejeito pode ser espalhado pela chuva ou pelos próprios moradores, o que foi possível comprovar através da observação. O rejeito caracteriza-se por aquele material que não serve para o reciclador, carroceiro ou mesmo para o catador de resíduos. Fazem parte desta categoria de resíduos aqueles que não são recicláveis, que não podem ser comercializados.

Relembro-me das primeiras impressões que tive ao percorrer as ruas que compõem a Ilha. Ao caminhar, sempre observava o quanto as ruas eram longas, ao mesmo tempo em que a distância entre as residências era pequena. Ao andar pelas ruas e becos, verificava uma imensa quantidade de lixo, um material que fazia parte da paisagem da Ilha e caracterizava o odor peculiar do local e que era, até então, estranho para mim, da forma como o já tinha visto. Muitas casas possuíam vários sacos de resíduos e diferentes tipos de lixos avulsos atirados em seus pátios, por motivo da triagem que é realizada nas residências particulares, como já foi referido anteriormente. No ambiente, podia-se observar várias paisagens desse tipo. Havia casas em que se percebia o lixo como produto principal, não sendo possível sair dela sem pisar sobre os materiais; eram verdadeiros aterros expostos ao

sol, compostos por embalagens de leite vazias, garrafas de refrigerantes, restos de alimentos indefiníveis, latas abertas, retalhos de roupas, entre muitas outras categorias de resíduos. Por outro lado, há outras em que o lixo ficava em apenas uma parte, de um lado do terreno, sendo possível não pisar sobre ele. Também observei residências mais limpas, sem a presença de resíduos, o que nos demonstra que apesar de abundante e predominante no ambiente, o lixo pode não fazer parte do cotidiano de todos os ilhéus.

Além dos adultos e adolescentes que trabalhavam na triagem desses resíduos, pude encontrar, ainda, crianças brincando livremente no meio desse material. Os pequenos circulavam, no verão, desnudos ou semivestidos pelas ruas e pátios, e ainda de pés descalços no meio do lixo. Apesar deste contexto, o descaso e o descuido não faziam parte do dia - a - dia das famílias moradoras da Ilha. Em várias ocasiões, foi possível perceber mães preocupadas com seus filhos, tratando de sua segurança e alertando quanto ao material que não deveriam tocar, considerados por elas como danosos à saúde.

Sobre esse assunto, lembro-me de uma vez em que estava em frente a uma residência aguardando um informante para uma entrevista formal. Nesse momento, algumas crianças muito pequenas brincavam sozinhas no pátio, livremente pelo chão repleto de terra molhada pela chuva do dia anterior. A casa era de madeira e, como tantas outras, elevada em relação ao chão, com uma escada que levava a sua entrada. Enquanto aguardava, observava os pequenos correndo de um lado a outro, sentando-se no chão, ou ainda, pegando e brincando com materiais jogados pelo pátio. Chamou-me atenção - entre esses materiais, na maioria lixo -, uma lata aberta e com as extremidades cortantes, o que me pareceu ser material perigoso para as crianças. Uma vez ou outra a mãe aparecia na porta para verificar o que as crianças estavam fazendo e para alertar que não pegassem certos materiais do chão, que ela deveria considerar prejudicial a seus filhos, como a referida lata. Uma das crianças, tendo avistado aquela lata, começou a manuseá-la. No mesmo instante a mãe, que se encontrava na porta, a advertiu e retirou o material das mãos da pequenina, demonstrando que, embora aparentemente desacompanhadas, as crianças eram mantidas sob certa vigilância adulta.

Esse tipo de acontecimento, em que crianças brincam soltas pelas ruas e pátios repletos de lixo, parece ser corriqueiro nas periferias e bairros de classes mais desfavorecidas. Por exemplo, Víctora (1991), em sua pesquisa em uma vila de classes

populares na cidade de Porto Alegre, descreve um contexto similar, quando fala nas ruas e becos por onde caminhava em ocasião de seu trabalho de campo. Este trecho ilustra bem uma situação análoga à narrada anteriormente:

Nos becos, por exemplo, ao caminhar, eu vejo sacos de leite rasgados, latas de azeite amassadas enferrujadas, pedaços de roupa e pés de sapato sem par, saco de salgadinho Elma Ships vazio, garrafa de Q-bon, lixo não identificado, papéis de bala, bis, chocolate, excremento de cavalo, água de esgoto percorrendo o chão de terra em diversas direções. Cheiro de esgoto. Vozes de crianças. Casas, casinhas, casebres, muitas construídas virtualmente sobre ou ao longo de um esgoto exposto (VICTORA, 1991: 41).

Pode-se, assim, observar que as condições das ruas de algumas vilas populares são mais recorrentes e persistentes do que se possa imaginar, considerando os mais de dez anos passados da descrição acima e a presente etnografia. Porém, é importante ressaltar que esse olhar reproduz uma observação externa, de alguém que não compartilha dos mesmos costumes e valores dos moradores do bairro, o que foi sendo aos poucos por mim substituído por outro olhar, aquele que verifica neste suposto ambiente desordenado, um mundo repleto de ordenação e sentido. Conforme será analisado no capítulo I, a visão dos “nativos” sobre seu ambiente parece ser muito mais positiva que as características presentes nas descrições anteriores.

Dessa forma, as pessoas estudadas nesta pesquisa encontram-se inseridas nesse ambiente, fazendo parte dele e nele buscando interações mútuas. Aproximam-se por trabalharem com um mesmo tipo de material, porém possuem meios e rotinas diárias de trabalho um tanto diferenciadas, de acordo com seus papéis de gênero. Enquanto os carroceiros - na maioria homens - saem dos limites da Ilha, sozinhos ou acompanhados de algum de seus filhos, a fim de irem ao encontro de material, os trabalhadores da unidade de triagem - homens e mulheres - o recebem da Prefeitura, trabalhando coletivamente, não precisando deslocar-se em sua busca. Por outro lado, as catadoras - pois são geralmente mulheres - recebem o material em suas casas, normalmente de seu cônjuge, trabalham em família ou sozinhas, tornando sua própria residência em seu ambiente de trabalho; permanecem lá, cuidando da casa, dos filhos pequenos e dos resíduos que chegam diariamente através das carroças.

Um olhar entre outros possíveis

Este trabalho realizado na Ilha Grande dos Marinheiros, em uma vila de classes populares²² da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, centra sua análise em um universo de pessoas que executam seus ofícios diários com um material muito particular, o lixo, repleto de significados e práticas relacionadas a ele. Procura discernir o contexto social em que se inserem estes sujeitos, buscando o entendimento de como este material peculiar relaciona-se com o seu cotidiano. Pretende compreender também as representações de corpo no trabalho da reciclagem dos ilhéus envolvidos e as implicações de saúde na sua vida diária, que podem estar sendo condicionadas justamente pela presença marcante do lixo.

A primeira parte do trabalho aborda a inserção em campo, assim como a metodologia utilizada na coleta e na interpretação dos dados. Relata as situações que marcaram alguns encontros com informantes-chaves, bem como sua importância para a pesquisa. Avalia questões éticas, avanços e recuos da investigação, localizando a pesquisa no campo da antropologia da saúde.

A segunda parte aborda como o lixo se insere no cotidiano de muitos moradores da Ilha, de acordo com os papéis de gênero e as diferentes modalidades de trabalho com resíduos encontradas na região. Demonstra ainda o significado do lixo para essas pessoas, assim como as práticas que se sucedem desta maneira particular de perceber o material.

A terceira e última parte concentra o foco da pesquisa nas questões de corpo no trabalho de reciclagem e suas implicações de saúde na vida cotidiana das pessoas. Avalia como estão sendo operacionalizadas no dia a dia e nas práticas diárias suas representações

²² Quando me refiro a uma vila de classes populares, neste trabalho, aproximo-me da idéia proposta por De Certeau na “Invenção do Cotidiano: artes de fazer”; na perspectiva do autor, o “popular” deve ser procurado no “coração da economia contemporânea” (DE CERTEAU, 1996: 87). Expõe que é na lógica das práticas cotidianas, nas “artes de fazer”, em consumos combinatórios e utilitários, que vislumbramos sua formulação; ou seja, são nas micro-práticas diárias, no espaço cotidiano, que nos percebemos frente a frente ao popular. Dessa forma, o espaço do popular advogado por De Certeau (1996) constitui-se pelo dia a dia, pelo viver cotidianamente dos inúmeros homens ordinários da vida contemporânea; a partir de interesses e regras próprias, os usuários fazem uma bricolagem com e na economia cultural dominante. Em outros termos, o cotidiano é inventado com infinitas maneiras de agir “não autorizadas”, caracterizadas pela “antidisciplina”; nesta, os homens ordinários, ou populares, apropriam-se do espaço que é organizado pelas técnicas da produção cultural, vivendo por meio de ações astuciosas.

corporais; ainda, tenta compreender algumas relações travadas entre aqueles que com o lixo trabalham e a equipe médica do posto de saúde local.

I

RE-ENCONTRANDO A ILHA: PERCURSO METODOLÓGICO

Parece ser o tempo que nos ensina a perceber o outro e a nos relacionarmos com ele. Pensava ser impossível extrair de meu corpo e de minha memória a imagem, o cheiro e os fragmentos da Ilha que me acompanhavam desde a primeira vez em que tive meus pés naquela terra; terra tão próxima de mim geograficamente e ao mesmo tempo tão distante. Terra empoeirada, embarrada, alagada, mal cheirosa, terra de pessoas carentes; carentes de melhores condições de vida, de mais espaços de lazer, de educação, de saúde. Terra de pessoas portadoras de uma vivacidade e força impressionante, de pessoas tristes, alegres, simpáticas, desagradáveis, amigas e nem tão amigas. E como vim a descobrir, pessoas como outras quaisquer, o que Da Mata denominaria de “gente de carne e osso” (DA MATA, 1978: 25).

Foram com essas primeiras impressões que se deram minhas primeiras visitas à Ilha. Minha inserção em campo foi possibilitada através de um estágio por mim realizado na Prefeitura de Porto Alegre como estudante de Ciências Sociais, no Departamento Municipal de Limpeza Urbana, entre os anos de 2002 e 2003; o DMLU, como é conhecido o Departamento, me oportunizou uma inserção segura na Ilha Grande dos Marinheiros, fornecendo a mim subsídios para um trabalho realizado posteriormente sem o auxílio de seus agentes. Destaco a característica da segurança em minhas visitas à Ilha tendo em vista que este é conhecido por seus próprios moradores como um bairro perigoso para pessoas estranhas ao local, em que o tráfico de drogas, o acolhimento de presidiários fugitivos e o descarte de mercadorias roubadas tornaram-se uma constante²³.

Assim, minha entrada no bairro teve o auxílio e o acompanhamento inicial de técnicos da Prefeitura de Porto Alegre, nos primeiros meses; entretanto, logo que percebi que minha presença já era aceita e conhecida pelos moradores comecei a sentir-me segura para investidas não acompanhadas. Nos anos em que exerci minhas funções como

²³ Estes dados foram sendo aos poucos a mim revelados, no decorrer da pesquisa de campo. Apesar destes acontecimentos não serem vistos em detalhes neste trabalho, por não fazerem parte dos objetivos da pesquisa, avalio ser importante salientar sua presença no cotidiano dos moradores da Ilha.

estagiária no DMLU tive a oportunidade também de fazer trabalho de campo, de distinguir a multiplicidade de atores e instituições interagindo no local, bem como de conhecer vários moradores do bairro, o que me possibilitou uma inserção favorecida para o presente trabalho. Dessa forma, foi no início de minha entrada no curso de Pós Graduação em Antropologia Social, por esta universidade, em 2004, que dei continuidade a um trabalho iniciado nos anos anteriores.

Todavia, aquelas primeiras impressões sobre a Ilha, sobre o cheiro de lixo que percorre a sua extensão, sobre a sujeira que meus olhos a todo o momento evidenciavam, não mais me acompanham. O ambiente sujo e desordenado aos poucos foi de transformando frente aos meus olhos, cedendo lugar a um local repleto de ordenação; o que passei a observar, desde que essas impressões foram ficando no passado, foram as diferentes ações e práticas cotidianas dos moradores da Ilha, que paulatinamente tornaram-se mais relevantes. As impressões iniciais que estavam repletas de percepções de senso comum, aceitáveis em um primeiro momento, agora se relacionam às motivações, às representações e percepções do mundo a partir do ponto de vista dos ilhéus, dos nativos da Ilha Grande dos Marinheiros.

Desta forma, este trabalho constitui-se a partir de uma pesquisa etnográfica. Enquanto método de pesquisa, a etnografia torna-se relevante na medida que as observações em campo - dela decorrentes - conduzem-nos ao “ponto de vista do nativo” (MALINOWSKI, 1976: 37); o que possibilita a busca de representações do informante sobre o objeto a ser investigado. Poderia resumir a posição etnográfica que respalda a pesquisa nos termos de Winkin, para a qual etnografia consiste em convocar três competências por parte do pesquisador: “arte de ver, arte de ser, arte de escrever”²⁴ (WINKIN,1998: 132).

A arte de ver - que só é possível de se realizar quando se vai ao encontro do outro, em seu contexto específico - consiste em uma domesticação teórica do olhar que permite o investigador enxergar questões pertinentes aos seus objetivos. Oliveira (2000) assinala que a teoria social possibilita uma pré-estruturação do olhar do pesquisador, sofisticando a capacidade de observação. Assim, embasada em alguns pressupostos teóricos básicos,

²⁴ Winkin (1998) lembra que uma etnografia hoje é ao mesmo tempo arte e disciplina científica; consistindo em saber ver, saber estar com o outro e saber traduzir o que se viu para um público terceiro.

assinalados nos capítulos que compõem esta dissertação, procurei disciplinar meu olhar; a intenção consistiu em percorrer a Ilha Grande dos Marinheiros, bem como as situações sociais pertinentes que envolviam meus sujeitos de pesquisa, com esse olhar antropológico, que permite perceber a realidade social investigada.

Nessa perspectiva, mantive contato com moradores do bairro assim que tive meu ingresso no curso de Mestrado, no 1ª semestre de 2004; porém, foi no 2ª semestre deste mesmo ano que dei início a um trabalho mais sistemático e contínuo, através de visitas semanais à Ilha Grande dos Marinheiros. Minha intenção inicial era realizar um trabalho com homens e mulheres, que morassem na Ilha e que realizassem tarefas cotidianas com um material específico, o lixo. Para tanto, tratei de fazer um mapeamento dos trabalhos com o lixo na região, realizando observações, entrevistando e conversando com diversos moradores. A idéia que norteava este mapeamento era de averiguar quais seriam os tipos de trabalho relacionados com o lixo que estavam sendo travados no cotidiano da Ilha. Entretanto, o trabalho de campo, com todo seu dinamismo, parece nos reservar situações inusitadas e inesperadas, e nem sempre conseguimos dar conta de realizar todos nossos objetivos.

Avalio que este mapeamento foi realizado, uma vez que hoje tenho possibilidade de discernir a multiplicidade de ofícios realizados na Ilha e que tem o lixo como seu material fundamental. Entretanto, apesar de todos os esforços no sentido de aproximar-me das redes masculinas, essas não me foram abertas. Todavia, sustentei diferentes contatos com alguns moradores do sexo masculino; apesar de me manter mais próxima das mulheres, detendo-me com elas nas conversas mais prolongadas e entrevistas formais. Julgo que, por um lado, este fechar de portas masculinas se deu por minha presença muito marcada nas redes²⁵ femininas, visto que minha reinserção em campo foi empreendida através da entrada e participação em um grupo de mulheres grávidas. Por outro lado, ficou evidente para mim, mais tarde, que os homens exerciam um de seus papéis de gênero, o de provedor, longe dos limites da Ilha; dessa maneira, ficava ao seu encargo, na maioria das vezes, o trabalho de

²⁵ Barnes avalia o conceito de “rede” como “um conjunto de relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos a outros indivíduos” (BARNES, 1987: 167); nota que se trata, em princípio, de uma abstração da realidade, em que a rede contém um número de informações limitadas sobre a interação entre os atores de um determinado meio social. Neste trabalho não me refiro ao termo rede no sentido de um conceito, como especifica Barnes, na medida que não enuncio a relação entre todos os atores pesquisados, nem demarco um segmento de tais redes. Apenas o utilizo como sinônimo de conjunto, na tentativa de demonstrar que existem agrupamentos de pessoas que se relacionam em um determinado nível de análise.

coleta de material. De certa forma, este movimento, os afastava de minha pessoa, pois era difícil encontrá-los; quando não estavam no centro da cidade a coletar material, estavam a descansar em suas casas (algumas vezes dormindo, outras nos bares a conversar com amigos e vizinhos), protegidos de importunação estrangeira por suas companheiras.

Logo que retornei a campo em um ambiente em que já tinha mantido contatos anteriores, foi através de uma antiga informante que resolvi reiniciar meus contatos, a presidente do clube de mães, conhecida por Benvinda²⁶. Conheci Benvinda ainda quando eu trabalhava para Prefeitura de Porto Alegre; via-lhe como uma senhora receptiva, sorridente, bem humorada e com um aspecto que lembra as “mães de santo” das casas de religiões africanas; vestia sempre roupas muito coloridas, longas saias, continuamente com diversos colares e anéis ornamentando o corpo. Benvinda é conhecida não apenas na região, mas por pessoas provindas de diversas entidades e instituições, pois além de ser moradora do local há muitos anos, parece ser muito estimada por seu trabalho voluntário no clube de mães. De acordo com o que fala a própria senhora sobre si mesma, trata-se da pessoa que é procurada para dar entrevistas sobre a Ilha em diferentes ocasiões, bem como é a pessoa a quem se dirigem os políticos em épocas de campanha, a fim de conseguirem seu apoio e angariar votos na região. Evidentemente, Benvinda é uma pessoa diferenciada que, talvez por manter um “discurso oficial” relevante para os ilhéus, ocupa este papel do tipo de porta voz, todavia, ao mesmo tempo, por sua popularidade, pensei ser a moradora ideal para me reinserir em algum grupo de trabalhadores que executassem ofícios diários com o lixo. Ou seja, não tinha dúvidas de que Benvinda havia conquistado, há muito, o respeito da população local; assim sendo, minha entrada em campo poderia estar sendo respaldada por uma pessoa de credibilidade, o que imaginei ser importante no início da pesquisa, momento em que estaria à procura de novos informantes e necessitava de aceitação.

Assim que encontrei Benvinda e contei-lhe sobre minhas intenções ela tratou de me apresentar a Iracema, vice-presidente do clube de mães e responsável pela organização e execução de diversos grupos que se encontravam semanalmente na Ilha, a fim de tratar de

²⁶ A fim de preservar a identificação dos informantes todos tiveram seus nomes verdadeiros substituídos por nomes fictícios. Em alguns casos, para ser mais fiel à realidade das pessoas, optei por substituir os nomes por uma espécie de alcunha por mim escolhida, visto que muitos são conhecidos não por sua nomeação de batismo, mas por codinomes.

assuntos específicos. Iracema é uma mulher que aparenta uns 40 anos, de origem notadamente indígena; a jovem senhora que possui longos cabelos negros e lisos trabalha como voluntária na região, assim como Benvinda, apesar de não residir no local. Foi nesta conversa com Benvinda e Iracema que dei início a observações em um destes grupos, o de mulheres gestantes. Elas encontravam-se todas as quartas feiras, possuíam idades diversas - aproximadamente entre 18 e 60 anos - e mantinham algum tipo de relacionamento com o lixo no seu cotidiano, além de terem a especificidade de estarem no período de gravidez.

Minha escolha pelo grupo de mulheres grávidas não se deu por acaso. Iracema disse-me que poderia escolher entre os grupos que estavam em andamento; entre estes, o grupo de costureiras, o grupo de artesanato, assim como o grupo de gestantes era formado por pessoas que exerciam algum tipo de trabalho com o lixo, dos quais deveria optar pelo que melhor me conviesse. Assim, procurei ter algum conhecimento maior sobre eles, a fim de poder decidir-me por um grupo em especial. Os encontros das mulheres grávidas, como me informou Iracema, seriam acompanhados por uma nutricionista do posto de saúde local, bem como nas discussões seriam privilegiados os assuntos em torno da saúde da grávida e de seus filhos²⁷. Avaliei de imediato que era este o grupo que mais se aproximava de minhas expectativas, pois meu objetivo era justamente investigar questões que versariam acerca das concepções corporais de pessoas que exerciam seus ofícios com o lixo. O fato de uma nutricionista do posto participar do grupo só veio ajudar-me na certeza da escolha, tendo em vista que pretendia aproximar-me do posto de saúde assim que possível.

A idéia era tomar parte no grupo de duas maneiras. A primeira era participando de reuniões semanais com mulheres que trabalhavam com o lixo e que estariam a ouvir e falar de sua saúde; a segunda era ter no grupo uma forma de inserir-me em outros grupos, conhecer outras pessoas e tornar, também, minha figura mais presente no ambiente. Logo que cheguei ao grupo fui apresentada a todas as participantes por Iracema, como uma estudante de antropologia que estaria estudando a Ilha e o trabalho com o lixo. O grupo era formado por Iracema (incumbida da organização geral), por Vilma (nutricionista do posto de saúde que sempre trazia informações às gestantes sobre nutrição de bebês e das futuras mães - posteriormente foi imprescindível em minha pesquisa, por me facilitar a entrada no

²⁷ Embora não seja objetivo deste trabalho pesquisar mulheres grávidas, é interessante pensar que há muito tempo vem aumentando a medicalização de condições que outrora eram apenas "fatos da vida". Esse é o caso da gravidez que tem se tornado cada vez mais medicalizada.

posto de saúde), por Marlene (uma freira católica da congregação marista que observava atentamente e sempre que possível fazia interrupções com lições sobre a importância da religião) e por diversas mulheres grávidas moradoras da Ilha, que por haver certa rotatividade, nem sempre eram as mesmas. A participação no grupo foi de grande significância, na medida em que me oportunizou uma inserção nas redes femininas, bem como me possibilitou conhecer diversas pessoas, cujas informações prestadas a mim foram de importante valor para a totalidade do trabalho. Toda vez que participava de uma das reuniões era apresentada a uma nova moradora e sempre que possível conversava com diferentes mulheres, me tornando, assim, cada vez mais conhecida na Ilha.

As reuniões eram sempre realizadas no período da tarde, em locais previamente agendados. Inicialmente, na primeira fase - que se procedeu de julho a dezembro de 2004-, o grupo encontrava-se no clube de mães; após um período neste local passou a ser efetivado na chamada “igrejinha”²⁸. Em seguida, em sua segunda fase - que teve início em março de 2005 e ainda está em andamento -, mudou-se para uma casa em frente à “igrejinha”²⁹. Em todas as reuniões, na primeira etapa do grupo, podíamos contar com seis mulheres fixas e outras eventuais. Na segunda fase do grupo contávamos com a presença das mesmas mulheres anteriormente estabelecidas - que no período de afastamento ganharam seus bebês, vindo às reuniões acompanhadas destes -, assim como novas grávidas. Tive a oportunidade de participar de muitos encontros neste período, acompanhando boa parte das discussões que se travavam entre as participantes do grupo e a nutricionista. Esta sempre trazia informações nutricionais sobre alimentação e saúde das futuras mães, bem como dos bebês recém nascidos.

Dessa forma, a fim de operacionalizar minhas idas a campo, a observação participante consistiu-se em uma técnica de pesquisa indispensável, norteando metodologicamente esta investigação. Segundo Cicourel (1980), a observação participante é um processo em que o pesquisador se mantém presente em uma dada situação social, a

²⁸ A igrejinha, como é chamada a capela que se situa na zona norte da Ilha, perto do clube de mães e em frente ao galpão de triagem subsidiado pela prefeitura, é um local de especial beleza na Ilha, aos menos aos olhos de um estrangeiro. Isso acontece uma vez que ela contrasta com o cenário local, em que se privilegiam casas de madeira reaproveitada. A igrejinha é uma pequena construção em material, com largos vitrais coloridos; sua utilização é organizada por uma liderança local, Senhor Miguelito.

²⁹ A sala para onde foram transferidas as reuniões do “grupo das gestantes” fica em frente à “igrejinha”, ao lado do galpão de triagem. Este local também é guardado pelo senhor Miguelito, que fica com suas chaves e entrega àqueles que dele pretendem fazer uso. É uma construção novíssima; trata-se de uma casa pré-fabricada em madeira, de apenas um cômodo amplo e arejado.

fim de realizar sua investigação científica. O pesquisador fica face-a-face com os observados, participando de suas vidas e colhendo dados no cenário específico dos “nativos”. A observação participante possibilita o que Oliveira (2000) chama de encontro etnográfico, em que pesquisador e pesquisados se encontram numa possível relação dialógica; o que ocorre desse encontro é uma interação, um diálogo, em que ambos os atores desta conexão podem ouvir e serem ouvidos. O processo de ouvir torna-se, nesse sentido, tão importante quanto o de observar, na medida que complementa o olhar. Na Ilha, esse processo complementou-se, tanto na participação das reuniões - em que o encontro é dialogado -, como nas entrevistas, meio através do qual procurei aquelas informações indisponíveis através das observações e conversas informais.

A entrevista é uma técnica que envolve o ouvir o outro, um dos atos cognitivos preliminares no trabalho de campo, juntamente com a observação (OLIVEIRA, 2000). Foram realizadas entrevistas com informantes que se relacionavam com o lixo em seu cotidiano, bem como com profissionais de saúde e outros membros de associações diversas, como o clube de mães e a congregação marista; sendo utilizado, para tanto, um roteiro de entrevista³⁰ e um gravador, com a finalidade de registrar as falas do encontro. Ainda, outras tantas conversas informais foram empreendidas, possibilitadas através de informantes-chaves, aqueles que forneciam maiores subsídios ao trabalho de campo.

Mantive diversas conversas informais durante toda a pesquisa, porém, nem todas as pessoas com quem partilhei de algum momento tornaram-se minhas informantes constantes; todavia, obtive informantes-chaves de grande valor para o trabalho. O contato com esse tipo de informante tem sido descrito pela literatura antropológica como fundamental para a pesquisa etnográfica. Por exemplo, Foote-Whyte (1980), repensando sua pesquisa em Cornerville, lembra a importância de se obter apoio de indivíduos - chaves, em todos os grupos em que se está estudando. Diversas vezes nesta pesquisa duas informantes-chaves, pessoas respeitadas no local, me indicavam outras pessoas, me direcionavam outros informantes, sob a avaliação de que seriam de grande valor para meus objetivos. Meus informantes-chaves foram, nesse sentido, de especial relevância para o andamento de todo o trabalho e responsáveis, em parte, por minha permanência na Ilha.

³⁰ Ver roteiros de entrevista em anexo. Durante a pesquisa utilizei dois tipos diferentes de roteiros; um para aqueles moradores que exerciam seus ofícios com o lixo (anexo II) e outro para os profissionais de saúde (anexo III).

Assim, vim a descobrir que minha aceitação no local dependia menos das explicações que pudesse dar sobre mim e minha pesquisa, do que das relações que pudesse desenvolver.

Uma dessas informantes é a freira Marlene, uma senhora de aproximadamente 60 anos, que possui uma “interferência” na Ilha, como denomina seu trabalho entre os moradores, desde 1993, quando da ocasião de sua mudança para o local³¹. Ela e seu irmão, que também faz parte da congregação marista local, trabalhavam, norteados pela “Teologia da Libertação”, em o que eles consideram conscientização de pessoas de baixa renda, com a finalidade de “organizar o povo na base”, em suas palavras, desde o início dos anos 80. Avalia que a finalidade de sua presença no bairro consiste no que chamam de “ressocialização” dos moradores, que incide no refazer vínculos, reatar, organizar associações. Confidencia-me a irmã que, nos momentos em que um grupo está vivendo “dessocializado”³², a primeira preocupação em um trabalho educativo é o de restabelecer estes vínculos, na “base da pirâmide”, no seio da comunidade, em cima de suas necessidades mais básicas, naquilo que elas tem em comum, e que no caso dos moradores da Ilha passa a ser percebido como a demanda na questão da sobrevivência. São essas preocupações que motivam Marlene a estar em permanente movimento no bairro, a fazer de sua presença uma constante. Sua participação no grupo de mulheres grávidas também versa sobre esses objetivos, sendo ela conhecida e admirada, como pude perceber, não apenas pelas participantes do grupo, mas por grande parte da comunidade.

Ao contrário de Marlene que já morou bom período entre os ilhéus, Vilma (jovem como a maioria dos funcionários do posto), outra informante-chave, que trabalha como nutricionista na Ilha há aproximadamente um ano, aparece como uma pessoa de fora, bem como eu. Não é difícil perceber que Vilma é bem quista entre a comunidade, pois além de realizar suas funções como pertencente à equipe de saúde do posto, também concretiza diferentes trabalhos com líderes da comunidade, a fim de reivindicar melhorias para o bairro. Acredito que por toda sua simpatia e amabilidade no tratamento das pessoas - o que

³¹ Marlene hoje em dia não mora mais entre os ilhéus. Contou-me que faz aproximadamente cinco anos que necessitou afastar-se por problemas de saúde; porém, sua presença continua constante e ativa - a irmã direciona-se à região das ilhas quase todos os dias, participando de reuniões, organizando grupos e eventos religiosos.

³² Na visão da freira a palavra dessocializado tem um significado bem amplo e relaciona-se a vida cotidiana objetiva dos ilhéus; neste caso ela está se referindo a desunião (da comunidade), a desagregação familiar (as várias uniões de uma mesma pessoa no decorrer de sua vida, a instabilidade de moradia e assistência dos filhos), a falta de perspectiva de trabalho e renda (a resposta neste caso seria a formação de associações ou cooperativas), etc...

se torna facilmente perceptível com um mínimo de convívio -, bem como pelo seu empenho em ajudar os moradores da região das ilhas, acabou conquistando o respeito de muitos moradores. Sugiro que essa postura de Vilma no exercício de suas funções demonstra a forma como ela percebe seu trabalho, suas funções no posto de saúde, ou seja, estas não se restringem apenas as demandas de saúde do posto, mas as ultrapassam, chegando a outras questões, como as ditas sociais.

Ponderei ser importante, mais tarde, que ter um vínculo com um grupo específico durante todo o trabalho, ao contrário de apenas utilizá-lo com a intenção de dar partida em minha inserção nas redes, seria importante para manutenção de minha permanência no bairro. Isso porque a todo o momento, seja quando acompanhava alguém nas ruas que perfazem a Ilha, seja quando era apresentada para uma nova pessoa, quando me indagavam sobre quem eu era, a primeira pergunta sempre se referia a qual grupo eu fazia parte. Assim, me perguntavam se eu era da FASC, ou se eu era do posto de saúde, mas não sendo de nenhuma dessas instituições, me apresentava sempre como pesquisadora do local e parte integrante do grupo das grávidas. Ao que pude perceber isso passava uma maior segurança sobre minha pessoa aos moradores, os deixando mais tranqüilos, o que fazia com que abrissem seus espaços familiares, de trabalho e cotidiano com maior facilidade. Isso ocorria também, provavelmente, pelo fato de estas duas instituições serem as mais atuantes no local, fazendo com que os moradores, de imediato, identifiquem-nas a pessoas estranhas ao seu ambiente.

Basicamente, os dados para esta pesquisa foram coletados da seguinte maneira: entrevistas com algumas mulheres do grupo das grávidas e entrevistas com pessoas fora do grupo (aproveitava esses momentos para realizar observações em suas casas, em seu local de trabalho, no convívio com vizinhos e parentes). As entrevistas eram realizadas, ora na casa do informante, ora na residência de um parente ou amigo, ou ainda, nos galpões de triagem de lixo em que trabalhavam.

O posto de saúde, nesse contexto, configurou-se como um *locus* particular de conhecimento sobre as práticas e representações dos habitantes do local. Como as questões de saúde dos trabalhadores da reciclagem eram altamente relevantes para a constituição do meu estudo, tornou-se muito importante observar alguns momentos em que os moradores recorriam ao posto. Em várias situações pude presenciar práticas de habitantes em

confronto com os funcionários administrativos e profissionais de saúde, além disso, tive a oportunidade de participar de reuniões da equipe e realizar entrevista com um médico do posto.

Neste sentido, o trabalho de campo foi empreendido na tentativa de se efetivar um relacionamento com os indivíduos - chaves e possibilitar, assim, uma aproximação com outros moradores. Mantive um contato efetivo na Ilha com aproximadamente 30 pessoas, das quais quinze disponibilizaram-me uma entrevista formal. A partir de então, a relação se deu entre pesquisadora e pesquisados, sempre com fornecimento de informações requeridas aos informantes que tanto podiam ser sobre a pesquisadora, como sobre o trabalho empreendido, o que mostra que numa situação de pesquisa etnográfica a troca de informações, vivências e sentimentos devem se dar constantemente. Nessas oportunidades, procurei deixar claro que não seriam utilizados seus nomes verdadeiros em nenhum trabalho escrito, explicando que adotaria como regra nomes fictícios a fim de preservá-los de identificação externa.

Pensar em questões éticas no trabalho de campo consiste em refletir acerca do caráter da interação entre o pesquisador e o pesquisado; analisar em que medida a sua estada em campo não está prejudicando seus sujeitos de pesquisa. Assegurar que tenham o conhecimento necessário sobre sua pesquisa, possuindo o saber dos limites de seu trabalho de campo, assim como sua implicação, parece fundamental em uma pesquisa etnográfica em que o pesquisador está comprometido com a ética. Nessa perspectiva, uma preocupação ética que surgiu de meus questionamentos diz respeito aos limites do meu trabalho de campo; ou seja, procurei dar conta das possíveis expectativas que a pesquisa poderia desencadear por parte de meus pesquisados. Uma de minhas preocupações iniciais consistiu em esclarecer para meus informantes que o fato de os estar pesquisando não representava necessariamente que o trabalho final sugeriria ou iria à direção de uma reivindicação política de melhorias para a população envolvida, apesar de que isso poderia surgir indiretamente.

No período em que realizei trabalho de campo para esta pesquisa procurei passar o maior tempo possível com os moradores. Busquei acompanhá-los em diferentes dias, turnos e horários de seu cotidiano; bem como, tratei de estabelecer contato com diferentes instituições e associações locais, como o posto de saúde e o clube de mães. O trabalho de

campo procedeu-se, por conseguinte, de diversas formas, em que a coleta de informações gerou diferentes tipos de dados complementares. A investigação em diferentes áreas da realidade é que possibilita a coleta de dados tão diversificados que acabam permitindo uma “triangulação de informações”³³, contendo registros escritos, observacionais e discursivos (VÍCTORA, KNAUTH e HASSEN, 2000).

Dessa forma, o processo de triangulação de diferentes tipos de dados foi possibilitado através de minhas diferentes entradas na Ilha. Um dos tipos de dados observacionais coletados procedeu-se junto aos moradores, ao lado deles, observando seus trabalhos e vida cotidiana e conversando informalmente; outro foi realizado andando pelo ambiente, pelas ruas que perfazem a Ilha, no posto de saúde, conversando com habitantes do local³⁴. Outro dado, o discursivo, foi coletado através das entrevistas, de maneira formal. E um outro tipo de informação, que contempla as duas formas dita anteriormente, foi colhida na participação das reuniões no grupo das grávidas, em que a observação e as conversas informais se travaram de forma a complementar-se.

O diário de campo, neste contexto, foi meu companheiro por todo o percurso empreendido na Ilha, constituindo-se enquanto um instrumento fundamental, uma vez que no momento da descrição etnográfica foi necessária uma interpretação do que foi previamente escrito. O diário foi utilizado como uma técnica de registro de dados, trazendo informações que subsidiaram uma análise de dados coletados de outras formas; foram anotadas as observações relevantes, analisadas e confrontadas com o referencial teórico. Assim, procurei compreender uma experiência concreta, vivenciada por mim e pelos meus pesquisados, com base em minhas observações e anotações. Foi exatamente através de

³³ Conforme Víctora, Knauth e Hassen (2000), a “triangulação de informações” é parte inerente em uma pesquisa que privilegia a etnografia como método. Ela consiste em buscar a apreensão da realidade dos nativos a partir de diferentes recursos, através de três níveis evocados por Malinowski (1976) - o arcabouço da constituição da sociedade, os imponderáveis da vida real e o espírito do nativo - e que constituem a totalidade da vida tribal, o que nos remete a diferentes tipos de dados e possibilita uma maior apreensão da realidade.

³⁴ A pesquisa nas ruas que perfazem a Ilha torna-se relevante na medida em que se reconhece a rua como um *lôcus* de interações sociais, como um espaço de sociabilidade. “A etnografia na rua consiste no desenvolvimento da observação sistemática de uma rua ou de ruas de um bairro e da descrição etnográfica dos cenários, dos personagens que conformam a rotina da rua e bairro, dos imprevistos, das situações de constrangimento, de tensão e conflito, de entrevista com *habitués* e moradores, buscando as significações sobre o viver o dia a dia na cidade” (ROCHA e ECKERT, 2001: 7). A etnografia de rua na Ilha importa na medida que subsidia o trabalho de campo em um lugar tão peculiarmente espacializado, com um cenário tão diverso, merecedor de uma descrição densa e detalhada.

leituras posteriores em meus diários que comprovei pessoalmente o pressuposto antropológico de que o pesquisador não se torna uma “mosca na parede”, uma “planta no canto da sala”³⁵, mesmo após sucessivas idas ao mesmo local e com certa proximidade com os informantes. Assim, uma das maneiras mais pertinentes de observar os eventos é tendo claro que sua presença é parte constituinte do episódio observado, devendo problematizar esta presença em análises posteriores (VÍCTORA, KNAUTH e HASSEN, 2000).

Por exemplo, relendo meus diários de campo observei a seguinte situação: em uma de minhas idas à Ilha, uma senhora que sentava ao meu lado na condução que levava-nos a região, enquanto conversávamos, reconheceu-me de imediato como uma não pertencente ao local, mesmo sem que eu houvesse lhe dito; situação que me causou certo constrangimento e confusão inicial, uma vez que, devido minhas reiteradas idas à Ilha, já não me sentia tão estranha ao ambiente. A questão não se tratava de desconhecimento de minha parte em relação ao assunto do investigador que é constantemente também observado, mas nunca antes tinha percebido com nitidez tal atitude comprobatória. A sensação que tinha, depois de tantas visitas à Ilha, após tantos cumprimentos que lançava a vários conhecidos enquanto caminhava pelas ruas do bairro, era de que já podia passar despercebida, mesmo pelos olhos mais atentos dos moradores locais. Sentia que por já conhecer tantos moradores, por já possuir laços de amizades com alguns, já não causava tanto estranhamento; pensava que já me parecia um pouco com os meus informantes. Não que acreditasse em minha invisibilidade, mas às vezes esquecia que era uma pessoa de fora, mesmo sendo parte do evento, observando, e sendo observada³⁶.

³⁵ As expressões “mosca na parede” e “planta no meio da sala” são utilizadas no sentido de constituírem-se como algo que não se nota, por serem uma presença constante.

³⁶ O evento que suscitou estas minhas observações aconteceu em um sábado em que me dirigia à Ilha com a intenção de realizar uma entrevista previamente agendada. O ônibus que estava acostumada a pegar e que ia para a região das ilhas estava particularmente lotado; a razão parecia ser o dia de “passe livre”, era dia de vacinação infantil. Entretanto, além de mães e crianças, homens, mulheres, jovens, idosos, todos os tipos povoavam a condução. Um time de futebol juvenil da região das ilhas entrara inteiro no ônibus, o que podia perceber pelas conversas paralelas, gritos, e grande entusiasmo de todos no local. Enfim, o clima era de festa, apesar do grande aperto pela quantidade de pessoas inseridas em um mesmo meio de transporte. Além do clima festivo, podia-se perceber que estavam no mesmo ônibus algumas “tribos” rivais. Notavam-se certas agressões verbais e descontentamentos de alguns. Acreditava estar sincretizada à população que se dirigia às ilhas. Todavia, isso não passava de uma certa ilusão de pesquisadora. Uma senhora que estava ao meu lado perguntou-me se era a primeira vez que ia à Ilha, dizendo em seguida que deveria ter um cuidado especial naquele dia, visto a possibilidade de desentendimentos e imprevistos nos veículos. A sensação que tive foi de confusão, de ter perdido a ingenuidade; ficava pensando como ela poderia saber que eu não era de lá. Aos poucos fui entendendo que nunca seria um deles, nunca seria aceita como uma igual; porque simplesmente

No entanto, o conhecimento do quanto me diferenciava me ajudou no trabalho de campo. Procurei levar em consideração, desde então, e nas análises que posteriormente realizei, que minha presença modificava o cenário da prática dos agentes. Deveria ter sempre em mente que apenas o fato de eu “estar lá” já causava certas posturas e ações diferenciadas, que talvez fossem outras sem a minha presença. Esse conhecimento destruiu certas ilusões, todavia, possibilitou um outro olhar sobre meus sujeitos de pesquisa; olhar este que privilegia o momento da interação, não esquecendo que a minha pessoa está nele sempre inserida, modificando e sendo modificada por ele.

Deste modo, quando “estive aqui”, nas bibliotecas, em frente ao meu computador, procurei trazer uma explicação para meus dados empíricos; fazendo jus ao ter “estado lá”. Ao estar do outro lado da Ilha, ao atravessar a ponte definitivamente, comprometi-me a realizar uma tentativa de explicação interpretativa da realidade que vivenciei por algum tempo, junto aos moradores da Ilha, através do que Geertz (2003) avalia como uma forma de explicação que se concentra no significado que uma série de eventos e ações tem para seus proprietários. Ou seja, tentei formular questões que expliquem como as pessoas estudadas fazem sentido para si mesmas.

Em todos os momentos do trabalho de campo, quando “estive lá”, em presença dos moradores da Ilha, seja em seus lares e local de trabalho, seja quando os estive entrevistando, procurei lembrar do objetivo central que toda pesquisa etnográfica deve ter; que compreende, como lembra Malinowski (1976) em seus escritos sobre o arquipélago de Trobriand, a apreensão do ponto de vista dos nativos, seu relacionamento com a vida e sua visão de seu mundo.

não era igual e eles, meu posicionamento, gesticulações, provavam o quanto não pertencia aquele lugar. Era simplesmente uma estranha.

II

LIXO E COTIDIANO

Este capítulo tem o propósito de discutir o significado do lixo para as pessoas que mantém com ele algum tipo de relação habitual, na Ilha Grande dos Marinheiros, para a partir de então buscar o entendimento de como esta noção particular atualiza-se em suas práticas diárias. Ou seja, pretende refletir acerca do contexto da produção de sentido destas práticas, através das relações de vizinhança, familiares, de trabalho e de gênero, de acordo como estas se apresentam no cotidiano das pessoas.

2.1 Resignificando o lixo

2.1.1 O lixo ordenando o mundo

Conheci Ida (31 anos) quando eu ainda trabalhava para a Prefeitura de Porto Alegre; parecia-me muito comunicativa, uma negra de aparência jovem e sorridente. Ida é recicladora e trabalha no galpão de triagem subsidiado pela Prefeitura há quinze anos. Faz também igual período que é “amontoada”³⁷, como denominou sua união com Marcos (32 anos), também reciclador do galpão. Ida me contou que mora na Ilha desde os nove anos de idade, antes disso morava em um local vizinho à Porto Alegre, Cachoeirinha, na região metropolitana da cidade. Desde que ela, seus quatro irmãos, sua mãe e seu pai vieram para Ilha, que este “trabalha de carroça”. O pai de Ida conta hoje com a ajuda de sua mãe e seu irmão mais novo, no trabalho diário com o lixo. Uma de suas irmãs, Neuza, também

³⁷ O termo “amontoada” é muito recorrente na Ilha e designa um tipo de relação entre os casais caracterizada pela informalidade, em que predomina a falta de um registro de união civil ou religioso.

trabalha no galpão de triagem; seus outros irmãos, que são ainda seus vizinhos, também executam diferentes tarefas diárias com este material.

No galpão de triagem, juntamente com Ida, trabalham aproximadamente 30 pessoas, sob a forma de uma associação, constituída juridicamente, operando mediante estatuto e regimento interno próprio, de acordo com informações prestadas pelo DMLU. O galpão é equipado com diferentes tipos de materiais, todos necessários ao trabalho de triagem. Tais equipamentos abrangem prensas, picadores de papéis e “bombonas” para depositar os resíduos triados³⁸.

De acordo com minhas observações, uma série de atividades é desenvolvida no interior do galpão, como a classificação, prensagem, pesagem e armazenamento dos produtos. A ordem dessas atividades é seguida por todos os associados, uma vez que os materiais (lixo) recebidos são classificados (triados e separados nas bombonas de acordo com a classe a que pertencem³⁹), prensados a fim de diminuir de volume e facilitar a pesagem, pesados e armazenados para posterior comercialização. Em geral, todos os trabalhadores (homens e mulheres) realizam um pouco de todas as tarefas, sendo que somente os homens ou as mulheres mais fortes executam o trabalho de prensagem, por ser uma atividade que requer maior força física do reciclador. Suponho que essas tarefas não sejam separadas por uma hierarquia de status, visto que, aparentemente, não há uma ocupação mais nobre que outra; a única separação que se verifica é de vigor do indivíduo, relacionada à questão de gênero: o trabalhador mais robusto, em geral os homens, executa as atividades que requerem maior força.

A moradia de Ida fica em uma das ruas principais da Ilha, do lado norte, situando-se quase em frente ao galpão de triagem em que trabalha. A residência, conforme a moradora, localiza-se em uma das melhores áreas do local: primeiro, por estar localizada na rua principal, e não nos becos, considerados ruins para moradia; segundo, por situar-se nas margens do rio, facilitando a coleta de água (quando necessário) e os banhos no verão; e

³⁸ “Bombona” é a palavra utilizada pelos recicladores e por técnicos da Prefeitura para designar o recipiente em que são postos os materiais separados. Parecem com grandes baldes, geralmente são confeccionadas em plástico de cor azul e são fornecidas aos galpões pelo DMLU.

³⁹ Através de dados prestados pela assessoria as unidades de triagem (DMLU), os materiais recebidos pelos galpões são discriminados da seguinte forma: papel (branco, papelão, misto, jornal, craft, longa vida); sucata de ferro; alumínio (latas, panelas, bandejinhas, latinhas e perfis); metais não ferrosos (sucata, raios-X, fio condutor, latão, antimônio, cobre, chumbo, inox); plásticos (misto, PET, sacolas, saquinhos, PS, PVC, tampinhas, isopor, PP, PEAD, bombonas de água, frascos em geral); cacos de vidro e demais vidros (garrafas, garrafões, conservas e similares).

terceiro, por não ficar perto da esquina e também entrada da rua, local onde ocorrem constantes brigas noturnas - um espaço que se evidencia por persistentes discussões entre jovens.

A casa onde vive Ida, seu companheiro e seus filhos, é confeccionada com madeiras reutilizadas, possui uma cor azul, cercada por grandes portões de madeira e é protegida por dois cães da raça *Pit Bull*; o que não deixa de chamar atenção, por ser uma residência tão comum com dois cães tão furiosos. O domicílio fica situado em uma das extremidades do terreno; assim, na frente, ao lado e atrás, há muitos espaços, onde geralmente são colocados objetos considerados de algum valor pelos membros da família e que são às vezes encontrados no galpão de triagem. No espaço podem ser encontrados frascos de refrigerantes vazios e plásticos em geral descartados na rotina diária; ainda, é possível perceber cadeiras de plástico com o encosto quebrado, pneus velhos, vasos de plantas, bancos de madeira, sacolas plásticas e outros objetos distribuídos no interior do pátio.

Ida tem passado a maior parte de seus dias, meses e anos, neste galpão, executando as diversas tarefas que dele demandam⁴⁰. A rotina de convivência com este material parece não ser unicamente reservada ao casal e às pessoas adultas. Ida me conta que tem quatro filhos; com exceção do menino de 15 anos, provindo do casamento anterior e que é criado atualmente pela avó, os demais descendentes moram com ela e seu companheiro. Ela me relata que seu filho de 11 anos constantemente separa latas de refrigerante vazias para vender. Em uma entrevista formal Ida me descreve com se dá a relação de seu filho com esse material:

[...] quando eu compro refrigerante, eu vou deixando todas as garrafas para o lado. Hoje mesmo meu guri juntou dois sacos de plásticos e vendeu. Eu sempre limpo o pátio, vejo o que tem de plástico, ou outra coisa, e vamos deixando tudo num canto, aí depois eu peço pro meu guri catar, aí ele vai e vende para ele. Hoje ele vendeu dois sacos de garrafas PET, a gente vai tomando “refri” e vai atirando num canto as garrafas [...]

Assim, podemos perceber que a família de Ida vive relacionando-se cotidianamente com o lixo. Tanto ela, quanto seus pais, companheiro e filhos trabalham, ou mantêm com o

⁴⁰ Ida está afastada do trabalho no galpão há cinco meses por motivo do nascimento de seu último filho, pois decidiu cuidar pessoalmente dos seus primeiros meses de vida. Seus planos são de voltar ao trabalho o mais breve possível, a fim de ajudar nas despesas familiares.

lixo alguma espécie de relação cotidiana. A história de Ida não deixa de ser um protótipo de muitas outras, narradas por moradores da Ilha Grande dos Marinheiros. Aprendi com ela que o lixo organiza a vida cotidiana das pessoas que com ele mantém um certo relacionamento, percebi que ele pode ser um agente de ordenação de seu mundo; uma vez que ordena seu espaço familiar, de trabalho, de lazer, assim como seu tempo e atividades.

Primeiramente, é necessário esclarecer esta percepção. De que forma o lixo passa a ordenar e organizar o mundo destas pessoas? Sugiro que menos pelo fato de estar presente diariamente do que pelo valor que é atribuído a ele pelas pessoas que com ele se relacionam. Logo, entendo que o lixo possui um lugar particular na Ilha, posicionando-se em um certo sistema simbólico de crenças em relação a ele. Para as pessoas que com ele trabalham e convivem de forma sistemática e contínua, fazendo dele seu meio de sustento, o lixo passa a ter um valor positivado, passa a ser visto enquanto um material limpo, bom, positivo e não perigoso. Essa visão particular sobre o lixo refere-se ao lugar que ele ocupa na vida das pessoas, o que pode ser mais bem entendido quando refletimos à luz de Mary Douglas⁴¹.

Analisando as regras dietéticas em seu estudo intitulado “Pureza e Perigo”, Mary Douglas (1966) parte da concepção de que a “poluição” é essencialmente “desordem” e que esta não pode ser considerada absoluta, mas deve estar relacionada ao conjunto em que se insere e ao olhar de quem a vê; isso possibilita a observação de que a sujeira faz parte de uma série de eventos que ofendem a ordem. Logo, podemos indagar se podemos considerar o lixo na Ilha de uma forma tradicional, enquanto sujeira, poluição, ou desordem; uma vez que ele é descartado por toda uma população que não o quer, justamente por ofender a ordem de seu cotidiano, portanto, devendo ser perseguido e eliminado, com o intuito de se reordenar o ambiente em que se vive. Ora, parece que não podemos partir dessa indagação, uma vez que o mundo dos ilhéus não busca a eliminação do lixo, mas sim, seu encontro, classificação e distinção.

O lixo, como pudemos perceber através da história de Ida, faz parte do cotidiano dos ilhéus que com ele trabalham; e estes o dotam de um valor diverso do tradicional. As pessoas que com ele executam seus ofícios não tentam suprimir esse material de seu

⁴¹ Não poderia deixar de reconhecer aqui as valiosas sugestões proferidas pelo professor Bernardo Lewgoy ao meu objeto de pesquisa, relacionando o lixo às categorias de pureza e impureza, propostas por Mary Douglas.

cotidiano, não buscam a sua eliminação; pelo contrário, percorrem as ruas ao seu encontro, o procuram cotidianamente, percebendo nele um agente de ordenação de seu mundo. Mais notadamente, o lixo compartilha com as pessoas de seu universo, dele fazendo parte, de forma ordenada. O lixo não ofende a ordem pela qual o mundo das pessoas que com ele convivem se organiza, pelo contrário, ele faz parte dela. Ele não confunde o esquema geral através do qual o mundo se ordena e é visto, ele próprio é o agente ordenador.

Podemos apenas considerar como impuro, sujo e desordenado aquilo que confunde o esquema geral através do qual o mundo se ordena (DOUGLAS, 1966). Portanto, o lixo pode ser percebido enquanto uma das bases da ordenação do mundo na Ilha por duas razões: a primeira refere-se ao fato de que dele vivem e convivem grande parte de sua população, diariamente; a segunda diz respeito ao valor que a ele é atribuído por estas pessoas, um valor que equivale à limpeza, à pureza. Através da história vista anteriormente, percebemos que o lixo convive com estas pessoas, muitas vezes, desde a infância; eles relacionam-se com este material e com o trabalho de catar e separar desde que eram bem pequenos, portanto, o lixo ordena seu mundo, tanto familiar quanto de trabalho, sendo a ele atribuído um valor diferenciado do tradicional.

Quando indago a Ida se o material com que trabalha é limpo, a resposta é positiva, o lixo é associado à limpeza; entretanto, faz ressalva a alguns materiais que não deveriam estar misturados ao lixo, estes sim, correspondendo à sujeira:

[...] vem muita coisa que não deveria vir. Não entra na cabeça das pessoas que elas poderiam separar mais; tipo assim, às vezes vem vidro quebrado, as pessoas poderiam enrolar, para gente que está lá trabalhando não se cortar, né, mas não, misturam vidro quebrado junto com comida, com plástico, estas coisas. Tipo fralda descartável que não é aproveitável, eles não deveriam misturar com o resto do lixo. Então, vem muita sujeira, muita coisa que não deveria vir.

Como podemos perceber através da fala de Ida, a sujeira está relacionada àqueles materiais que não deveriam estar misturados ao lixo que é potencialmente reciclável, que é característica do lixo com que ela trabalha⁴². No seu relato, demonstra claramente que “vem

⁴² Conforme me relatou Ida, o lixo que é levado ao galpão de triagem é recolhido pela Prefeitura de Porto Alegre nos dias de coleta do lixo seco, potencialmente reciclável; porém, a população não descarta apenas o seco, sendo possível encontrar materiais diversos misturados a este, que não possuem potencial para a reciclagem. Em decorrência disto, o lixo que chega aos galpões, apesar de ser na maioria seco, também consiste na mistura de seco com orgânico em geral.

muita sujeira, muita coisa que não deveria vir”. A sujeira, nesse sentido, está relacionada à desordem e a tudo aquilo que está naquele momento ofendendo a ordem de organização do mundo destas pessoas; ou seja, refere-se ao lixo que não é reciclável e que está a ele misturado. O lixo reciclável, entendemos, não está enquadrado na categoria de materiais considerados impuros, uma vez que localizado exatamente onde deveria estar, no dia a dia dos ilhéus.

Com Ida aprendi que o lixo com potencialidade para a reciclagem não é considerado lixo, na acepção tradicional da palavra; com o tempo, com a observação e as entrevistas, pude perceber que esse mesmo sentido é compartilhado por muitos dos ilhéus que mantêm com este material um relacionamento diário. Poderia aqui multiplicar os depoimentos de informantes que não associam este tipo de lixo à sujeira, relacionando sujeira apenas com aqueles materiais que não podem ser reaproveitados; frases como “a sujeira é o que fica no chão, o que não dá para reciclar” são recorrentes quando os informantes são incitados a associar ao lixo uma valoração em termos de sujeira ou limpeza.

2.1.2 O lixo como valor

Dumont, analisando o contraste entre “Brâmanes” e “Intocáveis”- categorias sociais distintas encontradas na Índia - através das oposições pureza/impureza, avalia que “não se deve perder de vista a complementaridade entre puro e impuro, e entre suas expressões nos grupos sociais” (DUMONT, 1992: 98). Analisa que existe entre essas oposições algo de interdependência, em que as duas metades que se opõem, também se complementam, numa relação hierárquica. Esse pressuposto Dumondiano parece enquadrar-se bem no contexto social da Ilha Grande dos Marinheiros, uma vez que o lixo - apesar de ser considerado puro em um nível superior de análise, mais englobante, pois faz parte da organização do cotidiano das pessoas - também possui seu lado impuro, sujo e desordenado - em um nível inferior de análise, mais englobado-; ou seja, há algo no lixo em geral que se distingue do todo, devendo ser perseguido, eliminado, pois dele difere: é todo o lixo que não pode ser reciclado, reaproveitado; são as sobras de comida, as fraldas descartáveis, os animais

mortos, o papel higiênico; logo, todo material que está amalgamado aos demais, porém não deveria estar junto com o lixo que é reaproveitável, por isso, devendo ser discriminado, separado e eliminado. Através da história de Márcia podemos compreender com mais clareza essa dinâmica valorativa do lixo.

Márcia, uma informante de 39 anos, moradora da Ilha desde seu nascimento, trabalha separando o lixo em sua residência. Contou-me que tem dez filhos, porém “com vida apenas nove”, sendo que destes, as meninas não casadas, e que moram em sua casa, a ajudam na tarefa da separação do lixo. O genro de Márcia, casado com sua filha Andréia, é que “puxa de carroça”, uma vez que seu marido, um dos raros habitantes da Ilha que não trabalha com lixo, labora como auxiliar em uma lavanderia no centro da cidade de Porto Alegre.

A residência de Márcia parece ser uma das menores da Ilha; o pátio, aos olhos de um estrangeiro, parece ser um dos mais desordenados, visto que não é possível, a uma primeira vista, entender o espaço físico a sua volta. A casa é feita em madeira reaproveitada, como muitas outras da Ilha, de aparência velha e acinzentada; foi confeccionada elevada do chão, possuindo uma alta escada que a leva à porta de entrada. O pátio é bem espaçoso, nele está disposta além da casa de Márcia, a casa de uma de suas filhas casadas, Andréia; encontramos ainda no pátio um pequeno galpão ao fundo, onde ficam o cavalo e o espaço onde se realiza a separação do lixo. No centro do pátio normalmente fica estacionada a carroça e ao seu redor muitos sacos de lixo que devem ser levados para o interior do galpão. Muitos outros objetos sem aparente utilidade, assim como resíduos que não foram aproveitados na separação, ficam dispostos no pátio, a céu aberto: sacos plásticos, latas vazias, papéis de todos os tipos, excremento de cavalo, barro e restos de materiais de construção.

Sempre que ia à Ilha passava em frente à casa de Márcia, pois se localiza entre as primeiras da rua principal, “na ponta”, como se referem os ilhéus; porém, sempre que passava não entendia muito bem a disposição do terreno e dos objetos nele inseridos. Entretanto, quando fui à casa de Márcia com intuito de entrevistá-la formalmente pude observar todo o ambiente com cuidado e minúcia, uma vez que ficamos sentadas no centro do pátio conversando. Neste dia, encontrei a informante em um momento inusitado; era um sábado, pareciam estar todos em casa, pois o pátio estava repleto de jovens e crianças

sentados pelo chão ou sobre tijolos e pedaços de madeira. Márcia estava sentada em um banco no meio do pátio, atrás da carroça, com duas de suas filhas ao redor, pintando seus cabelos.

Ela recebeu-me com alegria e simpatia de sempre, pediu para que sentasse a sua frente, falando com voz alta para todos os demais que se encontravam no local para que ficassem quietos, pois ela seria entrevistada. Enquanto conversávamos, teve seus cabelos pintados, alimentou sua filha mais nova em seus seios, bem como delegou diversas ordens para algumas de suas filhas, como por exemplo, que cuidassem do bebê e alimentassem os mais jovens. Nesta oportunidade observei o espaço físico de seu pátio que há muito me intrigava, bem como fui entendendo aos poucos sua ordenação.

Neste mesmo pátio - repleto de materiais que aos meus olhos não poderiam ser considerados outra coisa, senão lixo, materiais que não deveriam lá estar localizados-, Márcia alimentou seu bebê, enquanto as outras crianças brincavam e comiam o lanche por mim oferecido, os jovens conversavam, recebiam amigos e vizinhos, ao mesmo tempo em que recebiam pessoas estranhas, no caso, a pesquisadora. Assim, o ambiente transformou-se num espaço ordenado aos meus olhos, repleto de materiais que não eram considerados lixo pela família de Márcia, mas antes, parte do ambiente, uma vez que não considerados desordenadores de seu mundo.

Márcia me conta que seu genro responsabiliza-se por ir buscar de carroça, duas vezes ao dia, o lixo que será separado no pequeno galpão ao fundo do terreno; ele deixa o lixo encontrado no meio do pátio, que posteriormente é levado para dentro do galpão por Márcia e suas filhas. O lixo que está nos sacos, dessa forma, às vezes é aberto ali mesmo pelas crianças, na ansiedade de encontrar algo que as agrade; ao mesmo tempo em que também é levado para o galpão, a fim de ser classificado e embalado. Por conseguinte, o lixo acaba por se espalhar por toda a parte, compondo com o ambiente um todo organizado e ordenado. Essa avaliação parte do pressuposto que o lixo está exatamente onde deveria estar, ali é o seu lugar, seu lócus de existência. Percebemos, então, que é exatamente no meio deles que as crianças brincam, se alimentam, que os jovens conversam, que se divertem e tem seus momentos de lazer. É ali também, ao seu redor que recebem visitas, como fui muito bem recebida; como é também neste ambiente que trabalham e buscam o sustento diário.

Este lixo que permanece ao seu redor, todavia, não é de todo indiscriminado; ao mesmo tempo em que é percebido como parte do ambiente, algo que o ordena, conseqüentemente sendo limpo e puro, também se faz necessária uma distinção. Quando indagada sobre o caráter do material com que trabalha, se seria sujo, Márcia me responde com certeza, que não. Porém, avalia: “eu só separo o limpo, o sujo eles não levam, o que é bom eu coloco num canto para vender e o sujo na frente para o caminhão levar”. Quando pergunto sobre o que seria este material sujo, Márcia não tem dúvidas: “papel higiênico com ‘moddes’, papel ‘todo cagado’, fraudas de nenê”. Percebo que a quantidade dos materiais que não fazem parte do ambiente é considerada pequena em relação aos materiais que são aproveitáveis, por isso aqueles não chegam a por em risco a organização do local⁴³.

Percebe-se, desta forma, que há uma distinção na totalidade do lixo, em geral ele é considerado limpo, um material que faz parte da organização do ambiente, não ferindo sua ordenação. Entretanto, neste todo coerente há materiais que não servem, que perturbam a ordem, que não deveriam estar lá; estes, no entanto, devem ser eliminados. Assim, há uma complementaridade deste material, como supôs Dumont (1992), existe uma interdependência entre a pureza e a impureza, convivendo juntas, uma não vindo sem a outra. Ao mesmo tempo em que, numa ordem hierárquica, dotam o lixo de um valor positivo, percebem em seu interior algo de negativo, que faz parte dele, mas que se difere da totalidade.

Através de Márcia pude entender o quanto o lixo pode ter significados diversos; vários outros moradores da Ilha e que convivem com o lixo possuem posicionamento semelhante. Quando indagados sobre a limpeza deste material, em geral, não há dúvidas na resposta, o material é limpo; porém, entre este lixo, há variações, existem materiais que definitivamente não deveriam estar misturados ao todo, pois dele diferem em termos valorativos. Ou seja, a ordem de seu mundo não corre risco com a presença do lixo, antes este a organiza; porém, alguns materiais possuem valor diverso deste, estes sim, desorganizam e desordenam seu universo.

⁴³ É importante ressaltar que o genro de Márcia, carroceiro, conforme foi me revelado por esta, recolhe o lixo nos dias em que a população da cidade descarta o lixo seco, mas também o faz nos dias do lixo orgânico, uma vez que neste também podem ser encontrados materiais reaproveitáveis; isso demonstra, portanto, que o caráter do lixo que passa pela casa de Márcia possui uma heterogeneidade intensa, chegando ao seu lar extremamente misturado, amalgamado a todos os tipos de materiais que podemos imaginar.

2.2 Noção de pessoa e construção identitária através da diferenciação com o outro

Foi através do contato e das diversas conversas formais e informais com diferentes sujeitos que trabalhavam com o lixo na Ilha Grande dos Marinheiros que pude perceber o quanto persiste entre eles um modelo de pessoa, relacional, holista, que integra um sujeito aos demais membros do seu grupo, bem como à ordem de seu mundo, de seu ambiente diferenciado. A percepção que foi possível extrair após muitas idas àquele local tão peculiar foi de que a pessoa parece estar amalgamada aos seus e ao seu ambiente, de tal forma que é difícil dissociá-la. Em diferentes situações perdura entre eles um sentimento de comunidade, de unidade, de pertencimento a um grupo com características muito similares. Esse sentimento tem sido descrito, pela literatura antropológica e outras, como parte de características de grupos urbanos de baixa renda, pessoas que em diversas ocasiões se autodenominam de “pobres” (DUARTE, 1986). O critério principal, por conseguinte, sobre o qual apoio a nomeação preferida do grupo é o da auto-representação, que será privilegiada neste trabalho; isso se verifica, deste modo, uma vez que as pessoas com as quais mantive contato fizeram alusão a sua condição de pobres, através de expressões como “nós, os pobres”, “para a gente que é pobre”, “para quem vive em comunidade pobre”.

Duarte (1986), analisando as classes trabalhadoras urbanas, julga que os grupos só existem porque dotam de sentido o lugar onde se encontram, expressando uma organização própria, com uma valoração qualquer do universo em um determinado nível ou situação. À luz de Duarte (1986), sugiro que as pessoas com as quais mantive contato possuam uma forma particular de identificação, que pode ser expressa ao nível de uma “identidade contrastiva”⁴⁴; neste caso, esta consiste no sentimento de pertencimento a um grupo, a uma comunidade, uma vez que os sujeitos dotam o lugar específico em que vivem, no caso a Ilha, de um sentido particular, expressando uma organização específica, com valores

⁴⁴ Duarte (1986) avalia que determinados sinais descritivos de uma “cultura das classes trabalhadoras urbanas” só vêm a ganhar corpo ao nível de uma “identidade contrastiva”, que pode ser percebida através de determinados eixos. Um deles revela a nítida oposição entre nós e eles, por meio de um núcleo de valores acionados para demarcar a oposição entre os grupos, contrastando um mundo que é “de fora” de outro que é “de dentro”. Outro eixo seria aquele que provoca a evocação de um núcleo de valores também “para dentro”, servindo como critério de segmentaridade entre o próprio grupo “nós”, baseando-se em certas gradações morais. Sobre identidade contrastiva ver ainda Oliveira (1978).

próprios em determinadas situações de oposição que se revelam através da dualidade nós/eles.

Um primeiro dado revelador dessa forma de identificação está na consideração por parte de meus informantes de que a Ilha é um lugar de recicladores, de catadores, de carroceiros, em suma, de pessoas que trabalham com o lixo. Consiste em uma forma particular de ver o seu universo, de valorá-lo, o percebendo enquanto um lugar específico, dotado de características genuínas e habitado por um certo tipo de pessoa. Quando pergunto sobre os demais ofícios possíveis de serem realizados na Ilha, os pesquisados informam os trabalhos relacionados ao lixo, percebendo poucas alternativas. A pesca, o corte de capim para alimentar os animais, o trabalho em “firma” fora dos limites da Ilha, são apenas algumas possibilidades vislumbradas; todavia, o trabalho com o lixo parece predominante em suas percepções. Quando pergunto a Ida sobre outras possibilidades de trabalho, a informante relata:

A maioria é só lixo, é separando lixo. Quem não trabalha no galpão, tem carroça e cata em casa. Então, parece que o pessoal aqui só sabe é trabalhar com lixo, né. São raras as pessoas que trabalham fora, que trabalham em firma, são raras, a maioria é com carroça, catando lixo.

O que nos descreve Ida, buscando demonstrar-nos um local onde a relação com o lixo é prevalecente, presente na sua percepção e realidade objetiva, parece ser recorrente entre os ilhéus. Cacilda, 29 anos, que será mais bem conhecida subseqüentemente, respondendo a questão das alternativas de trabalho na Ilha, também fornece uma narrativa semelhante:

Não tem, só com a reciclagem [...] As pessoas fazem o que sabem, os pais já trabalham com isso, os filhos já aprendem e já continuam, ninguém sai, ninguém estuda, ninguém faz curso, ninguém faz nada, seguem a mesma vidinha de sempre [...] É como eu te falei, os filhos aprendem a trabalhar com os pais. As crianças estão brincando ali na rua, daqui a pouco já aparece um plástico e elas vendem para comprar uma bala, isso e aquilo, elas aprendem.

Essa dimensão de identificação, de certa forma, aproxima as pessoas uma das outras, percebendo no outro algo de si; resultando, em um determinado nível de análise, no

agrupamento de sujeitos, que se percebem enquanto pertencentes a uma mesma categoria de pessoas. Quando indagados se gostariam de viver em algum outro lugar, que não na Ilha dos Marinheiros, meus informantes são unânimes ao dizerem que “a vida na Ilha é um pedaço do céu” (Fátima, 53 anos), ou ainda que “não tem lugar como a Ilha, a Ilha é melhor” (Tataca, 40 anos). Uma das únicas perguntas que não havia variação de valor na resposta relacionava-se à vida na Ilha; sentia-me impressionada pela valoração sempre positivada dos ilhéus associada ao lugar em que vivem, apesar das grandes dificuldades objetivas que às vezes me relatavam. Semelhante a todos com quem conversava, Ida não cansava de repetir-me: “Aqui é um paraíso”.

Com o tempo fui percebendo que a Ilha trazia aos meus informantes um sentimento de coletividade, de pertencimento a um grupo, o que fazia com que em determinadas situações se identificassem uns com os outros, diferenciando-se daqueles que diferiam do conjunto em determinados aspectos. Essa dimensão característica do grupo não deixa de referir-se ao que Duarte pondera ser uma propriedade do caráter hierárquico holista da cultura das classes trabalhadoras urbanas, quando estima que o primeiro ponto de distinção deste fenômeno é o da “preeminência explícita e direta do ‘grupo’, ‘da coletividade’, da ‘comunidade’ sobre aquilo que chamamos e valoramos como a ‘individualidade’” (DUARTE, 1986:136). Parafraseando o autor, a experiência, bem como a sensação de que pertencem a um grupo, é algo que prevalece e condiciona a instituição de pessoas diversas e hierarquizadas no interior dessa configuração holista. A história de Tataca, penso, pode nos ajudar nesta compreensão.

Tataca (40 anos) ofereceu-se certo dia para fornecer-me uma entrevista formal. Eu já a conhecia há algum tempo, aproximadamente dois anos, pois ambas trabalhamos em um mesmo projeto organizado pela Prefeitura de Porto Alegre⁴⁵. Sempre que eu ia à Ilha encontrava Tataca no caminho e reservava-lhe apenas minha habitual saudação; uma vez que procurava sempre conhecer novas pessoas, não havia sentido interesse em entrevistá-la, até aquele momento. No entanto, foi justamente ela que me interpelou, perguntando se não gostaria de entrevistá-la, como fazia com outras pessoas, dizendo-me que ela também

⁴⁵ Projeto Coletivos de Trabalho, organizado por vários setores da Prefeitura de Porto Alegre, executado principalmente pelo DMLU.

trabalhava com o lixo, “a vida toda”. Aceitei a oferta, uma vez que a informante com a qual havia marcado uma entrevista não havia comparecido.

Tataca vive em uma residência localizada no lado sul da Ilha, trabalha como recreacionista na creche mantida pelo clube de mães na parte da tarde e pela manhã separa lixo em sua residência. É uma das poucas pessoas com que manteve relações que possui mais escolaridade, que teve a oportunidade de concluir o ensino médio. O que me chamou a atenção na conversa com Tataca foi o seu sentimento de pertencimento a um grupo, a uma comunidade, diferenciando-se continuamente dos “ricos”. O lado sul da Ilha é característico por abrigar casas de moradores mais abastados, “mansões”, como me declarou. Contou-me Tataca que o lado Sul da Ilha possui características que não se conformam com a realidade objetiva desta, diferenciando-se da totalidade. Um trecho de sua entrevista mostra com clareza o sentimento de Tataca de diferenciação com este grupo:

Para o pobre se torna melhor morar na Ilha, aqui os ricos não querem, né, a vontade deles era tirar nós daqui. Eles vão se chegando, a vontade deles é tomar conta da Ilha e tirar o pobre. A vontade deles era tirar tudo. Aqueles terrenos lá da ponta que foram invadidos, eles venderam aqueles terrenos, tiraram o que puderam, 40 mil, 50 mil, eles tiraram a maioria dos moradores dali, muitos que criaram os filhos ali. Mas já do 700 para cá eles não conseguem tirar as pessoas porque as pessoas querem bastante pelo terreno. Eles chegam perto de nós e perguntam, “se vocês fossem vender por quanto vocês venderiam?”, mas nós não pretendemos vender, aqui é de uso de todos, mas se fosse para vender mesmo, por menos de 300 mil ninguém venderia. Lá sei eu, a gente ficou dentro de uma ilha meio privada, entendeu? Tipo assim, ficou muro para os dois lados, ficou privado. Ficou muro de foras a fora, que tu não consegues enxergar nada para o lado de lá. E casas bonitas, dos dois lados da rua, e se é a gente que é pobre e vai construir a Prefeitura vem e embarga, multa, já os ricos eles nem se importam, chegam ali, dão uma multinha, o dinheiro fala mais alto, né. Que nem aterro, se tu aterrar eles te multam, até processam, agora os ricos é aterro dia e noite, noite e dia, e fica tudo por isso mesmo.

Esse trecho da entrevista de Tataca é longo, porém importa citar na medida em que explicita claramente o quanto a informante diferencia-se dos “ricos” do lado sul, ou seja, daqueles que não compartilham de valores que são comuns no seu grupo. Ao mesmo tempo em que há uma diferenciação com um determinado grupo, há uma identificação com os seus, um sentimento de pertencimento que se evidencia principalmente com os moradores do lado norte, maioria formada por pessoas que trabalham com o lixo. A cunhada de Tataca, Jane (39 anos), que reside no lado norte atualmente, que também conversava

conosco na ocasião desta entrevista, explica esta dimensão da identificação a uma comunidade:

Depois que a gente conhece os dois lados [norte e sul], como eu hoje em dia, tudo depende da maneira como tu te colocas com os vizinhos. Mas assim em termos de melhorias acredito que o lado sul tenha mais melhorias, lá as pessoas são mais para elas mesmo, aqui é a comunidade mais pobre mesmo. Para lá tudo já virou muro, então seria muito difícil a pessoa que está acostumada aqui com a vizinhança, porque lá já é meio retirado. Hoje em dia, para gente que mora na comunidade, a comunidade está aqui, não lá. Lá já foi como aqui, com muita vizinhança, com vizinhos, hoje em dia não, tem meia dúzia de pessoas ali. Hoje em dia as pessoas saíram do lado de lá e passaram para o lado de cá.

Esse sentimento de Jane e Tataca não é isolado; é recorrente ouvir as pessoas falarem que a Ilha funciona como uma comunidade, com uma determinada solidariedade interna entre seus vizinhos, o que os aproxima e identifica. Porém, a diferenciação não ocorre apenas com os “ricos” do lado sul, mas parece ser acionada sempre que se relacionam as pessoas que moram na Ilha com outras que nela não vivem. Ida relata-me que antes de morar na Ilha, quando criança, residiu em outra cidade, como já mencionado anteriormente; porém, avalia que não há lugar melhor para se viver do que a Ilha, e isto se verifica por uma série de razões. A passagem abaixo externada por Ida mostra-nos as diferentes razões que faz com que ela se identifique com outros moradores da Ilha:

[...] aqui a gente tem amigos, tu conversa com os vizinhos. E lá era assim, tu cuida da tua vida e ninguém te olha. Tu não tens um vizinho, ou os vizinhos não são de conversar, são daqueles que fecham o portão, fecham a casa, e são eles na casa deles e tu na tua casa. Aqui não, aqui a gente sai, vou na casa de uma amiga, a gente conversa, lá a gente não saía, não tinha nem amizade. Lá eles eram tudo “cheio”, até no colégio, ninguém conversava, cada um para si, está loco, eu não gostava. E aqui não, a gente tem bastante amizade, a gente conversa, vai na casa de um, na casa de outro, eles vem na casa da gente. Lá ninguém vinha na nossa casa, a gente não ia na casa de ninguém, porque não conversava com ninguém. Por isso eu gosto daqui, aqui eu conheço bem dizer todo mundo. É só perguntar onde mora fulana, todo mundo sabe. Aqui todo mundo se conhece. Em outros lugares não, Cachoeirinha, Alvorada, ninguém conhece ninguém, ninguém sabe de nada, ninguém dá informação, ah, eu não gostava.

É interessante notar a semelhança entre o que relata Ida do lugar em que morava anteriormente e a fala de Tataca sobre o lado sul, ou seja, os valores acionados no momento

da diferenciação são os mesmos: o valor da vizinhança, da cooperação, do conhecer e ser conhecido, o valor do “portão aberto” e não dos “muros altos”. A falta de comunicação entre os vizinhos, a falta de conhecimento sobre eles e sua vida, torna-se um fator de distinção, de diferenciação. Ida não gostava de sua antiga residência em outra cidade porque lá ninguém se conhecia, ninguém ia a sua casa, como também não ia a casa de ninguém, ou seja, não se sentia pertencente a grupo algum. Todavia, a vida na Ilha diferencia-se desse cenário, no momento da distinção, em determinada situação, são acionados valores que são característicos de grupos hierárquicos holistas, como lembrou Duarte (1986).

2.3 Teoria da Hierarquia na explicação do todo social

Essa dinâmica é mais bem entendida quando a observamos sob a teoria da hierarquia, proposta por Dumont. O autor avalia que a noção hierárquica consiste em um princípio de gradação de determinados elementos de um conjunto em relação a este; nesta perspectiva, a hierarquia seria neste sistema a maneira consciente de referência das partes ao todo, uma “relação a qual se pode chamar sucintamente de englobamento do contrário” (DUMONT, 1992: 370). A hierarquia supõe uma distinção em pelo menos dois níveis, sendo no mínimo bidimensional; em um nível superior, englobante, existe unidade, enquanto em um nível inferior, mais englobado, persiste a distinção. Duarte (1986), inspirado em Dumont, também reflete sobre essa questão, ponderando que na hierarquia pressupõe-se uma lógica de situação, em que esta se distingue pelo valor; ou seja, em uma relação hierárquica é justamente o valor que determina a diferença entre os níveis.

A importância deste modelo também reside na percepção de que há uma mudança de identidade de um nível para outro; assim, uma identidade só é capaz de afirmar-se em função do nível em que ela se encontra no interior de uma totalidade, qualificada por um determinado valor e em relação a uma certa situação. Podemos sugerir, neste sentido, que as pessoas que mantêm no seu cotidiano um certo tipo de relação com o lixo constroem sua noção particular de pessoa, relacional e holista, afirmando-se nesta relação hierárquica, que

conforme Duarte (1986), relativiza a lógica distintiva linear, situando no lugar das relações dualistas simples uma lógica hierárquica.

Sugiro, assim, que em um nível superior - mais englobante - encontramos as pessoas que mantêm algum tipo de relação com o lixo no seu cotidiano - recicladores, catadores, carroceiros -, fazendo parte de uma totalidade holista, identificando-se entre si e diferenciando-se de todos aqueles que não fazem parte de seu universo - dos “ricos”, daqueles que não moram na Ilha e não trabalham com este material particular, o lixo. Neste nível, em que a situação está marcada pelo convívio com um material específico, o lixo, uma série de valores são acionados na identificação, o valor da vizinhança, de conhecer todo mundo e ser conhecido, da família e da reciprocidade. Em um segundo nível - englobado -, percebemos que estes sujeitos se opõem, ao mesmo tempo em que englobados pelo todo, dele sendo parte idêntica, sendo acionados, para tanto, outros valores na esfera da diferenciação. Nesse sentido, podemos apresentar essa dinâmica através do quadro a seguir:

**Moradores da Ilha Grande dos Marinheiros
que mantém relação diária com o lixo**

1º Nível	Recicladores = carroceiros = catadores
2º Nível	Recicladores X Carroceiros X catadores

Proponho, dessa forma, que em um primeiro nível de análise as pessoas que se relacionam com o lixo em seu cotidiano estejam agrupadas em uma única categoria, elas se

assemelham, pois, como já vimos anteriormente, percebem viver em uma “comunidade”; dotam o lixo de um valor diferenciado e percebem-no enquanto um fator de ordenação de seu mundo, possuindo práticas diárias que são constantemente atualizadas em função disto. Neste nível, é acionada uma identidade que os opõem a outros grupos, àqueles que não compartilham de iguais valores e percepções. Em um segundo nível sugerimos que estas mesmas pessoas se diferenciam, que percebem entre si determinados contrastes, o que as faz acionar uma outra identidade, opondo-se entre si. Antes, porém, de verificarmos esta oposição, tratemos de esclarecer mais alguns pontos que perfazem o primeiro nível; ou seja, busquemos o entendimento de outras categorias que aproximam estas pessoas, como a reciprocidade, o valor família, os papéis de gênero e o estigma.

2.3.1 Reciprocidade: um princípio que regula as trocas na Ilha

A fim de buscarmos um melhor entendimento sobre o mundo construído no interior da Ilha, e que caracteriza a identificação entre as pessoas, torna-se importante examinar as diferentes trocas que se viabilizam no cenário constituído, a partir da articulação entre vizinhos e parentes. Essas trocas informam reciprocidade, que ora aparecem sob a forma de solidariedade, ora de conflito; mas antes, demarcam limites que são construídos diariamente na tentativa de manter a rede de ajuda entre os moradores.

À luz de Mauss (1988) podemos compreender os diversos vínculos que se encadeiam no interior deste grupo de pessoas que percebem no lixo um agente ordenador de seu mundo, através do entendimento das relações de dependência e sociabilidade travadas no contato cotidiano. Analisando as razões e a forma da troca nas sociedades ditas primitivas, Mauss (1988) reflete acerca do conceito de reciprocidade, consistindo num princípio de prestações e contra prestações, ditas voluntárias, todavia, obrigatórias. Persiste, subjacente ao princípio da troca, uma motivação de interesses econômicos, ao mesmo tempo em que simbólicos.

O autor salienta que o princípio da reciprocidade fundamenta-se numa obrigação que se exprime de maneira simbólica, traduzindo a forma como as pessoas estão imbricadas

umas nas outras. O sistema de troca refletido por Mauss (1988) expressa-se em diferentes dimensões da vida cotidiana, envolvendo-se em todos os aspectos que compreendem as trocas realizadas pelos sujeitos, sejam elas econômicas, religiosas, jurídicas, morais, políticas, estéticas, familiares, etc. A obrigação que rege o sistema de “dar-receber-retribuir” é imposta por um princípio econômico, entretanto, antes moral.

O princípio da reciprocidade, destaca Mauss, aproxima as pessoas e agrupamentos através da manutenção de vínculos que são efetivados nas trocas concretas de presentes, objetos, gentilezas, favores, que são “em teoria voluntários, na realidade obrigatoriamente dados e retribuídos” (MAUSS, 1988:53). Entrar num sistema de reciprocidade representa ter com quem contar, significa que se tem a obrigação de ajudar, de retribuir, de assumir uma dívida moral. O autor chama a atenção para o aspecto conflituoso das trocas, uma vez que elas não se sustentam somente em elementos de natureza solidária, mas sim, ordenam-se a partir de práticas recíprocas, em que o conflito passa a atuar de forma inerente a elas.

A obrigatoriedade da contraprestação da dádiva

Foi através de uma narrativa exposta por Márcia que compreendi o quanto este sistema de prestações e contraprestações elaborado por Mauss (1988) pode estar presente na realidade objetiva de grupos sociais de nossa época. A obrigação de retribuir mostra-se nitidamente em uma história exposta pela informante. Márcia me conta que o terreno onde mora fora há muito tempo doado ao seu pai por uma vizinha, Cassandra. Esta mora atualmente em frente a casa de Márcia, mantendo com esta uma rede de reciprocidade conflituosa, entretanto obrigatória. A informante me conta que seu pátio é livremente vigiado e utilizado por Cassandra, não havendo nada que se possa fazer para impedir tal evento, posto que foi justamente tal vizinha que outrora ofereceu o terreno de presente para sua família.

A forma de controle que Cassandra exerce sobre a família de Márcia é representada pela “fofoca”⁴⁶; ou seja, continuamente lhe são lançados olhares indiscretos, perguntas e comentários constrangedores a respeito do comportamento dos membros da sua família.

⁴⁶ Sobre a fofoca como uma forma de controle em classes populares ver Fonseca (2000).

Márcia, avaliando o comportamento da vizinha Cassandra, relata-me um dos motivos que geram comentários alheios:

As pessoas falam muito, cuidam muito da vida da gente; eles falam demais, não podem ver nada que já falam da vida da gente. Os vizinhos botam muita ‘pilha’⁴⁷. A minha filha, aquela ali, a Andréia, já não se dá com a minha filha, a Sabrina; por causa das ‘pilhas’ dos outros (fazendo referência à vizinha Cassandra).

Márcia revela-me o quanto não lhe agrada esse tipo de comentário, uma vez que causa constantes desentendimentos familiares; porém, ela nada pode fazer, optando por deixá-la, a vizinha, tomar partido nos assuntos da família, uma vez que já prestara grandes favores no passado. A atitude de Márcia demonstra a obrigatoriedade de retribuir uma dádiva, optando nesta relação, pela manutenção da rede de ajuda na vizinhança. Mauss avalia que neste relacionamento “dá-se porque se é forçado a isso, porque o donatário tem uma espécie de direito sobre tudo o que pertence ao doador” (MAUSS, 1988: 69). O que revela que neste tipo de ligação entre os vizinhos, além dos proprietários atuais do terreno, à vizinha Cassandra também lhe reservaria um certo direito sobre ele, obrigando a Márcia a retribuir uma dádiva passada⁴⁸.

Em outros termos, tanto a forma de controle exercida pela vizinha no terreno de Márcia, quanto a sua forma de utilização, tem caráter obrigatório. A informante explica-me que em sua rotina diária é necessário utilizar o rio como depósito de dejetos, uma vez que em sua residência não existe sanitário, ou algo que possa ser utilizado para esta finalidade. Por morar na beira do rio, esta atividade parece facilitada para sua família, não fosse o inconveniente de ser exercida também pela vizinha Cassandra. Conforme me relatou, Cassandra deposita todos os dias os dejetos de sua família atrás da residência de Márcia, no rio, tendo de passar constantemente por seu terreno. Esse tipo de postura nunca animou

⁴⁷ A palavra “pilha” aqui está sendo utilizada como gíria, no contexto em que está empregada pela informante Márcia, significando uma forma de incitação, estímulo; ou seja, a vizinha Cassandra estaria estimulando os comentários, incitando desentendimentos a partir deles.

⁴⁸ É interessante perceber o quanto este princípio de prestações e contraprestações atinge vários moradores, que ora estão presentes de um lado do sistema, ora do outro, como acontece com Márcia. A informante conta-me que um setor de seu terreno foi doado pelo seu marido a uma vizinha, visto que esta não tinha onde morar; e o curioso revela-se no fato de que é a esta mesma vizinha que Márcia recorre, em momentos de carestia em sua casa, pedindo-lhe emprestado mantimentos diversos. Não tive contato com tal vizinha, mas apontaria que a mesma deve sentir-se obrigada com a família de Márcia, uma vez que desta recebeu um terreno onde viver, retribuindo oferecendo mantimentos quando Márcia necessita.

Márcia, o que resultou em uma atitude drástica de sua parte, deixando certa vez, seu portão chaveado, como me confidenciou; porém, o resultado desejado por Márcia não foi alcançado. Ela avalia o desfecho de sua tentativa: “a vizinha, quando eu deixava o portão chaveado, despejava o balde de qualquer jeito pelo portão, aí não fechei mais”.

A posição da vizinha evidencia que em uma relação em que o princípio esteja calcado na reciprocidade, esta é obrigatória, sob pena de “guerra privada ou pública” (MAUSS, 1988: 56). Não foi difícil para Márcia entender este princípio, pois o portão nunca mais fora fechado, permanecendo aberto, a fim de saudar sua dívida com a vizinha Cassandra e não obter maiores problemas para si e sua família; mantendo ativa, dessa forma, a rede de reciprocidade.

A retribuição é sempre maior do que a dádiva recebida.

O caso de Márcia, analisado anteriormente, demonstra que o sistema de prestação e contraprestação de dádivas, não sugere que o princípio subjacente seja a solidariedade, mas antes, o conflito. Nesse caso, recusar-se a dar, ou a retribuir, é recusar a aliança e a comunhão; incitando, dessa maneira, uma relação conflituosa entre pessoas e grupos (MAUSS, 1988). Sugiro que esse princípio, apesar de não ser externado verbalmente, tenha um valor simbólico, sendo atualizado nas práticas das pessoas com quem manteve contato; a manutenção da rede de reciprocidade entre vizinhos, dessa forma, parece ser uma prioridade, revelando-se nas suas inter-relações e práticas cotidianas. Através da história de Cacilda (29 anos), que já fora mencionada em seção anterior, podemos perceber o quanto “o tempo é necessário para se executar qualquer contraprestação”, uma vez que certas dádivas não podem ser retribuídas imediatamente (MAUSS, 1988: 103).

Cacilda tem sete filhos, destes, está criando apenas o último, nascido há cinco meses. A informante me confidenciou que o motivo pelo qual não deu assistência a nenhum de seus outros seis filhos refere-se ao seu modo de vida anterior, uma vez que se considerava uma “perdida”. Quando se refere a si mesma enquanto uma “perdida”, Cacilda está querendo demonstrar o quanto o estilo de sua vida diferenciava-se dos padrões esperados de uma mãe, pois trabalhava com prostituição. De acordo com o que me contou Cacilda, ela nunca teve uma mãe atuante em sua vida, sendo criada na FEBEM (hoje FPE -

Fundação de Proteção Especial) até os doze anos de idade. Foi neste período que sua mãe foi encontrada morando na Ilha Grande dos Marinheiros, o que fez com que a enviassem para lá, a fim de que a encontrasse. Cacilda avalia que sua mãe nunca teve preocupações maiores com os filhos, em especial consigo mesma, deixando-lhe extremamente livre para fazer o que desejasse de sua vida. Em sua percepção, foi esta atitude de sua mãe que a impulsionou a trabalhar “na vida” para sobreviver.

Na visão de Cacilda foi uma vizinha, Creuza, que lhe ajudou; dava-lhe trabalho, casa, comida, compreensão e amizade. Cacilda avalia esta ajuda proporcionada pela vizinha:

[...] a gente se conheceu, ela era minha vizinha, eu era uma perdida, como eles costumam dizer, eu trabalhava na noite, eu usava drogas, fazia um monte de coisa. Aí ela me deu oportunidade de aprender um bom trabalho, me ensinou a trabalhar com a reciclagem e parar de usar drogas. Aí ela fez eu parar de usar drogas aos empurrões e me ensinou a trabalhar [...].

A vizinha de Cacilda ofereceu-lhe a mais importante dádiva de sua existência, em sua opinião, uma vez que a tirou de uma vida por ela considerada ruim, ensinando-lhe a trabalhar, e principalmente, reservando-lhe confiança e amizade; o que, em sua percepção, não tinha preço, uma vez que esta estava praticamente realizando o papel de sua mãe que, segundo relatara, nunca havia lhe confortado, compreendido e ajudado.

Cacilda julga que Creuza fora para ela a pessoa definitiva, aquela que precisava encontrar para mudar de vida. Hoje, a informante mora com Creuza, porém, ganhou desta um terreno para que more com seus filhos, futuramente. Uma casa está sendo construída neste terreno, subsidiada por Creuza. Cacilda não encontra maneiras de agradecer a dádiva recebida e sabe que estará em dívida eterna com a vizinha. Pondera que, o que pode fazer, neste momento, para retribuir o presente recebido pela vizinha, é garantir a esta que não mais usará drogas e que assegurará o cuidados de seus filhos. O tempo para Cacilda é fundamental, pois julga no futuro poder pagar-lhe por tudo o que vem fazendo por ela. Até este dia chegar, Cacilda é mantida por Creuza sob vigilância diária, a fim de garantir sua nova vida. Através da fala de Cacilda transcrita abaixo podemos perceber esta vigilância:

[...] eu acho que tudo que eu precisava era do incentivo de uma pessoa que puxasse por mim. Porque eu nunca tive ninguém, eu fiquei três

meses na casa da minha mãe, nunca obedeci ninguém, cresci sozinha; aí então quando eu encontrei uma pessoa por mim, aí eu parei e pronto, não fiz mais. Às vezes eu chegava babando e ela brigava comigo, aí eu já sabia, não podia chegar babando. Às vezes ela me mandava embora também, ela era a única pessoa que confiou em mim, que me deu trabalho, que me ajudava com tudo, com meus filhos, com tudo [...] Se não fosse ela, ela que comprava remédio, tudo, para esse agora, é tudo ela que dá. Eu não tenho agora porque decepcionar uma pessoa que me ajudou tanto. Então eu pensava, eu vou parar de fazer porque eu vou chegar e ela vai ver, e tem outra, ela não fala com a boca, é com os olhos [...]

Podemos perceber através do trecho acima que Cacilda sente-se em obrigação com Creuza, pois esta lhe forneceu uma dádiva que não tem como retribuir, a não ser fazendo o que esta lhe ordena; ou seja, passar a ter uma nova vida, longe das drogas, da prostituição, cuidando da melhor maneira seus filhos. Como me disse Cacilda, esta mudança de estilo de vida não é nada fácil, demanda por parte da informante muita força e persistência, uma vez que a vida “na rua” lhe trazia muitas facilidades⁴⁹.

À luz de Mauss (1988, p. 186), sugiro que no momento da retribuição de uma dádiva recebida, é necessário que se retribua mais do que aquilo que recebeu, “a volta é sempre mais cara e maior”. A retribuição possível, percebida por Cacilda neste momento, refere-se a uma mudança de atitude por parte desta; concebida penosa, porém necessária e obrigatória, uma vez que pretende manter a reciprocidade com a vizinha, não incorrendo nas possíveis sanções que a quebra desta poderia lhe acarretar.

Em síntese, essa atitude exercida pelas vizinhas de minhas informantes, oferecendo-lhe terrenos, bem como outras dádivas, é recorrente entre os moradores da Ilha. Diversos outros informantes me relataram casos similares, momentos em que ofereceram ou receberam terras para morar com suas famílias; ficando estes, ora em dívida com os seus doadores, ora cobrando a retribuição da prestação dada. Essa característica também identifica as pessoas na Ilha, ao mesmo tempo em que as diferencia daqueles que não possuem este tipo de prática, que não compartilham da rede de reciprocidade existente no local.

⁴⁹ Cacilda avalia que sua vida no trabalho de prostituição possuía muitas facilidades, uma vez que morava em hotéis, não necessitava lavar roupas, louça ou preparar alimentos. Além disso, conta-me que o valor auferido por este trabalho era muito maior do que seu trabalho no galpão de triagem, o que a faz pensar todo dia em desistir da nova vida.

2.3.2 Dinâmica familiar e gênero

Esta seção procura explicitar outros valores que aproximam os ilhéus com quem manteve contato, resultando em uma base de identificação que se verifica, de um ponto de vista hierárquico, em um nível de entendimento mais englobante, como especificado em subdivisão anterior; assim, a noção de família constitui-se no âmago desta seção, através da forma como esta é objetivada na Ilha, ancorada nas concepções de gênero, que se revelam neste contexto sob forma do marido como provedor e do caráter de “ajuda” do trabalho feminino.

A dinâmica familiar.

A importância do valor família tem sido enfatizada na literatura sobre os grupos de baixa renda no Brasil urbanizado (FONSECA, 1995; WOORTMANN, 1986; JARDIM, 1998). Como analisa Jardim (1998), é através da importância relegada à família que mulheres e homens passam a constituir suas identidades, por meio da execução dos papéis sociais de pais e de mães. O estabelecimento e a manutenção das redes de ajuda são viabilizados pela família que também se ocupa da organização diária do espaço doméstico e de trabalho.

Entendemos, neste trabalho, família como uma “construção simbólica” (WOORTMANN, 1986: 105); ela constitui-se, neste contexto, enquanto uma organização formada não apenas pelo casal e seus filhos, mas também por sua parentela, como irmãos, tios, avós, cunhados, genros e noras, etc. Fonseca (1995) propõe um modelo desse arranjo em que a unidade doméstica não se situa isolada da comunidade; entretanto, abre para esta suas portas, sobretudo, possibilitando uma rede de sociabilidade com a rua. Esses conceitos importam-nos aqui na medida que nos auxiliam no entendimento da dinâmica familiar e da distribuição dos papéis de gênero desenvolvidos pelos ilhéus; uma vez que é no contexto familiar que muitos de seus valores são atualizados, através das práticas cotidianas.

Nesta perspectiva, dois enfoques da dinâmica familiar serão destacados nesta seção; o primeiro refere-se à organização residencial e o segundo à fluidez do espaço doméstico.

Estes serão privilegiados uma vez que capazes de elucidar a dinâmica familiar, nos fornecendo subsídios para um maior entendimento dos aspectos que possibilitam a identificação do grupo e suas práticas.

A dinâmica residencial, nesse sentido, constitui-se enquanto uma faceta fundamental para entendermos o sentimento de pertencimento a uma comunidade, bem como compreendermos as redes de ajuda entre mulheres, homens e seus parentes na Ilha. As observações em campo, bem como as entrevistas possibilitaram-nos averiguar a presença de um vasto conjunto de parentes dos informantes distribuídos pelos arredores de sua residência. Observa-se, dessa forma, que entre a organização familiar de grupos de baixa renda existe uma valorização aos laços de consangüinidade, verificando-se através dos arranjos extensos, que pode ser visualizado pelas ocupações nos espaços de moradia (VICTORA, 1991; AGIER, 1989; FONSECA, 1987).

Víctora (1991), em suas análises sobre moradores da Vila Jardim em Porto Alegre, examina o grau de relevância da proximidade entre as residências de parentes na manutenção das redes de ajuda entre eles. Agier (1989), pesquisando uma vila de Salvador, avalia que muitos dos parentes de seus informantes moram na mesma rua ou terreno destes. Fonseca, no mesmo sentido, ponderando a dinâmica familiar em uma vila porto-alegrense, também percebe dados similares, notando que: “dois terços dos lares estudados são ligados por laços de sangue a outros lares da vila” (FONSECA, 1987: 93). Percebe-se, a partir do estudo de Fonseca (1987), que há uma presença quase constante de parentes dos informantes no bairro, bem como os abrigados temporariamente em seus lares.

A medida que nos aproximamos da Ilha já podemos vislumbrar tal organização familiar; dados etnográficos permitem-nos avaliar que a preferência pelos arranjos extensos parece prevalecente entre meus informantes. Em alguns casos a parentela divide um mesmo terreno, construindo sobre ele diferentes unidades domésticas⁵⁰; em outros, mais numerosos como pude perceber através das observações e entrevistas, os parentes residem em pátios independentes, todavia, próximos uns dos outros. A dinâmica residencial da família de Tataca parece elucidativa dos casos em que em um mesmo pátio convivem vários membros

⁵⁰ A unidade doméstica, também chamada de unidade residencial ou lar será aqui entendida enquanto o local de moradia de uma família, identificada pelos moradores através dos limites entre elas, que pode ser uma porta de entrada, uma pequena cerca, uma escadaria, etc. (FONSECA, 1987).

da mesma família, constituindo-se em diferentes unidades residenciais. A informante contou-me que divide um mesmo pátio com o seu pai e a família de seus quatro irmãos:

[...] minha mãe morreu e meu pai mora lá no mesmo pátio que eu, mas em casa separada. No meu pátio moro eu, a Maria, a Neuza, o Afonso e a Ema. Meu pai tem a casa na frente, detrás da casa de meu pai tem o Afonso, detrás da dele tem a da Ema, detrás da dela tem a minha, detrás da minha tem a da Neuza, e atrás tem a Maria.

A organização presenciada na família de Tataca é recorrente entre as pessoas com quem travei relações na Ilha; porém, a maioria de meus informantes avizinha-se de sua parentela, no entanto, residindo em pátios diversos. Isso se verifica talvez pelo valor auferido aos terrenos, que pode ser muito variado⁵¹ e pela rotatividade entre eles. De acordo com meus informantes, não é difícil comprar um terreno na Ilha, trocá-lo por outro de sua preferência, ou mesmo ganhá-lo de um parente ou vizinho. Parece comum, entre eles, a mudança de moradia dentro dos limites da Ilha; verifiquei que isso acontecia nas famílias em que apenas o núcleo familiar principal, formado pelos pais e seus filhos não casados, residia no terreno⁵². Ida, que mora apenas com seu companheiro e filhos deste, demonstramos como pode se dar esta rotatividade nos locais de moradia:

Eu já morei em vários lugares aqui na Ilha. Já morei lá para baixo, não gostei, morei lá na frente não gostei, achava muita zoeira, lá perto da Márcia, lá na ponta. Morei lá no beco também, do clube de mães, também não gostei, e agora aqui eu gosto. É um cantinho quieto, a gente se dá bem com os vizinhos, aqui ninguém incomoda [...] Meu sonho era morar na beira do rio, quando eu morava no beco eu sempre dizia, eu quero é morar na beira do rio. Aí eu vim para cá, ba, eu adoro só por causa do rio. Principalmente no verão, toda aquela água, a gente toma banho, toca água por cima.

A história de Ida não é única, mais parece um modelo do que se verifica na localidade; diversas outras pessoas me narraram caminho semelhante na escolha de seu local de moradia, em que a opção pelas ruas principais e o lado do rio revelaram-se prioritárias.

⁵¹ Uma informante, Adriana, contou-me certa vez que comprou sua casa por um salário mínimo, no tempo em que participava de um programa organizado pela Prefeitura de Porto Alegre; porém, avaliava que se podia encontrar residências de maior valor, dependendo da localização e distância do rio, local mais valorizado na região.

⁵² Avalio que o fato de residirem em um mesmo pátio apenas pais e filhos talvez facilite nas mudanças residenciais.

Essa mobilidade geográfica costuma efetuar-se menos para fora dos limites da Ilha do que para seu interior, fazendo com que as pessoas vivam grande parte de suas vidas sob suas linhas divisórias. Assim, a proximidade com os parentes é uma realidade, acionando entre eles diferentes formas de trocas que fazem parte da rede de reciprocidade mantida no local, como explicitado em seção anterior; todavia, o caráter da obrigatoriedade da retribuição de uma dádiva, de espécie material ou moral, parece ainda mais iminente quando os envolvidos mantêm laços familiares.

Diferentes informantes relataram-me casos em que as trocas mantidas entre parentes possuem um caráter de obrigação. As trocas efetuadas entre a parentela são diversificadas, podem ser de caráter material, em que a forma de empréstimo é a mais corriqueira, ou de caráter moral, formalizando-se sob a maneira de cuidado com as crianças e idosos. Nestes casos não importa se os parentes moram ou não no mesmo terreno, as trocas são sempre esperadas e objetivadas. Márcia relata-me que empresta constantemente a sua carroça para a irmã Sandra, porém, com um certo temor pelo seu extravio: “Para nós eles pedem carroça emprestada para buscar o papel, a Sandra pede o cavalo emprestado; a gente empresta, mas com medo, assim, se furar o pneu eles tem que colar”.

Márcia conta-me que empresta sua carroça apenas para parentes, mostrando-nos que certos bens materiais não entram na rede de reciprocidade entre vizinhos, mas apenas entre a parentela; nesses casos, o caráter da obrigatoriedade parece maximizado, uma vez que ela executa o empréstimo mesmo admitindo ficar temerosa quanto a ele. Jane nos fornece uma descrição semelhante quando pergunto se costuma emprestar ou pedir algo emprestado a vizinhos e parentes:

Não, eu já não tenho este costume, nem costume pedir também. De vez em quando a gente pede uma pá emprestada, deste tipo, mas é muito difícil fazer uso disto, a não ser para parente, para parente, oh fulano, estou precisando disto ou aquilo, mas tem que ser parente.

Dessa forma, o que evidencia estes relatos é o acionamento de uma valoração diferenciada acionada em relação à parentela, seja esta moradora de seu pátio ou não, que está relacionada a uma noção particular de família, incluindo entre seus limites os parentes consangüíneos, assim como os por aliança. A rede extensa de parentes, neste contexto,

possibilita a criação de uma rede de reciprocidade que se procura manter, sob pena de se perder certos privilégios. VÍCTORA (1991) julga que:

Em suma, avizinhandose de irmãos, pais e/ou filhos, primos, e cunhados, é possível obter, ao mesmo tempo, apoio moral, afetivo, financeiro, cuidados e atenção para crianças, além de proteção física, no caso de roubos e brigas (VICTORA, 1991: 71).

Nesta perspectiva, avizinhar-se da parentela facilita, de certa maneira, a vida cotidiana de pobres urbanos, atualizando suas práticas e valores em função disto. Um exemplo paradigmático do caráter moral de certas trocas entre parentes é vivenciado por Tataca diariamente:

Eu acordo e a primeira coisa que eu faço é colocar uma chaleira d'água para esquentar para tomar um café. Daqui a pouco eu já pego e já vou tratar meus dois cavalos, e faço algumas atividades dentro de casa, lavar roupa, fazer comida, tem que atender meu pai que é idoso, dar banho, lavar as roupas para ele, daqui a pouco já tenho que fazer o almoço e deixar pronto para ele.

A rotina de Tataca nos demonstra a relevância de residir perto da parentela, neste caso específico verificável através do pai da informante, pela sua necessidade de cuidados diários. As trocas de caráter moral neste caso são evidenciadas através da atenção que Tataca dispensa ao seu progenitor, tratando de seu dia a dia, seu alimento, roupas e outras necessidades básicas.

Outro enfoque fundamental que se constata na organização do grupo doméstico refere-se a sua fluidez; uma vez que freqüentemente os lares não possuem um marido fixo, havendo uma alta instabilidade conjugal, em que a circularidade de crianças parece ser uma constante (FONSECA, 1987). Este aspecto consiste em uma característica particular destes grupos, que não podemos dissociar do contexto da Ilha, graças ao que pude verificar através da observação e entrevistas realizadas. Ao que pude perceber, muitas mulheres mantêm diversas uniões no decorrer de sua vida, tendo com cada um destes companheiros, diversos filhos que, tão logo seja desfeito o pacto conjugal, são redistribuídos em lares substitutos.

Fonseca (1987) pondera que:

Na vida de uma mulher, o recasamento representa uma ruptura ainda maior que a separação conjugal, pois é neste momento que ela não somente mudará de casa, mas também muitas vezes será obrigada pelo novo companheiro a se livrar de filhos nascidos em leitos anteriores (FONSECA, 1987: 98-94).

Na Ilha dos Marinheiros encontramos situações conjugais muito similares. Jane me conta que aos seus cuidados e de seu marido está seu neto mais velho, uma vez que sua filha de 23 anos casou-se novamente. Ida destinou a sua mãe semelhante tarefa, de cuidar de seu primeiro filho, tão logo contraiu nova aliança conjugal. Beca tem seis filhos e, entre eles, apenas os três últimos moram em sua residência, os três mais velhos ficaram com o seu progenitor quando esta resolveu “ajuntar-se” com um homem que não era o pai de seus filhos mais velhos. São poucos os casos em que o marido atual aceita “criar” o filho de uma antiga união, em geral as crianças são remanejadas para lares alternativos.

A fluidez do espaço doméstico é característica de grupos populares e deve ser compreendida dentro das relações objetivas que são travadas no contexto social em que este se insere. Deve-se ter em mente que ela é “parte coerente de um universo simbólico particular, resposta lógica a um contexto concreto” (FONSECA, 1993: 87); assim, dotando este universo de uma valoração e visão de vida particular. Nesse sentido, é importante examinar as relações de gênero que se constituem nesse cenário, localizando os sujeitos e relegando-lhes um lugar e papel específico no contexto da Ilha.

Gênero

A noção de gênero, neste trabalho, é entendida através de uma perspectiva relacional; logo, percebida em termos políticos e sociais, vinculando as diferenças entre os sexos antes às formas locais e particulares de relações sociais do que a limites biológicos (ROSALDO, 1994). Intuímos, dessa forma, que cada grupo social possui uma noção específica da relação que se constitui entre as condições de masculino e feminino⁵³. Nesta subseção estaremos tratando do caráter das tarefas cotidianas masculinas e femininas, que neste grupo relaciona-se a suas respectivas situações de pai e de mãe, atualizado no ofício

⁵³ Visando um aprofundamento da categoria gênero, através de uma análise histórica, ver Scott (1990).

do homem como provedor e a na condição de ajuda do trabalho feminino⁵⁴. Não podemos perder de vista que estes valores e conseqüentes práticas diárias são atualizados em um cenário particular, marcado pela presença constante de um material específico, o lixo, que de certa forma vem a organizar também o desenvolvimento destes papéis.

O caráter de ajuda do trabalho feminino, assim como o de provedor do masculino, tem sido vastamente analisado na literatura antropológica sobre grupos de pobres urbanos (WOORTMANN, 1986; FONSECA, 1992; JARDIM, 1998). Woortmann, analisando a relação entre a categoria trabalho com a comida e a saúde no Brasil, avalia que “no plano ideológico quem trabalha é o pai - e é isto que o torna pai de família -, enquanto os outros ‘ajudam’” (WOORTMANN, 1986: 111). Dessa forma, as diversas atividades realizadas pelos homens e mulheres são hierarquizadas de acordo com concepções particulares sobre gênero. Os estudos sobre os papéis desempenhados por cada um dos participantes na vida cotidiana doméstica destacam que do marido é esperado o trabalho de sustentar sua família, tradicionalmente através de um trabalho “fora” de casa, ocupando, assim, seu status de provedor do lar⁵⁵. À mulher, em contrapartida, é destacada sua relação com a unidade doméstica, com o cuidado com os filhos, com a organização da casa; em suma, a ela destina-se o papel de “ajudar” o companheiro (JARDIM, 1998).

Fonseca (1992) pondera que em diversas famílias de classes populares a renda do marido não é suficiente para o sustento familiar, obrigando as mulheres a engajarem-se em atividades remuneradas dentro e fora de seus lares. Todavia, estas atividades não são consideradas legítimas, persistindo a noção de que a mulher não trabalha fora. Avalia que “mesmo quando este trabalho é reconhecido, é considerado como ajuda, isto é, de importância menor em relação ao trabalho do homem, provedor da casa” (FONSECA, 1992: 39).

Assim, quando pergunto a Amélia (29 anos) o que faz para sobreviver, responde-me sem subterfúgios, “[...] eu ajudo ele [o marido] em casa”. Sugiro que Amélia possa ser considerada como protótipo da mulher pobre urbana, moradora da Ilha, que executa tarefas

⁵⁴ Conforme Fonseca (1992), as expressões trabalho e cotidiano possuem uma interligação, em que o trabalho torna-se parte integrante do cotidiano. Porém, aqui serão entendidos nos seguintes termos: “[...] trabalho (enquanto) espaço regido por uma lógica do capital ou do mercado e cotidiano (enquanto) aquelas dimensões da vida onde os sistemas de gênero e família dos próprios trabalhadores se manifestam com maior clareza” (FONSECA, 1992: 30).

⁵⁵ Ver Guedes (1997) sobre o caráter de “provedor” atribuído ao sexo masculino.

diárias envolvendo o lixo. Como tantas outras suas conterrâneas, a informante está “ajuntada” pela segunda vez e com seu atual marido mora ela e apenas quatro de seus seis filhos. Seu atual companheiro não é pai de seus 4 filhos mais velhos; apesar de ser responsável apenas pelo nascimento de seus dois filhos mais novos, concordou que outros dois coabitassem com os demais, todavia, os dois mais velhos não sendo aceitos, acabaram por residir com a avó materna.

Conheci Amélia nas reuniões que participávamos do grupo das grávidas. Certa vez concordou em conceder-me uma entrevista formal; o que foi realizada no clube de mães, uma vez que sua residência ficava muito distante do local onde nos encontrávamos, e como logo já anoiteceria, se tornaria difícil minha estadia na Ilha. Nessa ocasião, Amélia disse-me que seu atual marido “puxava papel de carroça”, enquanto ela o ajudava, separando o material nos fundos de sua casa. O lixo e a rotina cotidiana organizam a vida de Amélia que se esmera por representar seu papel de mãe e esposa, ajudando o marido:

Eu acordo de manhã e aí eu chamo os meninos [...] Ponho as roupinhas neles [...] Aí o ônibus vem e eu desço com eles. Daí eu volto para casa e eu tomo café e dou café para Bruna e vou para o galpão, é numa pecinha atrás, no mesmo pátio. Aí eu cato o que tem para catar, se não tem para catar, porque às vezes ele não puxa, quando está muito chapadão ele não vai. Daí quando tem os papéis eu cato os papéis, e volto para cozinha, faço o almoço, dou almoço para Bruna, aí eu lavo a louça. Se tem roupa para lavar eu lavo a roupa. Quando não tem papel para catar eu lavo as roupas de manhã, faço almoço e a gente almoça e eu limpo a casa. Varro o pátio. Aí às quatro horas eu largo tudo que eu tenho para fazer e eu desço e pego os meninos. Daí eu volto, quando eles chegam em casa eu tenho que dar atenção só para eles.

Amélia nos conta com essa narrativa como é sua rotina diária, pela manhã arruma seus filhos para irem para a escola e para a creche, após executa suas tarefas de separação do lixo no galpão localizado nos fundos do pátio; quando seu companheiro não executa suas tarefas de recolher o material, não tendo lixo para que ela faça a separação, sua rotina é reorganizada para as tarefas apenas do lar, como preparar alimentos, fazer a limpeza, cuidar da filha mais nova, etc... Com todas estas tarefas ao seu encargo, Amélia parece estar insatisfeita com a atitude do marido, que conforme avalia, às vezes não cumpre suas tarefas como provedor do lar:

[...] para mim se torna difícil, né, porque eu tenho que cuidar de tudo sozinha. Eu cuido da casa sozinha, cuido do trabalho sozinha, eu puxo água, eu encho o tanque, eu lavo roupa, eu levo os guris para creche, eu busco os gruis da creche, se tem uma reunião eu tenho que ir na reunião, é tudo eu [...]

Amélia sente-se sobrecarregada de trabalho, conforme podemos perceber através da transcrição anterior; mas apesar deste sentimento, a percepção que possui é de que seu trabalho é apenas ajuda, cabendo ao marido a tarefa de sustentar a família, o que em sua percepção, ele não está cumprindo neste momento:

Eu trabalhava e eu ajudava ele e tudo. Então, eu recebo R\$ 95,00 por mês, que é da bolsa escola, só que se eu compro roupa e calçado para os meus filhos, não sobra para comprar comida, e se eu faço rancho, não sobra para comprar roupa e calçado. Se sobrar, eu compro só para um, aí o outro quer. Daí fica aquela confusão. Que nem o dinheiro que a gente está tirando do papel, ele está pagando a carroça. Mas assim, ele é outro também que não sabe aproveitar o dinheiro. Ele compra umas coisinhas que estão faltando e o resto é para as drogas. E isso para mim já se torna difícil.

A informante descreve suas tarefas, avalia seu trabalho diário, conta-me que o marido não está cumprindo o papel que lhe foi delegado, cabendo quase que exclusivamente a ela a tarefa de sustento do lar, através de ajudas de programas do governo. Podemos perceber que o dinheiro que ganham do trabalho de reciclagem fica ao encargo do marido, que faz dele o que melhor lhe convier. Parece recorrente em grupos de baixa renda a queixa de que o homem “faz o que bem quer de seu dinheiro” (FONSECA, 1987: 94).

Fonseca (1987) julga que os homens possuem um acesso distinto aos meios de subsistência, distanciando as mulheres do controle do orçamento doméstico. Podemos avaliar que esta realidade está próxima da vida objetiva dos ilhéus, tanto quanto Amélia, Márcia também percebe no marido o provedor de sua família, enquanto verifica em seu trabalho apenas uma ajuda. Como vimos em seção anterior, Márcia também trabalha separando o lixo em sua residência, com a ajuda de suas filhas, enquanto seu marido trabalha em “firma” fora dos limites da Ilha; e quando pergunto o que faz com o valor auferido da venda dos materiais, responde-me:

Eu reparto com as gurias que me ajudam; elas compram roupa para elas, elas saem para o centro. E eu compro fruta, quando falta um arroz ou um azeite, um leite, aí eu compro. E eu vou guardando também, quando falta uma carne de noite, e meu marido não tem dinheiro aí eu ajudo a comprar.

Fica claro para nós compreendermos, através das narrativas antecedentes, a relevância que o marido representa no sustento familiar no contexto da Ilha, sendo a ele atribuída a responsabilidade pelas compras mensais e pelo suprimento das necessidades básicas dos membros da família. Aos poucos fui percebendo que muitas das mulheres com quem mantive contato acionavam a mesma carga valorativa quando mencionavam suas tarefas em relação a de seus companheiros; o que me possibilitou interpretar como uma maneira particular de hierarquizar seus afazeres cotidianos, manifestando sua valoração de forma distinta, de acordo com suas noções particulares sobre gênero. Por conseguinte, se nos é permitido parafrasear Rosaldo (1994), só podemos compreender as significações que homens e mulheres atribuem para suas atividades cotidianas, uma vez que as decodifiquemos através de uma análise das relações que ambos forjam, dos contextos sociais que criam juntos e dentro dos quais são atualizados.

2.3.3 Estigma: “os recicladores são muito diminuídos aí fora”

À luz de Goffman procuramos explicitar o que entendemos por estigma; trata-se de “um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo” (GOFFMAN, 1988: 13). Em seus termos, o estigma refere-se a um atributo extremamente depreciativo, que não possui valor em si, mas na relação que se impõe entre os sujeitos. Assim, um ser estigmatizado detém um atributo que foge do estereótipo associado para a sua categoria de pessoa; ou seja, há uma discrepância entre o que ele parece ser e o que se espera que ele seja.

O estigma faz parte daquelas categorias sutis que permeiam o cotidiano daqueles que mantêm uma relação diária com o lixo na Ilha Grande dos Marinheiros. O sentimento de estarem sendo estigmatizados é acionado quando existe uma situação de contato; ou seja, é na diferenciação com o outro que uma percepção depreciativa é experimentada por muito dos ilhéus. Porém, não se trata aqui de qualquer outro, neste caso, estamos falando

do outro que não trabalha com o lixo, do outro que não mantém relações com este tipo de material, daqueles que não precisam retirar das sobras alheias o sustento de sua família; mas estamos tratando, sobretudo, do outro que percebe no lixo um objeto de distinção, que estigmatiza e diferencia-se também daqueles que com ele trabalham e relacionam-se.

Apesar de perceberem e utilizarem o lixo de forma diferenciada, associando-o a ordenação de seu mundo, quando se trata da diferenciação com o outro, os ilhéus avaliam que não há compartilhamento de valor em relação a este material, processando-se a distinção. Em uma conversa com Ida pude perceber mais claramente como se efetiva essa relação, expressa através do trecho descrito abaixo:

[...] tem pessoas que vêem a gente com outros olhos, tipo, tem visitante que vem visitar o galpão, que chegam e começam a tapar o nariz, parece assim que, tu te sentes mal, porque parece que a pessoa está fazendo aquilo ali porque até tu está fedendo, está cheirando mal. Isto às vezes eu me sinto mal por causa disto. Estes tempos veio um colégio visitar ali, mas acho que era um colégio de “filhinho de papai”, sabe, só as gurias e os guris bem arrumados, teve umas que não quiseram descer do ônibus, ficaram com nojo. Disseram: “ai, eu não vou entrar ali, está cheio de lixo”. É que nem eu disse, a gente se sente mal também porque parece assim que a gente está trabalhando com uma coisa que é um horror. É isso aí que eu me sinto mal, e outra, que o lixeiro, o catador que eu digo, deveria ser mais reconhecido também.

Notamos, através do exposto, que Ida percebe-se estigmatiza, vítima de preconceito por um grupo de pessoas que nitidamente não compartilham, com respeito ao lixo, do seu mesmo julgamento de valor. Uma vez que o valor que a ele atribuem os ilhéus possuía recorrentemente uma carga positivada, buscava compreender se existia uma avaliação negativa em relação ao lixo; sempre que buscava este entendimento, procurando extrair dos ilhéus uma percepção não positiva deste material, eram falas com o mesmo teor da de Ida que se tornavam recursivas.

Conversando com Jane sobre esse assunto a resposta é muito similar a de Ida. Ela avalia que os recicladores “são muito diminuídos aí fora”, acredita que as pessoas não possuem uma visão adequada do que é trabalhar com a reciclagem, associando freqüentemente, em decorrência disso, o ofício com o lixo a um trabalho não digno. Perguntando-lhe como, em sua percepção, o trabalho com o lixo é percebido por aqueles que com ele não se relacionam, responde-me: “Mal visto, completamente, desde a hora que

tu vais pegar um saco de lixo tu já és visto com maus olhos; mesmo que tu faças isto para manter a tua dignidade, para não estar roubando e matando”.

Jane percebe que muitas pessoas - em especial aquelas que fazem um uso diferenciado do lixo, normalmente apenas o descartando de seu lar, procurando ter com ele o menor contato possível - dotam o lixo de um valor diverso daquele que é percebido na Ilha. Com o tempo, com as conversas e as entrevistas, pude averiguar que este sentimento é muito recorrente, identificando os ilhéus e ao mesmo tempo os diferenciando das outras pessoas que possuem em relação ao lixo uma valoração distinta.

Compreendi mais tarde que uma das formas de manipular este estigma estava relacionada à própria maneira de definição do trabalho com o lixo, mais notadamente, a reciclagem. Apesar desta definição ter sua construção, provavelmente, alhures, sugiro que tenha sido amplamente aceita e legitimada pelas pessoas que trabalham com o lixo na Ilha. Identificar-se com a reciclagem é como relacionar seu ofício a algo maior do que ele parece ser, é procurar dissociá-lo de um caráter depreciativo.

Foi Beca (36 anos) que me oportunizou as primeiras pistas para o entendimento dessa questão; a informante trabalha atualmente no galpão de uma vizinha, recebendo por seus serviços um salário fixo semanal. Beca, conforme me contou, foi uma das sócias fundadoras do galpão de triagem subsidiado pela Prefeitura de Porto Alegre, tendo, desde então, uma relação cotidiana com o lixo reciclável. Avaliando o porquê da denominação de reciclagem aos trabalhos como o seu, Beca revela: “Eu acho mais chique reciclagem. Eu acho mais organizado, porque catadora de lixo, ai... Parece que tu estás encardida no meio do lixo, sabe, tem gente que fala assim. Por isso eu já gosto de dizer reciclagem, recicladora”.

Podemos notar que Beca procura fugir de um estereótipo que relaciona as pessoas que trabalham como o lixo a algo impuro, que as estigmatizam. Diversas informantes, no decorrer da pesquisa, relataram-me que denominam o que fazem de reciclagem por considerarem ser mais “chique”, distanciando o ofício de associações negativas. Certa vez em que participava de uma das reuniões do grupo das grávidas, no momento em que as participantes apresentavam-se e diziam seus ofícios, uma mulher denominou seu trabalho como “catação de lixo”; imediatamente uma outra participante argumentou: “[...] e a tua auto-estima? Tu és recicladora!”.

Esse acontecimento só corrobora com a proposição inicial de que a associação do trabalho destas pessoas à reciclagem é menos uma expressão ética, externa, do que êmica, apropriada pelos ilhéus; essa relação constitui-se, nesse sentido, enquanto uma forma de reivindicação de um status de pureza, uma vez que avaliam serem vistos enquanto impuros pelos outros a quem se diferenciam. Sugiro que o vocábulo reciclagem forneça aos moradores da Ilha uma forma de identificação que, antes de tudo, os possibilita manipular um atributo diferencial, os distanciando de uma denominação que seria percebida como depreciativa.

2.3.4 Recicladores, catadores e carroceiros: o que os diferencia?

Nas seções anteriores procuramos demonstrar, através da relação hierárquica, de que forma os ilhéus forjam sua noção particular de pessoa: relacional e mais holista em contraste com outras mais individualistas. Sugerimos que em um primeiro nível de análise, onde há unidade, os pesquisados sofram um processo de identificação calcado na reciprocidade, na dinâmica familiar e de gênero, assim como na percepção do estigma; para tanto, acionam uma identidade contrastiva em relação àqueles que não compartilham de valores similares aos seus, ou seja, aos “ricos” do lado sul e àqueles que não moram na Ilha, não possuindo semelhante grau de intensidade no relacionamento cotidiano com o lixo.

Nesta seção buscamos compreender o processo que perfaz o segundo nível de análise - aquele em que há distinção, segmentaridade na relação hierárquica. Neste nível mostraremos alguns sinais básicos de distinção que se evidenciam ao nível de uma identidade contrastiva; a diferença com o primeiro nível está na distinção, que aqui se verifica através de uma segmentaridade para dentro, entre os próprios ilhéus que trabalham com o lixo. Assim, sugerimos a presença de um determinado número de valores que não são compartilhados por essas pessoas que mantêm com o lixo um certo relacionamento, fazendo com que se evidencie uma construção de fronteiras simbólicas, baseadas em gradações morais (DUARTE, 1986).

Barth (1998), propondo uma visão relacional da identidade étnica, avalia que a identidade não passa de uma construção que é elaborada em uma situação de contato. Ou seja, realiza-se uma construção identitária através de uma relação que opõe um grupo aos demais grupos com os quais estão relacionados. Assim, o autor assinala que o fenômeno da identidade deve ser compreendido através da ordem das relações entre os grupos sociais. A identidade torna-se, dessa forma, um modo de categorização utilizado pelos grupos com a finalidade de organizarem suas trocas; resulta, ainda, da interação entre os membros destes grupos e dos procedimentos que demarcam as diferenciações entre eles.

De acordo com o autor, as características que são relevadas na construção identitária são aquelas que os próprios atores consideram significativas, ou seja, são aquelas utilizadas na diferenciação social; são categorias de atribuição e identificação que organizam a interação entre as pessoas. A identificação ocorre concomitantemente à diferenciação; a identificação de outro como pertencente ao grupo “implica compartilhamento de critérios de avaliação e julgamento” (BARTH, 1998: 196). O autor avalia que na definição identitária de um grupo o que importa não é o inventário de seus traços culturais distintivos, todavia, a localização daqueles que são utilizados pelos membros para afirmarem e manterem a distinção cultural. Ou seja, no processo identificatório o principal é a vontade de demarcar os limites entre nós e eles, através de uma fronteira simbólica, que pode constantemente se renovar através das trocas sociais.

Dessa forma, alguns julgamentos e valores compartilhados pelos grupos em questão serão aqui analisados, a fim de compreendermos melhor o processo que os diferencia, ao mesmo tempo em que os identifica aos seus, através de determinadas “táticas” cotidianas. Algumas formas de lidar com o lixo, e de assegurar-se que dele receberá o maior lucro possível, são diferenciadas para as diversas categorias de trabalhadores da região. Certas “táticas” são empreendidas para esse fim; estas serão aqui entendidas nos termos de De Certeau (1996), enquanto engenhosidades do “fraco” para tirar partido do “forte”. Para o autor muitas das práticas cotidianas e “maneiras de fazer” se apresentam do tipo tática. Entendamos por isso que os sujeitos utilizam-se de uma ordem disciplinada para criar, brincar; eles aproveitam as oportunidades, não se conformando e alterando a realidade que lhe são impostas. Dessa forma, é na lógica das práticas cotidianas, nas “artes de fazer”, em consumos combinatórios e utilitários, que vislumbramos o popular e a formulação das suas

táticas. Neste contexto, o primeiro critério de diferenciação aqui abordado faz referência à relação com o poder institucional; o segundo refere-se a valoração do trabalho com o lixo; o terceiro e último chama atenção para a manipulação do espaço de trabalho.

Relação com o poder institucional: “a Prefeitura tomou conta do lixo que era da população mais carente”

Os sujeitos, à luz de De Certeau (1996), utilizam-se de táticas com a intenção de manipular determinados espaços, os alterando para fins próprios; assim, sugiro que os “carroceiros”⁵⁶ da Ilha possam se constituir como um caso paradigmático, uma vez que utilizam certas táticas com esta finalidade, o que também se evidencia através de um tipo diverso de relação com o poder instituído. Como já foi revelado em capítulo anterior, os carroceiros possuem uma rotina diária um tanto diferenciada dos demais sujeitos que trabalham com o lixo na região. Enquanto os catadores e recicladores não saem dos limites da Ilha com o intuito de encontrar material para o seu trabalho, os carroceiros o fazem.

Como me foi revelado por muitos de meus informantes e demais pessoas com as quais mantive contato durante o período do trabalho de campo, os carroceiros dirigem-se para os bairros de Porto Alegre em busca de lixo diariamente; eles saem de seus lares, geralmente, duas vezes ao dia, em horários pré-estabelecidos. A intenção é recolher o maior número possível de sacos de lixo e outros materiais, de preferência recicláveis. Como a cidade de Porto Alegre conta com uma coleta seletiva de lixo que possui dias e horários determinados para ser executada, é exatamente nestas oportunidades que a possibilidade de conseguirem o melhor lixo é maximizada. Porém, um dos rivais destes sujeitos é formado por pessoas que possuem um estatuto legal para o empreendimento de recolhimento de lixo, ou seja, aqueles que trabalham nos caminhões da coleta seletiva de lixo do DMLU.

Os dias de coleta seletiva organizados pelo DMLU são de conhecimento público, logo, os carroceiros também possuem acesso a estas datas e seus horários; isso faz com que organizem sua rotina, dias e minutos, em função daqueles períodos previstos pelo

⁵⁶ Na categoria dos “carroceiros” estarão inclusas todas as pessoas que trabalham recolhendo o lixo fora dos limites da Ilha e que contam para isso com a ajuda de um meio de transporte; assim, estarei referindo-me, nesta parte, àqueles que andam de carroça, mas também àqueles que possuem caminhão ou outro veículo para este fim. Neste caso serão todos considerados em conjunto, pois não é o veículo que os difere, mas o fato de saírem dos limites da Ilha e possuírem uma forma diferenciada de relacionarem-se com o poder público.

Departamento. Por conseguinte, apesar de estarem proibidos de circularem em determinados horários pela Prefeitura de Porto Alegre, os carroceiros possuem certas táticas a fim de driblarem o poder instituído, como passar antes dos caminhões do DMLU, assim como contrair amizades com síndicos de condomínios e mesmo moradores de residências particulares a fim de criarem um vínculo e receberem o lixo que seria entregue aos agentes da Prefeitura.⁵⁷

Jane me conta que seu marido, Osvaldo, que já possuiu uma carroça e uma Kombi, hoje é proprietário de um caminhão. Jane e Osvaldo são atualmente donos de um galpão de triagem situado ao lado de sua residência, local onde trabalham quatro de seus seis funcionários - uma vez que dois trabalham no caminhão, auxiliando Osvaldo no trabalho de coleta de lixo nos bairros da cidade. Ela me conta que desde os anos 90, década da instauração da coleta seletiva em Porto Alegre, o trabalho de coletar lixo tem convivido com grandes dificuldades; em sua percepção isso se deve à Prefeitura da cidade, uma vez que monopolizou a legitimidade de coleta de lixo. Por conseguinte, os carroceiros, na percepção de Jane, adquiriram certas táticas, a fim de manipularem as regras impostas pelo poder público, não deixando de exercerem seus ofícios, como podemos perceber através da fala transcrita abaixo:

Hoje em dia está muito difícil porque a Prefeitura nos deixou numa situação [...] Não só nós, como outras pessoas. Por isso que hoje em dia está uma dificuldade, as carroças têm que ter horário, o horário que eles querem que as carroças passem é um horário que o DMLU já passou [...] Então por isso que ele (o marido) trabalha este horário (das 16 às 21 horas), tem que sair mais cedo, rodar mais e pegar menos coisas do que antes. A prefeitura hoje em dia já marcou os lugares, tem o dia da coleta seletiva, do lixo seco, as pessoas não podem mais pegar porque tem que ser a Prefeitura [...] a Prefeitura tomou conta do lixo que era da população mais carente [...] Hoje em dia as próprias firmas, os próprios condomínios são multados se colocam o lixo para fora para dar para os carroceiros.

Jane avalia que pelo fato da Prefeitura também coletar o material, que deveria ser destinado, em sua percepção, à população mais carente, os carroceiros estão enfrentando uma situação difícil; porém, como explicitou, essa conjuntura não impede que os

⁵⁷ Conforme me foi relatado por técnicos do DMLU, esse tipo de prática é reconhecida pelo próprio Departamento e é vista enquanto um problema, uma vez que os caminhões da coleta seletiva, em função disto, tem a possibilidade de coletarem menos material que o previsto. O Departamento avalia ainda não ter encontrado uma solução eficaz para solucionar tal problema.

carroceiros trabalhem, mas os obriga a obterem certas táticas que visam a manipulação dos espaços estabelecidos, visando a continuidade de seus ofícios. Esse tipo de circunstância é relatado freqüentemente pelas pessoas que possuem pelos menos um membro da família trabalhando como coletor de lixo nos bairros da cidade, todavia, entre os recicladores, este não é um problema enfrentado, tão pouco racionalizado.

Como pude perceber através do contato e das entrevistas com os recicladores, principalmente para aqueles que trabalham no galpão de triagem subsidiado pela Prefeitura, esse julgamento não está em questão; logo, o relacionamento que possuem com o poder público é menos de ressentimento do que de parceria. Apesar de ambos sentimentos coexistirem, o que procuro dizer com isso não é que inexistam discórdias entre eles, mas antes, avaliar que os desentendimentos não versam sobre as mesmas questões e valorações. Para os recicladores do galpão de triagem que recebem diariamente lixo dos caminhões do DMLU, os problemas percebidos em relação ao poder público abordam outros julgamentos, como a necessidade de mais subsídios para o galpão. Marcos (32 anos), companheiro de Ida, que trabalha há aproximadamente cinco anos no galpão subsidiado pelo poder público, nos demonstra mais claramente essa questão:

Por enquanto, a única coisa de bom que a Prefeitura faz é mandar o lixo, mas eles até dão uma força de vez em quando. O galpão estava interditado (certa vez) e eles deram uma força para o galpão continuar trabalhando. Tem uns galpões por aí que a Prefeitura paga até a luz para eles, aqui a gente que tem que arcar com tudo.

O reciclador julga que a Prefeitura deveria ter para com eles um maior envolvimento, que transcenderia o mero encaminhamento de materiais. Percebemos na avaliação de Marcos que os julgamentos de valor em relação à Prefeitura são diversos daqueles que nos conta Jane, o que de certa forma os diferencia, os identificando com seus pares. O fato de o poder público enviar lixo para o galpão de triagem parece minimizar os dissentimentos entre este e os recicladores, o que é um fator de maior ressentimento para os carroceiros, que não detém este benefício, necessitando diariamente recorrer à táticas diversas com a finalidade de obterem o mesmo tipo de material recebido pelos trabalhadores do referido galpão.

Valorização do trabalho com o lixo: “este trabalho é importante em relação ao meio ambiente e em relação à cidade de Porto Alegre”

Uma outra dimensão que diferencia os trabalhadores da região é a valorização que pronunciam perceber no trabalho com o lixo. Através do contato com alguns recicladores do galpão de triagem subsidiado pela prefeitura pude perceber o quanto a percepção do trabalho com o lixo pode ser diversa; mais notadamente, existe uma necessidade entre estes de exteriorizarem uma dimensão do trabalho que não é verbalizada por outros trabalhadores, como catadores ou carroceiros, através de táticas que ajudam a manipular um estigma que é por eles percebido.

João, 43 anos, reciclador do galpão subsidiado pela Prefeitura desde sua fundação, apesar da especificidade de ter concluído o ensino médio, o que não é regra entre os trabalhadores da região, parece paradigmático. Ele possui uma atividade intensa na Ilha, uma vez que participa de reuniões diversas com membros da Prefeitura e já fora presidente do galpão. Sua percepção sobre o trabalho com o lixo é verbalizada com muita clareza, o que não acontece com outros recicladores, porém, o teor de suas palavras parece resumir o que muitos outros gostariam de dizer:

Eu gosto deste trabalho, eu me sinto bem incluído na sociedade, este trabalho é importante em relação ao meio ambiente e em relação à cidade de Porto Alegre. Porque este lixo podia estar em aterro poluindo. O “chorume” vai aí para os lençóis freáticos e aí polui a água. E aí a gente faz esse tipo de trabalho, então, 78% do que iria para os lixões é comercializado. A reciclagem é o grande filão da pobreza. As outras pessoas que trabalham comigo se não tiverem essa compreensão é por falta de inteligência das suas cabeças. Inclusive no Coletivos de Trabalho isso foi muito discutido em que a maioria participou das palestras que falavam da importância, da necessidade da reciclagem, da nossa importância na sociedade. Isso é batido muitas vezes, até pela mídia. Eu diria que 85% do povo de Porto Alegre está consciente da importância do reciclador, da reciclagem em si.

Na avaliação de João, a reciclagem possui um viés positivado, uma vez que ela faz um bem para a natureza, assim como para a cidade onde vive. Ele ainda relata o quanto acredita que o trabalho do reciclador seja valorizado pelas pessoas em geral, devido ao que já teve a oportunidade de ver na mídia e através dos projetos da Prefeitura nos quais já participou. Como João, muitos dos outros membros do galpão já proferiram pensamento semelhante, apesar de nem todos possuírem domínio lingüístico para externarem com

clareza sua opinião. Talvez isso se deva às muitas palestras das quais já foram submetidos os trabalhadores do galpão de triagem, bem como aos diversos projetos nos quais já participaram. Como me relataram alguns, cursos e palestras informativas foram sendo oferecidas pela Prefeitura, bem como pela Congregação Marista, no decorrer de toda a história do galpão na Ilha; sugiro que aos poucos, eles foram internalizando uma nova imagem do trabalho de reciclagem que não é compartilhada por seus concidadãos carroceiros e catadores, que não receberam semelhantes informações.

Quando conversava com catadores em geral, ou mesmo carroceiros, a relação de seu trabalho com a natureza não era mencionada; e tão pouco avaliavam que o trabalho de reciclagem fosse bem visto fora dos limites da Ilha, o contrário talvez fosse verdadeiro, como pudemos verificar anteriormente na seção que trata do estigma. Ida, que também trabalha com João no galpão, relatando seu trabalho como o lixo, finaliza sua fala avaliando: “trabalhando com o lixo eu estou fazendo um bem para natureza”.

Avalio que esta dimensão da valorização do trabalho com o lixo esteja mais no nível do discurso do que das representações, uma vez que a mesma Ida percebe-se estigmatizada por este trabalho, como vimos anteriormente. Julgo que os trabalhadores do galpão, submetidos a diversas palestras, talvez avaliem conveniente falarem do seu trabalho nestes termos, uma vez que é uma forma também de manipular um atributo percebido enquanto depreciativo. Então, pondero que esta valorização do trabalho relacionada ao bem que este faria à natureza seja uma tática apreendida pelos recicladores a fim de ultrapassarem os julgamentos mais estigmatizantes em relação ao seu relacionamento com o lixo; o que também os distancia, neste ponto de julgamento, dos outros trabalhadores da região.

Manipulação do espaço de trabalho: “a gente não pode trazer, mas eu roubo dela e trago”

De Certeau expõe que o “cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizadas” (DE CERTEAU, 1996: 38). Entre estas podemos perceber as diferentes táticas utilizadas pelos sujeitos a fim de manipularem seu espaço, que para o autor, é regido por aquele que o legitima. Beca, como já sabemos, trabalha com uma colega em um galpão como empregada. Isso resulta de sua situação conjugal atual, uma vez que no momento está separada, não possuindo um companheiro que se responsabilize pelas despesas da família. O fato de ser sozinha e de precisar sustentar seus filhos unicamente com o seu salário, faz

com que Beca precise trabalhar em galpões alheios, o que não é o ideal, em sua percepção, visto que os rendimentos são mínimos.

A informante relata que seu trabalho com o lixo já perpassou diferentes arranjos: desempenhou suas funções no galpão subsidiado pela Prefeitura, em casa (através de materiais providos de carroça própria) e ainda em galpões privados. No período em que trabalhava no galpão de triagem seu serviço era muito mais vantajoso, revela-me, uma vez que tudo aquilo que encontrava no lixo era tido como seu, possibilitando-lhe até mesmo levar alguns produtos para seu lar. Quando exercia o ofício em sua própria casa também parecia melhor, pois ficava com quase todo o lucro, pagando apenas ao rapaz que conduzia sua carroça, uma vez que na época não possuía companheiro que executasse tal função. Por outro lado, no local onde trabalha atualmente não existe essa possibilidade, pois há um proprietário que lá exerce seu poder, reservando apenas para sua família o lucro do empreendimento.

Nesse contexto, Beca me conta como faz para manipular este espaço e tirar dele algumas vantagens, através de certas táticas:

Ali no galpão tu podias levar os alumínio para casa. Tudo que tu achava era teu, se tu achava ouro era teu. E nesses outros já não pode. O alumínio é todo do patrão. Então, agora tem umas “baterias” que tem uma tinta dentro, sabe, de computador, e a gente não pode trazer, mas eu roubo dela e trago. Dependendo da cor, do número que é, vale R\$ 25, R\$ 30. É muito bom aquilo, só que ela quer, né! Minha colega disse que um dia achou uma sacola cheia e entregou. Eu disse: “Ah, eu vou te matar”!

Beca nos conta, através do exposto acima, a maneira que utiliza para tirar outras vantagens de seu trabalho, apropriando-se do que legalmente não seria seu, mas de seus patrões. Através de Beca pude entender como alguns trabalhadores que não possuem uma carroça, ou que não trabalham no galpão que recebe auxílio da Prefeitura, forjam certas táticas cotidianas no espaço do outro, a fim de angariarem maiores lucros de seu trabalho, uma vez que o valor que recebem não é percebido como suficiente.

Os recicladores do galpão auxiliado pelo poder público não precisam recorrer a este tipo de expediente, pois o material que encontram é sempre revertido em renda para os membros do grupo - uma vez que trabalham de forma associativa, não possuindo um patrão que repasse os lucros para si -, ocorrendo o mesmo com carroceiros e catadores que trabalham para si próprios. Dessa forma, a preocupação em driblar os patrões, buscando

benefícios próprios é um julgamento reservado aos trabalhadores que possuem menores possibilidades financeiras, os diferenciando dos demais.

III

CORPO E REPRESENTAÇÃO

Este capítulo objetiva compreender de que forma ocorrem uma série de práticas sociais relacionadas ao corpo no trabalho da reciclagem e a suas implicações de saúde no cotidiano das pessoas que mantêm com o lixo um certo relacionamento diário na Ilha Grande dos Marinheiros, localidade também onde podemos encontrar um posto de saúde que trabalha sob os conceitos de um Programa de Saúde da Família (PSF). A análise centra-se no sistema de representações e práticas dos recicladores, carroceiros e catadores referentes à percepção corporal e seus desdobramentos de saúde - através de certas noções sobre os problemas de saúde relacionados ao trabalho com o lixo -, buscando um entendimento através do contexto social onde estas práticas produzem sentido, mais notadamente, as relações familiares, de vizinhança e de gênero abordadas no capítulo precedente. Observa-se, por conseguinte, que essas práticas e representações se verificam em um nível superior de análise, mais englobante, onde persiste a unidade entre os sujeitos; portanto, identificação entre recicladores, carroceiros e catadores.

3.1 Representação, corpo e doença: categorias antropológicas de análise

Representação, social ou coletiva, tornou-se um conceito fundamental nesta investigação, sendo aqui entendida a partir da ótica de Durkheim⁵⁸. O autor avalia que as representações coletivas são

[...] o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para criá-las, uma multidão de espíritos diversos associou, misturou, combinou suas idéias e seus sentimentos;

⁵⁸ Para uma interessante visão crítica sobre as análises de representações sociais em estudos na área da saúde e doença ver: Alves & Rabelo (1998).

longas séries de gerações nelas acumularam sua experiência e seu saber ”⁵⁹
(DURKHEIM, 1996: XXIII).

Nesse sentido, a escolha de um estudo a partir das representações apóia-se na crença de que estas são um dos caminhos capazes de esclarecer os códigos que dão sentido às condutas coletivas, por estarem aptas a evidenciarem sua rede de significados, sendo julgadas como apropriadas para nos dizerem algo mais sobre a sociedade, nos indicando valores maiores do grupo.

Jodelet (1993), em artigo “Les représentation Sociales: regard sur la connaissance ordinaire”, lembra que as representações sociais são uma forma de conhecimento corrente, dita do senso comum, que apresenta certas características básicas. A primeira dimensão da representação na visão da autora seria sua condição de elaborada socialmente, bem como partilhada, uma vez que se constitui através das experiências, das informações, dos saberes e dos modelos de pensamento que são recebidos e transmitidos pela tradição de uma determinada cultura ou grupo social. Uma segunda dimensão que encerra a representação social é sua capacidade de orientar as condutas, a partir de uma visão prática de organização. Como terceira característica, as representações são capazes de estabelecer uma determinada visão da realidade que é compartilhada por determinado grupo, sendo dele parte constitutiva.

Dessa forma, as representações sociais serão aqui entendidas nestes termos, como significados elaborados socialmente pelos sujeitos, sendo compartilhados pelo grupo em que se inserem. Uma melhor percepção sobre esta categoria nos estudos do corpo e da saúde é formulada por Herzlich (1991); avalia, mais notadamente, que uma interpretação partilhada dos estados do corpo pode colocar em questão a ordem social. Afirma a autora que a dupla oposição saúde/doença e indivíduo/sociedade, que vem a organizar a representação, dota a doença de sentido. Admite que por intermédio da doença podemos acessar a imagem da sociedade, como suas imposições, tal como as vivem os sujeitos.

As representações sociais do corpo e dos problemas de saúde, por conseguinte, bem como as práticas das pessoas que convivem com o lixo, enfocadas nesta investigação, são entendidas aqui como construções sociais, elaboradas coletivamente e dotadas de pleno significado pelo grupo social envolvido na pesquisa. Diferentes autores têm referido às

⁵⁹ Sobre representações coletivas ver ainda Durkheim (1970; 1978).

representações de corpo e ou saúde/doença no mesmo sentido, vinculando-as às várias maneiras dos sujeitos de perceberem e agirem sobre as suas realidades objetivas (LOYOLA, 1984; MONTEIRO, 1985; BOLTANSKI, 1989; VÍCTORA, 1991).

A gênese desta idéia - que não é outra senão a de que cada sociedade constrói socialmente as formas de estar corporalmente no mundo, refletindo no corpo, através dele, o social - pode ser encontrada no trabalho pioneiro de Mauss (1974) sobre as Técnicas Corporais. Nesse empreendimento o autor argumenta que “cada sociedade tem hábitos que lhe são próprios” (MAUSS, 1974: 213); assim, no lugar de um comportamento corporal “natural”, teríamos técnica e aprendizado, variando com as sociedades e as educações. Procurando refletir sobre as representações corporais das pessoas que mantêm com o lixo um certo contato diário, o estudo sobre o corpo aparece como fundamental, uma vez que este pode ser considerado uma matriz privilegiada de significados. Visto que consideramos previamente o lixo enquanto um agente ordenador do mundo das pessoas que com ele convivem, o corpo no lixo também se caracteriza por uma determinada ordem objetiva na vida do reciclador, do carroceiro e do catador.

Em sentido similar, Douglas (1966) considera o corpo como um *locus* privilegiado de significados. Expõe que,

[...] Ainda mais direto é o simbolismo que opera sobre o corpo humano. O corpo é um modelo que pode significar qualquer sistema limitado [...] O corpo é uma estrutura complexa [...] Não podemos interpretar rituais [...] a menos que estejamos preparados para ver no corpo um símbolo da sociedade, e os poderes e perigos creditados à estrutura social reproduzidos em miniatura no corpo humano (DOUGLAS, 1966: 142).

Os espaços corporais no lixo, dessa maneira, marcados e produzidos pela sociedade em que estão inseridos, através de todas as suas especificidades, aparecem como especialmente férteis na tentativa de compreender as representações e práticas dos recicladores, carroceiros e catadores.

As implicações de saúde decorrentes das diferentes práticas e representações corporais serão, neste trabalho, apresentadas através das percepções sobre os problemas de saúde relacionadas ao trabalho com o lixo. Assim, interligadas às concepções corporais, partimos da idéia de que a representação dos problemas de saúde, traduzidos na doença, possuem uma conexão imediata com a percepção do corpo físico, que por sua vez está

imbricada ao corpo social. Dito de outra forma, a maneira como as pessoas envolvidas na pesquisa percebem seu corpo físico no trabalho da reciclagem, que se relaciona à maneira como concebem a sociedade em que vivem, irá determinar suas concepções de doença associadas ao seu trabalho, bem como suas práticas em relação a ela. Segundo Augé (1986), a doença é um objeto distinto de investigação, na medida que relaciona, concomitantemente, o social e o biológico, o coletivo e o individual.

É necessário, neste caso, um razoável entendimento do que estamos aqui chamando de doença; parte-se do referencial teórico proposto por Kleinman (1980), tratando dos conceitos de *disease* e *illness*⁶⁰. A dicotomia vem sendo tratada com relevância pela Antropologia Médica; a primeira categoria, *disease*, refere-se ao mal objetivado, a doença diagnosticada clinicamente, ao diagnóstico médico. Por outro lado, a segunda categoria, *illness*, faz referência à experiência e ao significado psicossocial de uma doença percebida. À *illness* estão inclusos processos de atenção, de percepção, de uma valoração relacionada à doença e a sua manifestação.

Kleinman (1980) reflete que uma das especificidades da *illness*, em relação a *disease*, é que à primeira podemos correlacionar a males que podem afetar a toda uma família, a uma rede de relação da pessoa envolvida por ele, uma vez que a *disease* compromete apenas indivíduos. Existem, portanto, a *disease* e a *illness* como objetos construídos em configurações específicas da realidade social, podendo ser entendidos através de contextos de significado e de relações sociais bem delimitadas. As situações que serão analisadas neste trabalho contam com ajuda do meio em que vivem os trabalhadores do lixo, bem como de suas especificidades. Por isso, o entendimento do que significa a categoria lixo para eles, que foi vista no capítulo precedente, bem como dos meios que dispõem para trabalhar, parece fundamental no reconhecimento de suas representações sobre a doença associada ao trabalho.

Helman (2003), em “Cultura, Saúde e Doença”, faz uma denotação muito eficaz que nos ajuda na compreensão das categorias *illness* e *disease*, as associando aos problemas de saúde, traduzindo-as respectivamente por “perturbação” e “patologia”. Assume-se, portanto, neste estudo, a postura de trabalhar com as duas categorias (perturbação e

⁶⁰ Para ter um maior entendimento sobre diversos posicionamentos a respeito dessas categorias ver: HAHN (1980).

patologia) inter-relacionadas, ciente de toda a complexidade que isso representa, uma vez que muitos casos de *disease* são acompanhados de *illness* e vice-versa (HELMAN, 1981). Isolar uma das categorias pode não ser o melhor caminho no entendimento da representação da doença; as pessoas podem assumir posturas que priorizam tanto uma, como outra, como ambas as categorias, dependendo da situação social prevalecente. No entanto, nos deteremos com mais ênfase na questão da “perturbação”, pois ela parece mais explicativa; porquanto, como avalia Kleinman (1980), a *illness* só pode ser entendida dentro de um contexto de normas específicas, de significados simbólicos e de interação social.

Neste terceiro e último capítulo refletimos sobre essas questões separadamente, apesar de entendermos que todas se inter-relacionam. Uma primeira seção versará sobre a dimensão corporal, refletindo mais precisamente sobre as representações de corpo na reciclagem do lixo das pessoas pesquisadas. Uma segunda seção centra a análise nos desdobramentos possíveis dessa noção corporal particular, tratando em específico das concepções de doença relacionadas ao trabalho com o lixo. Um terceiro ponto será a abordagem dos cuidados corporais relegados às crianças, filhos e filhas de meus informantes, no contato diário com o lixo. Um quarto e último ponto refletirá acerca da relação entre o posto de saúde local e seus frequentadores, assim como certas práticas por eles acionadas.

3.2 Concepções Corporais

3.2.1 Corpo como ferramenta de trabalho.

Levando em consideração a base conceitual proposta por Mauss sobre as técnicas corporais, entendidas aqui como “[...] as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos” (MAUSS, 1974: 211), verifica-se técnicas de trabalho e comportamento do corpo muito específicas nas pessoas

que trabalham com o lixo na Ilha Grande dos Marinheiros. De acordo com as observações realizadas no local e as entrevistas, pude perceber que o corpo (em particular os braços e as mãos) é uma ferramenta essencial para esses sujeitos.

A utilização do corpo pelas pessoas que trabalham com o lixo é fundamental, pelo trabalho que realizam e pela técnica que empregam nas atividades: muitos acabam por valer-se do corpo de forma instrumental. Os recicladores, na unidade de triagem auxiliada pelo poder público, parecem utilizar o corpo de forma muito específica; a maneira como se posicionam frente às bancas de catação e realizam o trabalho de separação dos materiais faz com que possuam uma técnica particular. Assim como os carroceiros, mesmo com apoio de suas carroças, o corpo parece ser fundamental, uma vez que é indispensável no recolhimento do material. O catador, por sua vez, utiliza-se prioritariamente de seu corpo como instrumento, visto que não possui máquinas ou veículo para auxiliá-lo em suas atividades.

Mauss avalia que “o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. O mais exatamente, sem falar de instrumento, o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem é seu corpo” (MAUSS, 1974: 217). As mãos que selecionam o lixo, que o carregam, são instrumentais; da mesma forma que as pernas, que o abdômen. Quem vê Fátima (53 anos), uma senhora baixa e esguia, pode não imaginar quanta força depende em seu dia-a-dia trabalhando no galpão de triagem subsidiado pela Prefeitura de Porto Alegre. Apesar da aparência fragilizada que possui aos olhares de um observador externo, Fátima se movimenta com rapidez, da frente das bancas de catação para os cestos, destes para a prensa, enfim, o corpo da senhora se movimenta constantemente durante todo o período de seu trabalho. Conta-me, a informante, que para trabalhar seu corpo é fundamental, seu uso é freqüente e insubstituível:

Para trabalhar eu utilizo muito os braços, as pernas. Eu esfrego muito a barriga no lixo. Eu trabalho com as duas mãos, o meu corpo está sempre girando. Porque cada material tem uma bombona para se colocar, então tem que se mexer bastante. Tem o papel, tem o misto, tem o papelão, o jornal, e o branco, cada um tem que ser colocado em um saco diferente e vem tudo misturado, assim como o plástico e a sacolinha.

Através da explicação de Fátima percebemos que os recicladores usam seu corpo como uma ferramenta. Os depoimentos nesse sentido se multiplicam, a cada indagação

sobre a forma como trabalham, tanto os recicladores, como catadores em geral, avaliam que seu corpo é o agente mais relevante na tarefa de separar e conduzir o lixo para seu destino. Frases como a de Mariângela (29 anos), trabalhadora do galpão, são as mais comuns na explicação sobre a parte do corpo que mais utilizam em seu ofício: “A parte do corpo que eu mais utilizo para trabalhar é os braços, as mãos e as pernas”.

Além do manuseio dos materiais em frente às bancas de catação, os trabalhadores do galpão precisam levar os resíduos das bombonas até a prensa, onde serão enfardados. O informante João de 41 anos revela mais alguns detalhes sobre essa questão: “eu trabalho em pé e faço a catação, tem que caminhar também, carregar o lixo”. Assim, pode-se imaginar que o corpo acompanha o produto em todos os momentos de trabalho, quando fazem a catação, o utilizam como ferramenta, e quando carregam o lixo de um lado a outro, também são seus corpos que servem como instrumento de locomoção dos materiais.

Conforme Mauss (1974), existe uma educação na técnica, apreendida pelo trabalhador, de forma adquirida. Durante o período em que fiz pesquisa de campo, pude avaliar que os recicladores do galpão de triagem subsidiado pelo poder público conservam essa técnica de trabalho há muito tempo, procedimento este que foi apreendido através da prática cotidiana. Dados etnográficos me possibilitaram analisar que muitos dos recicladores foram ensinados por seus pais, parentes ou amigos. Outros, ainda, cresceram observando seus parentes, buscando o lixo de carroça, catando, triando os resíduos em seus pátios, foram aos poucos adquirindo o “habitus” de seu grupo. Conforme Mauss,

Esses *hábitos* variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, mas, sobretudo, com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, com os prestígios. É preciso ver técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, ali onde de ordinário vêm-se apenas a alma e suas faculdades de repetição. (MAUSS, 1974: 214)

Analisando a utilização do corpo dos recicladores à luz das observações de Mauss, podemos verificar um aprendizado nas técnicas dos recicladores, formando um “habitus”, diferenciado de acordo com a educação dispensada aos indivíduos do grupo. Durante minhas visitas na Ilha deparei-me com a freqüente referência aos ensinamentos que eram prestados pelos pais e parentes de meus informantes; estes foram aprendendo seus ofícios paulatinamente, em parte, por ser um trabalho comum às pessoas mais próximas de seu

convívio. Ilustrativamente, exponho aqui dois trechos de entrevistas que fazem referência a esse aprendizado familiar:

Eu nasci e me criei aqui na Ilha. Os meus tios puxavam de carroça, a gente ficava sempre em roda, às vezes ajudava. Foi assim que eu aprendi.
(Marcos, 32 anos)

Meus pais trabalhavam aqui na Ilha, eles trabalhavam de carroça, e eu sempre ia junto, eu estudava de manhã, aí à tarde eu ia trabalhar de carroça.
(Sandra, 31 anos)

Sandra e Marcos, nas falas acima, demonstram a maneira pela qual eles aprenderam seus ofícios, através do cotidiano familiar. Logo, podemos supor que existe uma técnica que foi apreendida e não apenas uma simples repetição, fazendo parte do “habitus” destas pessoas. Os exemplos representados nesta seção são paradigmáticos, pois é unânime entre as pessoas que trabalham com o lixo na região a utilização contínua de seu corpo como principal instrumento de trabalho, o que pude perceber tanto pelas entrevistas, quanto pelas diversas observações realizadas no local, em momentos em que as pessoas exerciam suas tarefas cotidianas com o lixo. Essas questões, por conseguinte, foram aqui abordadas por serem preliminares no entendimento da concepção corporal que possuem os ilhéus que com o lixo convivem e que serão analisadas subseqüentemente.

3.2.2. Marcas corporais

Nesta seção tratamos de marca corporal entre as pessoas que mantêm contato diário com o lixo e que com ele trabalham e convivem. Refiro-me, primeiramente, a uma opção estética feminina que se caracteriza pela vestimenta minimalista, mais notadamente, pela utilização de roupas mínimas, seja nos momentos de lazer, no trabalho em casa ou fora dela. Em um segundo momento, expomos certas sensações corporais marcantes entre eles, assinaladas pela persistência da dor. Assim, estaremos tratando, neste ponto, das ditas preocupações estéticas, bem como de sensações do corpo.

Tomando como ponto de partida a idéia de que cada grupo possui marcas corporais e sociais específicas e que estas marcas estão inscritas nos sujeitos, podemos analisar uma

identificação entre as pessoas que trabalham com o lixo através dessas diferentes marcas. Conforme VÍCTORA, Knauth e Hassen,

Cada sociedade ou cada grupo social imprime marcas nos seus membros, tanto através de inscrições físicas [...], como estéticas [roupas, acessórios] e comportamentais [...]. O pertencimento social é, dessa forma, corporalmente inscrito, podendo ser identificado pelos demais membros daquela sociedade. Essas marcas corporais podem corresponder a diferentes situações - como classe social, faixa etária, etnia, posição social, etc. - e, nesse sentido, indicam estados passageiros ou permanentes dos indivíduos (VICTORA, KNAUTH E HASSEN, 2000: 20).

Esse tipo de inscrição corporal, de que falam as autoras, foram-nos possibilitadas através de dados etnográficos, permitidos pela observação e entrevistas. Se, por um lado, as marcas estéticas são visíveis a qualquer observador atento, por outro, a dor, não nos concede esta possibilidade, sendo necessário tempo e diálogo para percebê-la. Início a explicação pelas preocupações estéticas, uma vez que parecem mais explicativas, abrindo caminho para as demais análises.

Preocupações estéticas: “As gurias trabalham só de sutiã...”

Sandra (31 anos) é Irmã de Márcia, catadora que já conhecemos do capítulo anterior. Quando a vi pela primeira vez, logo percebi a parentela entre elas, visto sua nítida semelhança física. Sandra é uma mulher jovem, de pele escura, quase mulata; sua corpulência faz parte de uma série de características que assemelham fisicamente as mulheres da região: mulheres de corpo farto, mulatas ou negras, jovens com aparência envelhecida⁶¹. Quando iniciei o trabalho de campo na Ilha, Sandra trabalhava no galpão de triagem subsidiado pela Prefeitura, hoje “está parada”, em suas palavras. Nas primeiras vezes em que visitei os recicladores do galpão pude observar um fenômeno que, mais tarde, percebi não ser exclusividade destes; ou seja, observei a existência de uma opção estética feminina que priorizava as roupas mínimas, que deixava o corpo mais à mostra, em detrimento de uma vestimenta que poderia, eventualmente, cobri-lo.

⁶¹ Uma das diversas causas possíveis da corpulência de muitas mulheres moradoras da Ilha talvez se deva às persistentes gestações no decorrer de suas vidas, uma vez que, conforme pude observar, muitas mulheres ficam em quase constante estado de gravidez.

Foi em um dia muito quente de verão; era uma das primeiras vezes em que visitava o local onde trabalhavam os recicladores que mantinham relações com a Prefeitura de Porto Alegre. Logo na entrada já pude perceber algo que de início me causou certa estranheza, a figura de uma jovem, de corpo avantajado, trabalhando com uma bermuda muito curta e apenas uma peça de roupa íntima na parte superior do corpo. Ela pareceu não se importar, nem tampouco se constranger com minha presença e de outros técnicos da Prefeitura que me acompanhavam. Enquanto visitávamos o local ficava pensando se aquela opção de vestimenta se daria apenas pelo calor excessivo, ou se outras variáveis determinariam tal comportamento corporal. Com o tempo fui percebendo outras mulheres na Ilha que possuíam similar atitude em relação ao seu corpo, a opção pela vestimenta mínima.

No decorrer de minha pesquisa na Ilha, em todos os lugares em que passava, pelos galpões de triagem, no posto de saúde, pelas ruas, pela igreja, no clube de mães, nas suas próprias casas e pátios, ia reconhecendo minhas informantes vestindo roupas curtíssimas; era um vai e vem de mini blusas, mini saias, mini bermudas, enfim, roupas resumidas permeavam os, ora corpulentos, ora magros, corpos das mulheres que trabalhavam com o lixo na Ilha Grande dos Marinheiros. João (41 anos), um informante que trabalha como reciclador expõe seu ponto de vista sobre este fenômeno: “As gurias trabalham só de sutiã, as gurias trabalham quase nuas, de “shortezinhos”, é tão comum que ninguém se liga, ninguém se importa”.

João, como outras pessoas com as quais travei um tipo de conversação, avalia ser muito comum na região avistar mulheres com roupas mínimas, o que faz com que verifiquemos que esta seja uma postura muito corriqueira entre as ilhéus. O corpo das mulheres com as quais mantive contato durante o trabalho de campo estavam, portanto, amostra constantemente. Poderia resumir a postura dessas mulheres como uma forma por elas encontrada de demonstrarem seu pertencimento ao grupo, evidenciando através de suas poucas vestimentas uma determinada marca corporal: a estética minimalista. Este tipo de marca estética, que fica inscrita nos corpos dos sujeitos, os identifica. Conforme Clastres, “o corpo mediatiza a aquisição de um saber, esse saber é inscrito no corpo” (CLASTRES, 1978: 126).

Quando entrevistava Adriana (21 anos), jovem com o corpo muito magro, que havia trabalhado no galpão, observava suas vestimentas, eram mínimas: mini saia e mini blusa. O

mesmo acontecera na entrevista de Beca (36 anos), que surpreendentemente, após seis filhos, possui um corpo muito esbelto e de belas formas; à mostra, deixava a informante, seu mínimo ventre, que mais parecia ser fabricado em alguma academia de ginástica. Durante a entrevista com Márcia (39 anos), jovem senhora de corpo muito avantajado, não me admirei ao ter a possibilidade de observar com cuidado cada milímetro de seu graúdo abdômen, pernas e braços. Em suma, o que pude concluir desses exemplos, e de muitos outros que não mencionei, é que a idade das mulheres, ou mesmo sua forma física, não eram condicionantes dessa escolha estética; ao contrário, pude perceber que algo presente na vida cotidiana dessas pessoas, o lixo, estava a determinar um certo tipo de atitude em relação aos seus corpos.

Como relatado no capítulo anterior, o lixo está presente na vida diária da maioria dos moradores da Ilha; sejam aqueles que trabalham em galpões, ou ainda aqueles que trabalham em suas próprias residências. Quando narrei meu encontro com Márcia em sua casa, momento este que tive a oportunidade de entrevistá-la, procurei demonstrar um pouco da sua realidade objetiva, da forma como estava presenciando naquele momento. Busquei traduzir o ambiente do pátio de Márcia, contando como ela realizava seus momentos de lazer, alimentava seus filhos menores, recebia visitas e trabalhava, tudo isso sobre o lixo que perfazia toda a extensão de seu terreno. O que pretendo demonstrar com essas explicações espaciais da Ilha consiste na idéia de que são exatamente estas experiências de espaço permeado pelo lixo que estariam também refletidas nas definições do espaço corporal de minhas informantes⁶².

O argumento básico que permeia essa pressuposição é defendido por Douglas (1970). A autora avalia que o corpo social determina a maneira como percebemos o corpo físico e que a experiência física do corpo mantém uma certa visão da sociedade. Há um intercâmbio entre estes dois tipos de experiência, argumenta a autora, de tal forma que cada uma vem a reforçar as categorias da outra. Nesse sentido, o corpo constitui-se como um meio de expressão, sendo que as formas que adota expressam em muitos aspectos as pressões sociais que sofre durante sua experiência na realidade objetiva.

Provinda da tradição de Mauss, Douglas (1970) expõe que toda ação se deve a um aprendizado; procura demonstrar, dessa forma, que o sistema social impõe um determinado

⁶² Para uma analogia entre espaço e tempo com espaço corporal ver VÍCTORA (1999).

controle, logo, certas limitações na utilização do corpo e de seus meios de expressão. O corpo, por conseguinte, como forma de manifestação, está limitado pelo controle que sobre ele exerce o sistema social. “Aonde não existe uma preocupação por preservar os limites sociais não surgirá tampouco a preocupação de manter os limites corporais” (DOUGLAS, 1970: 94).⁶³

Avaliamos aqui que o espaço social das pessoas que convivem com o lixo na Ilha é rotineiro e normal para estas, sobre ele e dele as pessoas, vez ou outra, se alimentam, buscam diversão e fonte de renda; em suma, o lixo ordena o seu mundo, como podemos perceber através das explicações prestadas no capítulo antecedente. Assim, não há uma maior preocupação em manter limites sobre este mundo, é possível realizar nele uma série de atividades rotineiras. Não há o que preservar em um espaço tomado pelo lixo que já se tornou há muito tempo uma fonte de ordenação do mundo das pessoas que com ele trabalham e convivem.

A mesma idéia acontece com o espaço corporal, uma vez que este reflete o espaço social. A comunidade em si que convive com o lixo não pressiona por sua eliminação, não controla sua saída, não busca dele afastar-se; pelo contrário, ela distancia-se de um maior controle sobre ele. A mesma lógica acontece com o corpo; há uma menor necessidade de preservá-lo de olhares externos, deixando seus limites mais livres para expressão. Douglas (1970) argumenta que dificilmente será possível impor um controle corporal sem que prevaleça um tipo de controle equivalente na sociedade. Assim, havendo na Ilha um menor controle no que se trata da interação do meio ambiente com o lixo, não sendo necessário extraí-lo de seu dia a dia, exercendo sobre ele e nele suas atividades rotineiras, o mesmo acontece com o corpo, havendo um menor controle corporal, de seus limites.

Douglas (1970) afirma que o corpo físico constitui-se como um microcosmo da sociedade, que aumenta ou reduz suas exigências em relação direta com o relaxamento ou intensificação das pressões sociais. Pondera que a dimensão espacial deriva das normas de pureza e expressam a distância social; assim, a distância implica formalidade enquanto que a proximidade, intimidade. Nessa perspectiva, poderia avaliar que a proximidade com o lixo e a falta de pressão social no que se refere ao contato com ele na Ilha, demonstra intimidade, o que indica também relaxamento corporal. Nesse sentido, na lógica dos

⁶³ Tradução livre da autora deste trabalho.

informantes, o corpo aparece com uma estrutura mais liberta e passível de ser vista, parecendo também acarretar menos riscos no seu contato com o lixo do que na versão biomédica do mesmo, o que veremos mais claramente na seção posterior. Porém, antes, é necessário esclarecer a segunda marca corporal prevista para este tópico, a dor.

Sensações corporais: “quando eu sento doem as pernas...”

Uma marca não tão visível quanto as marcas estéticas constitui-se pela sensação de dor que muitas mulheres que trabalham com o lixo anunciam sentir durante e após um dia de trabalho⁶⁴. Através dos relatos e da observação, pode-se verificar que o corpo é uma memória do trabalho com o lixo. O corpo guarda toda a lembrança do cansaço e do trabalho despendido na triagem desse material. Isso, em parte, pode ser identificado através de suas posturas curvadas e de aparência cansada. De acordo com Clastres, “a marca é um obstáculo ao esquecimento, o próprio corpo traz em si os sulcos da lembrança - o corpo é uma memória” (CLASTRES, 1978: 128).

Através da fala de uma informante, podemos verificar o corpo como memória do trabalho com o lixo:

Eu, durante o trabalho, me canso bastante, principalmente em cima dos ombros. E a coluna que dói bastante durante o dia. E aí depois que eu chego em casa de tardinha, tomo o meu banho, aí eu sempre tomo “paracetamol”, para ver se passa a dor (Fátima, 51 anos).

Como é possível verificar através do exposto, a dor é uma marca constante no corpo de Fátima, não sendo possível esquecê-la, pois está inscrita em seu corpo, como uma memória. Como a informante, diversas outras mulheres relataram-me a presença da dor em seus corpos, ela acompanha o indivíduo para além de seu trabalho diário, faz parte de sua vida, de seu cotidiano. Fátima, por exemplo, expõe que chegando em casa, no final do dia, a dor está presente em seu corpo e em sua memória. Outra informante fala de uma situação semelhante, em que a dor está sempre presente: “quando eu sento alivia um pouco as costas, mas quando eu sento doem as pernas” (Sandra, 29 anos).

⁶⁴ Para outras informações sobre a associação da sensação de dor às classes populares ver Oliveira (1998).

Esses depoimentos refletem a dor como elemento vivo e presente no cotidiano desses trabalhadores, não sendo possível o seu esquecimento. Como essas reflexões, tantas outras me foram relatadas por meus informantes. Em suas avaliações aparecem dores de todos os tipos; nas costas e pernas, o que associam ao diário trabalho em pé, geralmente carregando grandes sacos de lixo; dores por todo o corpo são evidenciadas, alguns julgam estarem com idade avançada para este tipo de atividade, o que decorre na dor; enfim, marcas que evidenciam o pertencimento das pessoas ao grupo. De acordo com Clastres, “[...] a marca proclama com segurança o seu pertencimento ao grupo” (CLASTRES, 1978: 128).

Mateus, especialista em medicina da família, trabalha no posto de saúde local há aproximadamente um ano e meio. O médico é um dos mais populares da Ilha, conforme pude perceber através das entrevistas, conversas informais e observações realizadas no posto de saúde; o jovem que possui 29 anos parece ser a única unanimidade do posto, uma vez que é considerado, pelas pessoas com quem conversei, um ótimo médico, muito profissional, acessível, paciente e simpático. Quando converso com ele sobre as principais sensações corporais das pessoas que trabalham com o lixo na região, quando indago sobre as principais queixas nesse sentido, o médico não tem dúvidas em responder:

É dor. É assim, alguns tem queixas específicas. Eu fiz medicina do trabalho, né, antes tu falaste do pessoal que faz reciclagem, e eles adoecem bastante. Porque muitos deles têm doença do trabalho, pelo tipo de trabalho. É uma inflamação, digamos assim, inflama esta região aqui e tu acaba comprimindo o nervo, aí tu tem perda de força, formigamento, muita dor, principalmente a noite, e a tendência é progredir né. Eu tive duas pacientes que já operaram. Tendinite é uma coisa muito freqüente, espasmos musculares, dores musculares, por má postura, do lugar em que dorme não ser o adequado, tem alguns que não dormem, de medo assim, e isto tudo causa tensão, espasmos musculares, não são dores generalizadas, às vezes são específicas, no braço, numa perna, ou num joelho, num pé, mas a principal queixa deles é dor.

É importante ressaltar que não pretendemos aqui contrapor duas formas distintas de conceber e tratar dos corpos, uma biomédica e outra dos ilhéus que convivem com o lixo, no sentido de conferir a uma delas o estatuto de verdade; apenas ousamos revelar como existem maneiras distintas de perceber o corpo e de utilizar modelos para isso, e que estes estão sendo condicionados pelo meio social em que as pessoas vivem. Assim sendo, a dor,

como podemos perceber pela exposição do médico Mateus, é uma das principais queixas das pessoas que trabalham como o lixo na região. Isso só vem a corroborar a pressuposição de Helman (2003), ponderando que a dor é provavelmente um dos sintomas mais frequentes na prática médica. Avalia o autor que a dor, como expressão da doença, não deve ser percebida fora de seu contexto; pois ela é determinada socialmente, fruto de relações sociais.

Neste caso a dor assume uma forma bem específica, ela não é representada como manifestação de uma patologia, logo não necessita ser tratada como tal, ela aparece apenas sob a forma de uma perturbação. Parece ser o que acontece também com Márcia, quando indago a ela sobre suas possíveis sensações corporais, a informante logo lembra de suas dores: “dói muito meus músculos e as pernas de ficar em pé”. Assim, como pude observar, a dor, na concepção dos informantes, está associada menos a algum tipo de patologia do que ao próprio trabalho que julgam ser pesado e cansativo. Em geral não associam a dor a uma doença em particular causada pelo trabalho, mas sim ao tipo de trabalho que realizam. Dessa forma, julgam não ser necessário um tratamento específico para as dores; em geral, apenas o descanso à noite parece ser suficiente para acordar com o corpo recuperado no outro dia. Ida nos revela como esse tipo de sensação corporal ocorre no seu cotidiano:

Ah, em mim eu tenho muita dor é nas costas e nos pés. Eu tenho uma dor nos meus pés terrível, e nas costas também, bastante. É, depois que a gente larga. Aí de noite assim que a canseira pega, aí tu deitas na cama, bom, só quer fechar os olhos e dormir.

Assim como Ida, Beca nos traz maiores elementos para compreendermos essa questão: “Tudo dói. As pernas da gente, costas, tudo dói. Não tem comparação. O meu braço agora está inchando de tanto trabalhar”. Quando pergunto a ela sobre um possível tratamento, a resposta é imediata: “Não, só me deito. Acordo-me as seis horas da manhã. A dor passa, no outro dia estou inteirinha de novo, por incrível que pareça”.

O que a informante Beca nos revela é paradigmático, no decorrer do tempo em que estive na Ilha diversas outras informantes contaram-me casos semelhantes; o local do corpo que dói são diversos, porém, a associação ao trabalho em detrimento de alguma patologia específica, é instantânea. A concepção do médico Mateus é semelhante; porém, este associa as dores a uma patologia peculiar causada pelo trabalho - evidenciada através de

inflamações, compressão dos nervos, espasmos, formigamentos e dor -, o que não ocorre na representação das informantes, acarretando em uma falta de tratamento por parte dos sujeitos para tal sensação corporal.

Helman avalia que “as definições sobre o que constitui uma dor anormal e que, portanto, requereria atenção médica e tratamento, tendem a ser culturalmente determinadas e a variar com o passar do tempo” (HELMAN, 2003: 171). Este tipo de posicionamento das informantes, caracterizado pela sensação da dor em diferentes partes do corpo, sem, no entanto, associá-la a algum tipo de doença particular, constitui-se como uma marca corporal específica das pessoas que trabalham com o lixo na região, sendo culturalmente determinadas. Essa marca talvez se deva pela emergência do trabalho, que não deixa margens para um tratamento médico. Em outras palavras, como lembra Knauth (1992), parece que o corpo torna-se um problema quando começa a não funcionar da maneira que deveria, impedindo o trabalho; a dor, por conseguinte, não impede o trabalho, pois se aprende a suportá-la, até que não seja mais possível trabalhar. Neste momento, em que a dor passa a ser manifestação de alguma patologia específica é que ela passa a ser também merecedora de alguma atenção.

3.3 Percepção da doença

Consideramos aqui que as representações sociais que as pessoas possuem de seu corpo, como o tipo específico de seu uso, condicionam uma certa percepção dos seus problemas de saúde, ou seja, da doença (OLIVEIRA, 1998). Por via da doença, conseqüentemente, podemos acessar a imagem da sociedade, com todas suas pressões e imposições. Assim, o corpo das pessoas que trabalham com o lixo - constituindo-se por determinada utilização instrumental e sendo representado de forma a evidenciar seus limites ao invés de protegê-lo, caracterizando a estética minimalista -, atualiza uma diversa concepção sobre a doença. No entanto, entre esses sujeitos, não é apenas o corpo que está determinando representações sobre doença, mas também a própria representação do lixo,

uma vez que este se caracteriza por ser um agente ordenador de seu mundo, sendo capaz também de organizar suas concepções e percepções sobre os problemas de saúde.

Dessa forma, a percepção da doença está aqui relacionada ao meio em que vivem estas pessoas, às suas representações sobre determinados elementos que versam sobre a vida cotidiana, possuindo um valor coerente e ordenado com seu mundo. Buscamos, então, entender como se dá a experiência da doença relacionada ao trabalho com o lixo nas pessoas que se envolvem diariamente com ele. Dito de outra forma, procuramos compreender como uma pessoa percebe a origem e o significado de tal experiência de sofrimento; o que nos aproxima mais da categoria explicativa “illness” ou “perturbação”, que se constitui como um evento social, capaz de envolver sujeitos para além da pessoa doente, alcançando familiares, vizinhos e amigos (HELMAN, 2003). Estaremos tratando, portanto, menos do diagnóstico clínico da patologia do que de sua percepção por parte da pessoa que experiencia tal evento; apesar de, eventualmente, propormos uma comparação entre elas.

A perturbação é criada por relações pessoais, sociais e culturais à doença, é o que a molda, em comportamento e experiência; na ausência da perturbação não há significado relacionado à desordem (KLEINMAN, 1980). Logo, estaremos refletindo a respeito desta possível perturbação presente no cotidiano das pessoas envolvidas na pesquisa, associando-a ao seu meio e as suas representações corporais. Nesta seção estaremos refletindo, nessa perspectiva, a partir de duas representações da doença possíveis de serem encontradas entre as pessoas que possuem uma proximidade cotidiana com o lixo: a primeira refere-se à representação da doença associada ao trabalho com o lixo e a segunda diz respeito à representação da doença relacionada ao material com que executam suas tarefas, o próprio lixo.

3.3.1 Doença e trabalho: “os meus dedos chegam a ficar dormentes”

Como avaliado na seção precedente, a dor entre os sujeitos que possuem uma proximidade com o lixo geralmente não é associada a uma patologia específica, mas antes,

relaciona-se ao trabalho que executam estas pessoas, constituindo-se apenas como uma certa perturbação rotineira. Todavia, notou-se que quando a dor ultrapassa os limites do suportável, quando o corpo passa a não mais funcionar em função disso, nesse momento e somente a partir dessa percepção é que a dor passa a ter alguma correlação com um certo tipo de patologia em particular e normalmente esta é associada ao trabalho que executam.

As pessoas que trabalham com o lixo, que exercem tarefas tendo como principal instrumento o seu corpo, como podemos notar pelas explicações anteriores, percebem o corpo como principal fonte de seu sustento; uma vez adoecido o corpo, este sustento está comprometido. Dessa forma, a própria concepção de corpo como uma ferramenta insubstituível molda a percepção da doença, que só será entendida enquanto patologia quando não houver mais formas de suportar seus sintomas, ou quando a pessoa, por algum motivo, tiver a oportunidade de parar de trabalhar. Estamos tratando aqui em específico daquelas doenças percebidas enquanto consequência do trabalho, da forma particular de utilizar o corpo no cotidiano, evidenciada pelo esforço repetitivo em alguma parte específica do corpo: braços, mãos, pernas, joelhos, costas, abdômen, etc... Tataca nos fornece alguns detalhes da forma como percebe esse tipo de sensação corporal:

Trabalho muito com as mãos, que os meus dedos chegam a ficar dormente. O que mais cansa são meus dedos e minhas pernas, porque eu não consigo trabalhar sentada, tenho que trabalhar em pé. O que mais cansa é ter que socar o saco, ter que enfardar, que é o mais pesado, encher ele. Porque a gente vai enchendo, mas tem que ficar socando... Eu tenho muito é problema de coluna por causa disso.

Através da fala de Tataca podemos perceber uma dupla forma de relacionar o esforço do trabalho à sensações de doença. Por um lado, a informante associa certas dores ao “problema de coluna”, reconhecendo que existe aí uma patologia; por outro, avalia que constantemente sente dores nas mãos, nos dedos, relatando sintomas diversos, porém não relacionando a uma patologia específica, reconhecendo apenas uma perturbação. Em sua percepção, seus sintomas são ocasionados por um malefício particular, causado pelo trabalho diário e suas especificidades: a necessidade de “encher os sacos”, ficar os “socando” e depois, ainda, os “enfardar”. Tataca lida, talvez por experiências anteriores, com as duas categorias, tanto a patologia, quanto à perturbação.

Mateus, médico do posto de saúde local, avalia que esse tipo de doença relatada pelos sintomas de Tataca é muito comum entre as pessoas que trabalham com o lixo na região, causada pelo tipo de trabalho que realizam, pelo esforço repetitivo, pela má postura no trabalho; esta doença é associada às ditas doenças do trabalho e é chamada, como me contou o médico, de “Síndrome do Túnel do Carpo”. Essa síndrome constitui-se por determinada situação em que um nervo que se localiza na região do punho fica submetido a uma pressão contínua, expressa, conforme Mateus, através de inflamações na área, resultando em perda constante da força física e fortes dores musculares. Além dessa doença que parece ser muito recorrente, o médico enumera uma série de outras doenças que são causadas, em seu entendimento, pelo trabalho corporal repetitivo: tendinite, epicondilite, bursites, etc...

No período em que estive realizando trabalho de campo na Ilha pude perceber que esses tipos de doenças são recursivas, diversos informantes expressavam dores pelo corpo, principalmente nas mãos e braços, aproximando-se do diagnóstico de Mateus; porém, estas se caracterizam por serem menos patologias do que experiências marcadas por perturbações da ordem de suas vidas, que diariamente podem vir a ser contornadas, de uma ou outra forma, sem ajuda especializada. No entanto, apenas algumas pessoas recorrem ao posto de saúde a fim de realizarem algum tratamento, associando suas dores a algum tipo de patologia que mereça atenção. Jane, que está afastada do trabalho que realiza em seu galpão de triagem por motivo de doença, pode ser considerada como um bom exemplo deste tipo de prática em relação à saúde, uma vez que reflete estar doente por causa do trabalho, procurando, em função disso, tratamento especializado. Quando pergunto a ela se alguma vez já ficara doente por causa do trabalho, logo me responde:

Já, esta tendinite, que o médico disse que foi por causa dos movimentos sempre do mesmo jeito. Então, isso causou, por que de primeiro eu não tinha [...] Porque são sempre os mesmos movimentos, não é uma coisa que tu pode parar de fazer. Então, a parte que mais cansa são os braços mesmo.

Jane, que na companhia de seu marido, é proprietária de um galpão de triagem, reconhece em suas dores uma doença específica, o que não é comum entre as mulheres que conheci na Ilha. Em parte, sugiro que esta atitude seja decorrência de sua condição mais privilegiada em relação às demais trabalhadoras da região, uma vez que pode dar-se a

oportunidade de cuidar de si, visto que proprietária de seu próprio empreendimento. Esse tipo de prática não é ordinária, salienta-se, pois o caso de Jane é particular; a maioria das mulheres que trabalham com o lixo na região não possui um galpão de triagem, em geral são catadoras que trabalham em suas próprias casas ou realizam seus ofícios como empregadas no galpão de outrem. Esse último caso refere-se exatamente à situação de Beca; uma vez que empregada em um galpão de terceiros, pondera não ter a possibilidade de interromper o trabalho a fim de tratar de suas dores:

Tudo dói. É que à vezes tu cansas tanto [...] Eu tenho uma variz na perna, tem dia que me queima, sabe. E eu digo para Keka, a guria que trabalha comigo, “Keka to tão cansada”, às vezes dá vontade de não ir trabalhar mais. Dá vontade de não trabalhar mais! Eu parei uma semana, que eu trabalhava com o Luciano, outro guri ali, parei uma semana e me estourou o estômago, e não tem ninguém para me dar, tem que ser eu para dar para eles (os filhos), então não dá para parar [...]

Beca, além de não ter companheiro que lhe ajude nas despesas domésticas, tem muitos filhos pequenos que moram junto a ela, o que faz com que o trabalho seja emergente; a possibilidade de interromper o trabalho por motivo de alguma enfermidade deve ser descartada, uma vez que não há ninguém para ajudá-la. Essa análise pode ser corroborada através de Boltanski (1989), avaliando a doença entre classes populares na França:

Se ele recusa a cuidar-se, se espera o último minuto para ir ver o médico, fazer uma operação, ou hospitalizar-se, é que as coerções cotidianas, as coerções econômicas, principalmente, proíbe ou pelo menos tornam extremamente difícil o abandono das tarefas cotidianas, do trabalho, do trabalho físico que ele exige continuamente do corpo (BOLTANSKI, 1989: 153).

A análise do autor vai ao encontro ao que podemos perceber na Ilha Grande dos Marinheiros. Uma das práticas possíveis ao deparar-se com uma enfermidade é suportá-la até o limite imposto por seu corpo, pois o trabalho diário é mais emergente. Helman (2003) também associa esse tipo de atitude feminina ao contexto social e econômico em que estão inseridas: “Isso, por sua vez, pode ser influenciado pelo contexto social e econômico no qual as vidas das mulheres estão inseridas, tais como a necessidade de cuidar de crianças e continuar trabalhando, mesmo sentindo dor” (HELMAN, 2003: 171-172). Assim, a dor só

será entendida como patologia quando não se puder suportá-la, ou quando tiver a possibilidade de tratá-la, caso contrário, será percebida apenas como dor contingente, que faz parte do dia a dia, como evento banal.

De acordo com Knauth, Víctora e Leal - analisando a questão da doença, em especial do HIV, em um bairro de Porto Alegre -, a doença, em determinadas circunstâncias, pode ser percebida como algo habitual, “sua grande incidência faz dela uma coisa normal, que passa a ser incorporada ao cotidiano [...] acaba por produzir sua banalização” (KNAUTH, VICTORA E LEAL, 1998: 171). Dessa forma, o fato de muitas pessoas possuírem dores por diversas partes do corpo, talvez também faça dela algo comum, que não merece tratamento ou cuidados médicos. Sandra (31 anos) me conta um pouco sobre como percebe esse tipo de malefício: “para dor nas costas eu não vou ao médico, eu me deito um pouco, quando chego em casa, tomo um banho, aí alivia. É de ficar se abaixando e levantando, eu nunca fui no médico para isso”.

Nesse caso, Sandra não associa suas dores a uma patologia específica, logo não as trata; em sua percepção, as dores são condicionadas por ficar abaixando-se e levantando-se na hora da separação do lixo; o que decorre dessa falta de tratamento a esses sintomas é um agravamento da doença, que pode decorrer até mesmo em uma futura necessidade de ter de cessar o trabalho. O médico Mateus avalia este tipo de atitude em uma conversa, sugerindo que a maioria das pessoas que o procuram não realiza o tratamento adequado:

Pela necessidade eles não têm condições de fazer a coisa assim, digamos, a mais importante, que é parar de fazer o que eles faziam. Então, se tu não tira o fator causal da doença - é que nem tu ter um alfinete te fincando, se tu não tira o alfinete - e eles continuam fazendo o que eles têm de parar de fazer, por necessidade. Então, às vezes tu faz um tratamento paliativo e que tu sabe que não vai ter uma resposta muito adequada. E eles melhoram, daqui apouco pioram, e quando pioram, pioram mesmo. Aí tem alguns que param porque não conseguem mesmo, e aí começam a ser “tachados” como incapacitados, e aí já adoecem por causa disto.

No caso evidenciado por Mateus, as pessoas aproximam-se do consultório médico, porém, não realizam o tratamento adequado, que em sua percepção seria parar de trabalhar, até a interrupção dos sintomas. Em decorrência disso, algumas pessoas, com o tempo, acabam por não conseguir mais continuar suas tarefas, ficando incapacitadas, pelo agravamento da doença. Sugiro que, em alguns casos, tanto médicos, quanto pacientes,

estejam lidando com perspectivas distintas da doença. Enquanto médicos avaliam as doenças mencionadas como patologias merecedoras de atenção, os trabalhadores apenas as percebem como perturbações; assim como, estão eles também lidando com modelos de corpo diferenciados, o que decorre num tratamento diverso de seus sintomas. Os médicos avaliam o corpo a partir de uma lógica biomédica, intuindo neste uma série de riscos que os pacientes não percebem, o que difere do modelo apropriado por aqueles que trabalham com o lixo, uma vez que estes percebem o corpo de uma forma mais livre, deixando seus limites descobertos, como mostramos na seção anterior. Esse tipo de representação sobre o corpo que condiciona determinadas práticas específicas em relação à saúde refere-se tanto ao trabalho que realizam, quanto ao meio ambiente em que estão inseridas estas pessoas, ao tipo de material por elas utilizado no trabalho, assunto que trataremos na seção ulterior.

3.3.2 Doença e lixo: “ele não me prejudicou”

Conforme Kleinman (1980), a doença deve ser localizada em seu contexto simbólico de significado, pois do contrário, não há qualquer fundamento para as opções de comportamento em relação a ela e as possíveis buscas de saúde. Assim, procuramos colocar a doença em seu contexto simbólico, a fim de que possamos compreender as práticas relacionadas a ela. Perguntando ao médico Mateus se o lixo interfere de alguma forma na saúde das pessoas que com ele trabalham e convivem, o médico é categórico:

Ah, bastante. Eles fazem muitas lesões por causa do que encontram no lixo. Lesões “cortu-contusas”, por exemplo, de cortar e infectar. O contato, às vezes, com líquidos e soluções que queimam a pele, que causam alergias. Alguns têm intoxicações respiratórias, pelo cheiro do lixo, pelo gás que se forma. Picadas de bichos que tem ali, mordidas de ratos.

De acordo com o exposto, observa-se que na percepção biomédica, o lixo pode ser um causador de diversas doenças; entre elas, são enumeradas as lesões, as queimaduras, as intoxicações respiratórias, bem como as mordidas e picadas de diferentes animais que podem ser encontrados junto ao lixo. Essa percepção sobre o lixo, além de biomédica,

advém de pessoas que não mantêm com o ele uma relação de proximidade e intimidade, mas sim, de sujeitos que percebem no lixo um material que deve ser eliminado, distanciado. O que difere do posicionamento das pessoas que trabalham com este tipo de material, que com ele convivem diariamente, seja em seus locais de trabalho, seja em seus próprios lares.

Ao indagar meus informantes sobre a possibilidade do lixo lhes causar algum dano à saúde, recebo dois tipos complementares de respostas: uma que privilegia a negativa, ou seja, em seus julgamentos o lixo não pode causar dano algum a sua saúde; outra que deixa lugar para a dúvida, avaliando que o lixo talvez possa causar algum prejuízo. Tentemos, portanto, compreender como se dá essas duas representações sobre a doença associada ao lixo. Primeiramente nos centremos na justificativa de Jane, sua resposta versa sobre a indagação se o lixo aumenta a possibilidade de alguém contrair algum tipo de doença:

Se aumenta eu desconheço. Olha, que eu tenha me dado conta não, ele não me prejudicou. As doenças que eu tenho são a bronquite asmática, isso vem do ar, da própria poeira, porque onde eu morei nunca foi calçado. E a hepatite foi contraída, então, acredito que não, a gente procura se cuidar. Eu acho que tu se cuidando, mantendo tua higiene, tu estás disposta a pegar uma infecção como está a pegar uma gripe.

Jane constata a partir de sua própria experiência que o lixo não pode acarretar males à saúde, uma vez que em sua percepção, suas doenças possuem outras causas. Em sua visão, o contato com o lixo não eleva a possibilidade de uma pessoa ficar doente, sendo que o cuidado com a higiene parece ser o suficiente na tentativa de distanciar-se de malefícios. Cacilda possui uma noção semelhante a esse respeito, quando pergunto se o lixo poderia ocasionar algum tipo de dano, responde-me: “Não, para mim nunca causou doença nenhuma. É só tu tomar cuidado, lavar bem tuas mãos na hora de comer, de fazer alguma coisa, o resto não tem problema”. Notamos que Cacilda não percebe o lixo como agente causador de patologias; avalia, similarmente a Jane, que uma certa higiene, que se qualifica por lavar as mãos na hora das refeições, parece atitude suficiente no contato com o lixo.

Essa postura das informantes, evidenciada pela não associação do lixo a um agente causador de danos a saúde parece muito comum entre as pessoas com as quais mantive contato na Ilha. Ida possui uma análoga idéia sobre o lixo relacionado à doenças, porém, nos adiciona alguns dados que nos possibilita um maior entendimento dessa percepção particular dos ilhéus:

Até hoje, graças a deus, nunca tive problema. Que eu saiba não, aqui pelo menos nunca ouvi falar de alguém ter ficado doente porque estava trabalhando [com o lixo]. A não ser aquele bem sujo, que vem até rato morto, aquele ali acho que pode causar alguma coisa. O nosso, é como eu te disse, são raras as coisas que vêm misturadas, o mais é lixo limpo, lixo seco.

Ida nos demonstra que, da mesma forma que as outras informantes, também não acredita que o lixo possa causar danos a saúde de quem com ele trabalha, todavia, nos acrescenta uma informação relevante: o lixo limpo, seco, não causa malefício algum, no entanto, o sujo, o misturado demais, este sim pode eventualmente causar algum mal a saúde. A lógica de Ida é confirmada por outras pessoas com quem conversei, o lixo misturado parece ser mais danoso que os demais, pois possui materiais que desordenam o todo, vejamos algumas opiniões:

Eu nunca fiquei doente, mas é possível. Mas eu acho que é possível a pessoa ficar doente porque fica respirando aquele lixo ali, né, nem todo o ser humano é igual, né. É, a pessoa tem que ter um certo cuidado, com as seringas que vem no lixo, camisinha contaminada, eu quando eu pego nem olho, pego e já vai direto para o outro lixo (Tataca)

Acho que tem tipos (de doenças) né. Uma vez nós pegamos, como é que se diz, doença respiratória, não respirava direito, porque caiu um tóxico, um negócio, aí quase nos matou, a gente ficou doente e tudo [...] E encheu o corpo da gente de bolota e coisa. E eles nem aí. E foi do lixo. Fui para o hospital para me examinarem, para ver do que era e era alergia daquele pó que caiu [...] Mais era a alergia que deu, né. Porque a gente estava suada e calorão e aquele pó veio com tudo na nossa cara. Uma vez lá no galpão nós estávamos trabalhando ali e uma amiga minha abriu um saco e encheu a cabeça dela de piolho! É que veio cabelo dentro do saco, sabe. Encheu. Quando ela viu, aquela coceira, estavam subindo, né. (Beca)

Como podemos notar através destes depoimentos, além do lixo misturado, os animais que lá podem ser encontrados também representam perigo. No decorrer das entrevistas fui percebendo que certos animais que fazem parte da rotina das pessoas que moram na Ilha, como os ratos, que por lá circulam livremente todos os dias, são percebidos como agentes causadores de doença. Tanto como os piolhos referidos no depoimento anterior, os ratos desordenam o ambiente, sendo concebidos como possíveis causadores de malefícios. Márcia nos explica como percebe esse tipo de evento, quando pergunto se o lixo pode causar doenças:

Acho que agora pode, porque ali, agora como está o lixo, de um dia para o outro, vai ficando, por causa dos ratos que passam por ali, da “mijada” do rato, ou os cavalos também que passam por ali. Mas nós graças a Deus nunca ficamos doentes. Não conheço ninguém que ficou doente, só ouvir falar, doenças do rato, assim. A única vez que eu fiquei, mas não foi doente, foi um dia que eu tive alergia, que minha testa ficou vermelha, foi a vez da enchente, que eu ficava andando por dentro da água aí, porque os ratos passavam por tudo.

Márcia, ao expor sua opinião sobre a relação do lixo com doenças, faz referência aos ratos que por lá passam constantemente, julgando ser possível que através deles as pessoas acabem contraindo algum malefício. Conforme os depoimentos desenvolvidos nesta seção pondera-se que as representações de doença das pessoas envolvidas na pesquisa, e que são associadas ao lixo, estão de acordo, primeiramente, com a noção singular que estas possuem deste material, e em segundo, conformam-se com um modelo particular de corpo.

Mais especificamente, no capítulo II compreendemos que o lixo possui um significado diverso para as pessoas que com ele trabalham e convivem. Persiste entre eles um valor positivado que é atribuído a este material, uma vez que ocupam um lugar privilegiado em suas vidas, ordenando seu mundo. O lixo, portanto, faz parte da organização diária dos ilhéus, visto que estes não procuram eliminá-lo, antes, vão ao seu encontro. Assim, este material é associado à pureza em detrimento da sujeira; é relacionado à ordem, em prejuízo da desordem. Assim sendo, na lógica das pessoas que convivem com este material, não é possível que haja contaminação pelo seu contato, uma vez que este não representa perigo.

Douglas (1966) pondera que entre as poluições sociais, algumas se referem aos perigos que pressionam os limites de uma comunidade, relacionando estes aos limites corporais. Sugiro que tudo aquilo que está dentro dos limites do terreno dos ilhéus e que a eles pertencem não possuem caráter de impureza, o que não ocorre àqueles materiais e seres que nele penetram, que dele escapam, ultrapassam os seus limites, como os ratos e outros animais nocivos à saúde. Deste modo, estes estão no perigo das margens, transgredindo os limites internos de um sistema, logo representam perigo e contaminação; o que ocorre de forma análoga no corpo. Logo, o corpo em contato com estes materiais e seres está em constante ameaça.

Um grupo seletivo destes materiais, portanto, representa perigo. Refiro-me aqui aos materiais que não deveriam estar amalgamados aos demais, desordenando o todo, confundindo o esquema geral através do qual o mundo está organizado. Trata-se dos materiais orgânicos, do lixo hospitalar, assim como dos animais que utilizam o lixo como alimento e habitat. Esses representam a desordem, logo devem ser eliminados; por isso, na lógica dos informantes, esse tipo de material pode causar danos à saúde. Entretanto, através dos depoimentos, percebe-se que os sujeitos em geral expõem nunca terem ficado doentes em virtude do contato com o lixo, apesar de acreditarem ser isso possível. Alguns, inclusive, chegam mesmo a referir sintomas de alergias e contaminações respiratórias, sem, no entanto, relacionar estes males a patologias.

Sugiro que esse fenômeno ocorra por estar sendo acionado, neste caso, um modelo de corpo distinto do biomédico. Como vimos na seção precedente, na lógica dos informantes, o corpo possui uma estrutura mais livre, o que reflete suas experiências com o espaço em que vivem. Da mesma forma que o lixo não oferece perigo e permeia todo o seu ambiente, nele e dele sobrevivendo, o corpo também reflete esta noção. Ou seja, há um relaxamento no que se refere aos seus cuidados, uma vez que este parece ser invulnerável a perigos externos, visto que seu ambiente não oferece tais danos. Dessa forma, o corpo no lixo, na visão dos ilhéus, está a salvo, está protegido. Entretanto, não são todos os corpos que estão protegidos no lixo; os corpos infantis merecem outros cuidados que não são dispensados aos corpos dos adultos, como veremos na seção seguinte.

3.4 Criança no lixo

No período em que realizei trabalho de campo na Ilha Grande dos Marinheiros observei que as crianças possuem uma certa liberdade em seu ambiente, em geral, elas podem circular, normalmente acompanhadas das mães, avós, ou de irmãos maiores em praticamente todos os lugares do seu mundo: pelo pátio de sua casa, sobre o lixo e ao redor dele, nas ruas que perfazem a Ilha, pelos arredores e dentro dos galpões de triagem. Apesar desta aparente liberdade, os pequenos brincam sempre sob regular vigilância externa. As

mães ou pessoas que detém sobre o menor certa responsabilidade possuem uma lógica muito específica no que trata dos cuidados relegados às crianças no lixo.

Pude perceber que existe uma distinção etária no que diz respeito aos cuidados das crianças e a proximidade com o lixo. Geralmente, a criança de colo, até atingir aproximadamente dois anos de vida, merece cuidados especiais. Dela são afastadas as substâncias ou materiais considerados mais danosos à saúde, como objetos cortantes, alimentos mordidos por ratos, lixo hospitalar (em especial as seringas) e lixo orgânico em geral. As crianças que ultrapassam esta idade são consideradas mais fortes, portanto, capazes de se misturar aos demais e usufruírem com mais liberdade de seu ambiente.⁶⁵

O cuidado reservado aos mais jovens parece ser muito comum entre as pessoas pertencentes às classes populares. Oliveira observa que há, entre esse tipo de população, uma grande preocupação com o segmento infantil, pois as crianças são consideradas “seres frágeis, de cuja saúde as mães não podem descuidar-se” (OLIVEIRA, 1998: 82). A apreensão com a saúde dos pequenos, na percepção do autor, denota muito mais do que uma busca pelo seu bem estar; é também resposta a uma exigência da comunidade e do posto de saúde. Na Ilha dos Marinheiros encontramos semelhante situação, uma vez que o posto de saúde local realiza um acompanhamento médico no recém nascido durante o período de um ano. Ida nos explica como se verifica este evento:

Aí depois que eu ganhei ele é que eu estou freqüentando mais [o posto], aí tem consulta todo mês, porque tem acompanhamento da criança até um ano. Todos os meses tu leva a criança e já fica agendada para o outro mês. E tem também os agentes da saúde que vem na tua casa fazer a visita, é, é muito bom, agora ficou muito bom aquilo ali. Aí tem acompanhamento da criança até um aninho de idade. Eles vem ver como é que a criança está, se tem alguma coisa. Se é alguma coisa grave eles encaminham para o posto, acompanham sempre, e toda a semana eles passam na tua casa.

Dessa forma, a preocupação com o tratamento reservado aos menores talvez se justifique, além de outras possíveis variáveis, pela possível intervenção do posto de saúde, que mensalmente solicita uma atitude de cuidados especiais da mãe no que se refere aos filhos pequenos; assim, estas vivem este período sob constante vigilância, tanto dos

⁶⁵ Sobre outras categorias de distinção etária entre grupos populares, como a associação do conceito de idade a eventos biológicos em detrimento de cronológicos, ver VÍCTORA (1991).

médicos, quanto dos agentes de saúde. Todavia, parece que a preocupação das mães no que se trata da saúde infantil, relaciona-se menos ao tipo de ambiente em que vivem, com a predominância do lixo e de suas especificidades, do que a fase de vida das crianças, que parece inspirar outros cuidados. Essa idéia contradiz, em alguns aspectos, a visão biomédica; pois a biomedicina, como veremos em seguida, avalia que o meio em que vivem os ilhéus - caracterizado pela permanência constante do lixo e do que dele pode advir - é um possível causador de danos a saúde dos bebês e demais crianças. Através do depoimento do médico Mateus podemos compreender melhor esta situação; quando pergunto se o lixo causa doenças nas crianças, responde-me:

Bastante. Doenças respiratórias, lesões, assim, eles cortam a pele e infectam com muita facilidade, com muita frequência, mordida de rato tem bastante. Além do que a água fica muito próxima de tudo isso. Para ti ter uma idéia, agora teve um mini-surto de hepatite E aqui, o pessoal ficou todo assustado assim, a gente não sabe de onde veio né, provavelmente foi através da água. E assim, eles têm ali a água do lado do lixo. Às vezes o lixo tu também não sabe da onde vem. Eles chegam muitas vezes aqui para nós com lixo hospitalar, seringas, agulhas, e eles trazem porque sabem que a gente tem onde descartar.

Na visão biomédica, portanto, o lixo é um dos causadores de danos à saúde das crianças, que eventualmente cortam-se com os objetos misturados a ele, são mordidos por ratos que vivem entre este tipo de material, além da possibilidade de contraírem outras doenças correlacionadas a abundância do material na região, como doenças respiratórias e a possível hepatite. No entanto, a visão dos ilhéus parece um pouco diferenciada. Perguntei, em uma entrevista, a Jane se seu neto já havia ficado doente devido ao lixo; a avaliação da informante foi negativa: “Não. O meu neto pegou agora foi hepatite, mas isso foi um andaço que teve, como sarampo e catapora, é de época né, não que possa se dizer que foi do lixo”.

Ao contrário do médico Mateus que avalia ser possível a hepatite ser transmitida pela água, que poderia estar contaminada pelo contato com o lixo, Jane possui percepção diversa, não associando doenças ao material com que trabalha. Sempre que podia perguntava a minhas informantes se seus filhos costumavam ter contato com o lixo no dia a dia; a resposta, frequentemente, vinha acompanhada de um sorriso carinhoso, como se naquele momento estivessem lembrando de algo engraçado relacionado a suas crianças.

Isso acontecia uma vez que a resposta versava sobre o mesmo evento: crianças perambulando pelo lixo em busca de brinquedos e guloseimas. Em entrevista com Ida, certa vez, perguntei a ela se seus filhos costumavam ir ao galpão em que trabalha, ao qual me respondeu:

[...] eles acabem entrando, mas eles não são muito de mexer no lixo. Mais é brinquedo, se eles acham eles pegam. Eles chegam no galpão e já perguntam se não tem brinquedo ali. Mas, mais é brinquedo que eles procuram, mas eles não mexem muito.

Assim como os filhos de Ida, as crianças de Tataca também costumam procurar brinquedos no lixo: “[...] eles até gostam, querem catar, mas daqui a pouco já largam de mão. Querem catar por interesse de achar coisa boa no lixo, porque vem, né”. Jane me conta, em certo momento, que seus netos também possuem um interesse bem delimitado no que se trata do lixo:

[...] às vezes vão pela curiosidade de achar alguma coisa [...] A gente está sempre cuidando, a gente sabe onde está o perigo, onde está o caco de vidro, aonde tem certas coisas que eles não podem mexer, então a gente não deixa, eles vão lá é mexer nos plásticos para ver se acham algum brinquedo.

Como elas, outras informantes avaliam que seus filhos acabam tendo contato com o lixo, mas em geral, isso não parece causar estranhamento na mãe, nem aborrecimento; o lixo, em suas percepções, deve ser afastado apenas das crianças de colo, as demais estão liberadas para o convívio com este material. No entanto, alguns cuidados especiais devem ser tomados em relação a todas as crianças, como explica Amélia:

Eu acho que a única coisa que pode causar, de repente, é nas crianças que têm a pele sensível, alguma ferida, alguma alergia. Porque um dos meus gêmeos, o André, qualquer coisinha o corpo dele fica todo cheio de mancha, cheio de ferida. Porque ele é muito alérgico. Mas em mim não, cuidando assim não tem. Tem que cuidar para a criança não ficar em cima do lixo, que nem a Bruna, ela fica comigo em casa, mas eu procuro manter ela longe dali. Eu entreto ela com os brinquedos mais para longe. Coloco um tapete, umas bonecas, aí ali ela se entrete então fica lá em roda. Porque às vezes pode a criança pegar alguma coisa do lixo e botar na boca, né, pode dar ferida, alguma coisa assim. Então eu procuro manter ela mais longe. Mas eu acho que cuidando não tem problema.

Amélia, que trabalha separando o lixo em sua residência, julga que os cuidados maiores devem ser destinados a Bruna, sua filha de dois anos de idade. Apesar de crer na possibilidade do lixo não causar maiores danos, alguns cuidados são necessários, pois as crianças são vistas como portadoras de um corpo mais sensível que dos adultos, sujeito, portanto, a maiores contaminações e riscos. O lixo em si, neste caso, não é o maior problema; o que mais parece preocupar os pais é a idéia de que nesta fase de vida as crianças estão mais sujeitas às doenças, logo, espera-se que elas fiquem doentes por diferentes motivos, inclusive pelo contato com o lixo.

O que pretendo dizer com isso é que na representação das pessoas que trabalham com o lixo, este se constitui como um causador de danos à saúde das crianças tanto quanto qualquer outro material, pois se espera que, na fase de vida em que se encontram, elas fiquem doentes com mais frequência e por diferentes motivos. Isso só corrobora com nossa pressuposição inicial de que o lixo organiza a vida das pessoas, sendo relacionado à pureza, logo, não teria por que este material causar doenças nas crianças, uma vez que também não as causa nos adultos. No entanto, o mesmo tipo de material que é considerado como danosos á saúde dos adultos, é também percebido como perigoso para as crianças; refiro-me ao lixo orgânico, ao hospitalar, aos objetos cortantes, etc...

Márcia me conta que não profbe seus filhos menores de brincarem e procurarem coisas do interesse deles no meio do lixo, avalia que apenas solicita para eles que tenham um certo cuidado com os objetos que podem eventualmente feri-los:

Elas [as crianças] ficam em roda, né. Às vezes vão catar plástico [...] Vou te dizer uma coisa. Às vezes eu to catando ali, às vezes acho uma bolacha, fechadinha, ou um pão, novinho ainda, que o rato não mexeu, e aí eu pego de lá e trago para eles, deixo comer. E eles vão lá e pedem: “mãe, não tem nada de bom aí?” Porque às vezes eles querem comer uma coisa diferente e eu não tenho. Aí eu digo, não, a mãe não achou nada ainda. Mas eles acham um monte. Só digo para eles se cuidarem com os vidros. Só o meu guri grande que uma vez cortou o pé.

Além de deixar seus filhos procurarem coisas de seu interesse no lixo, Márcia ainda permite que eles comam certos alimentos que, vez ou outra, encontram misturados aos demais materiais. Todavia, a informante expõe que sua preocupação maior está em permitir que as crianças comam apenas alimentos que ainda não foram mordidos pelos ratos, pois são justamente estes que poderiam ocasionar algum dano a saúde das crianças.

Em síntese, com o tempo, fui percebendo que esse tipo de atitude das mães e responsáveis pelas crianças em relação a elas se multiplicavam. O cuidado que reservam aos seus filhos relacionado a sua proximidade com o lixo parece estar, em suma, mais relacionado à fase de vida em que se encontram do que ao próprio lixo. O lixo, como causador de danos à saúde, é tão perigoso às crianças como qualquer outro material existente em seu mundo. Portanto, em relação ao contato das crianças com ele, na lógica das informantes, basta uma atenção redobrada e um cuidado constante. Na próxima seção estaremos tratando da relação que se trava entre os ilhéus e a equipe de saúde local.

3.5 Posto de saúde: apenas um recurso de cura disponível?

Hellman, discutindo as alternativas de assistência à saúde em uma comunidade, avalia que “nas sociedades modernas urbanizadas, ocidentais ou não, freqüentemente existe pluralismo médico. Nelas, há muitos grupos e indivíduos que oferecem ao paciente sua maneira particular de explicar, diagnosticar e tratar as doenças” (HELMAN, 2003: 71). O sistema médico de uma localidade, por conseguinte, deve ser estudado conjuntamente com outros aspectos; assim, na análise do pluralismo médico, é importante notar os aspectos culturais e sociais dos tipos de assistência à saúde disponíveis. A Unidade de Saúde da Ilha Grande dos Marinheiros, mais conhecida como posto pelos freqüentadores, é uma das alternativas de saúde possíveis na Ilha. As pessoas com as quais mantive contato, conforme pude perceber, procuram esta alternativa com muita freqüência, juntamente a outras que lhe são acessíveis, como a alternativa religiosa⁶⁶. Em nosso caso, estaremos tratando especialmente da alternativa profissional, visto que esta foi a mais citada pelos informantes como recurso de cura.

Em conformidade com Kleinman (1980), nesta perspectiva, em um sistema de atenção à saúde, os agentes de saúde, assim como os pacientes, devem ser compreendidos dentro de seu contexto, estando associados, conseqüentemente, a relações sociais e

⁶⁶ Para uma interpretação da doença associada à questão religiosa ver Monteiro (1985).

significados culturais específicos do meio sociocultural. Dessa forma, nesta seção estaremos tratando da relação entre os profissionais de saúde local e os pacientes que possuem contato diário com o lixo. As análises a respeito das relações familiares e de vizinhança, calcadas no evento da reciprocidade (Capítulo II), são especialmente férteis na tentativa de compreender estas relações. Serão analisadas duas formas de relacionamento: uma que evidencia a confiança dos ilhéus na biomedicina, confirmada através de um uso freqüente do posto; e outra que demonstra o desagrado da população sobre determinada postura particular da administração do posto.

O posto de saúde da Ilha Grande dos Marinheiros funciona hoje através de uma parceria da Prefeitura de Porto Alegre com o Hospital Moinhos de Vento. De acordo com o médico Mateus, “a estrutura é da prefeitura e a equipe é do hospital”. Ele localiza-se entre as duas ruas principais que compõem a Ilha, situando-se em lugar privilegiado para os moradores de ambas. Para quem chega ao local e vai a direção da rua central que leva à entrada da Ilha, o posto fica à direita, após a ponte, ao lado de uma escola de ensino fundamental, bem próximo do Hotel da Ilha. A estrutura do posto é recente, foi construída à aproximadamente dois anos, sendo conquistada, de acordo com os moradores, no orçamento participativo.

A equipe de saúde que hoje trabalha no posto teve seu conjunto de profissionais requisitados com o advento da atual administração que ficou a cargo do Hospital Moinhos de Vento. Dessa forma, juntamente com a nova sede e a nova equipe, estalaram-se no posto de saúde outros conceitos e diversas formas de lidar e atender os pacientes. O médico Mateus pondera que o posto ainda está operando sob um momento de transição, que em sua percepção, está um tanto demorado e problemático, visto que não são todos os pacientes que aceitam pacificamente a presente equipe e a forma de atendimento por eles proposta. Conforme me confidenciou Mateus, antes da nova administração, o posto trabalhava sob as normas tradicionais de atendimento a saúde, que em sua opinião era orientada apenas ao pronto atendimento, sem trabalhos de prevenção e orientação voltados para todos os membros de uma família.

Hodiernamente, o posto trabalha sob os conceitos de um Programa de Saúde da Família, contando com a ajuda de uma equipe interdisciplinar: quatro médicos (dois residentes, um médico de família e um pediatra), uma enfermeira que é também

coordenadora do posto, três técnicos de enfermagem, uma nutricionista e uma estagiária de nutrição, quatro agentes de saúde, uma dentista e sua auxiliar, dois agentes administrativos, um guarda e uma auxiliar de limpeza. De acordo como o médico, a especialidade de medicina da família é recente, se propondo a uma abordagem diferenciada da tradicional, versando principalmente sobre o atendimento de todos os membros de um grupo familiar; nesse caso, o mesmo médico pode atender até quatro gerações em uma mesma família. Esse tipo de abordagem, na visão dos médicos do posto, tem a vantagem de aproximar os profissionais de toda a família, possibilitando um maior entendimento da ordenação familiar. Assim, nesse sistema, além do atendimento individual no posto pelo médico, há um atendimento na própria residência do paciente, momento este em que o profissional tem a oportunidade de observar as suas condições estruturais de vida.

De acordo com meus dados de campo, meus informantes procuram atendimento médico com muita frequência; porém, este atendimento é mais intenso quando associado às suas crianças do que para si próprios. A percepção de que “nunca ficam doentes” é muito difundida, no entanto, esta parece denotar mais uma característica das classes populares - visto que, com frequência, precisam do corpo funcionando, uma vez que este é utilizado de forma instrumental em muitos casos -, do que um atributo privilegiado dos ilhéus. Todavia, a facilidade de atendimento no posto de saúde desde a nova administração, pois as pessoas não mais precisam acordar de madrugada a fim de conseguirem fichas, é um dos possíveis motivos que acarreta numa utilização intensa deste. Márcia me conta que vai ao posto quase todo o dia:

Para medir minha pressão, às vezes eu vou “dia sim, dia não”. Às vezes eu fico zozona, zozona, não consigo falar direito, toda tonta, muito agitada, que eu vejo que eu não estou boa aí eu vou lá [...] Os médicos atendem com bastante educação e bastante atenção, eu e minhas crianças. Eu levo meus netos também. Às vezes eles (os médicos) me dizem assim, para eu não ir lá toda hora, porque eu vou toda hora.

Através da exposição de Márcia podemos notar que o uso que faz do posto é imenso, a ponto dos médicos solicitarem a redução de suas idas. Ida também relata evento análogo quando pergunto se costuma ir ao posto: “Ah, no posto eu estou sempre. Porque como eu te disse, o meu pequeno tem bronquiolite, então está sempre com falta de ar, então

tem que estar sempre indo ali e nebulizando ele”. Jane compartilha de semelhante posicionamento:

E vou, hoje eu fui novamente com ele (o neto) ao posto, eu estou quase sempre no posto, por causa dele. Porque é uma coisa e outra, quando não é uma gripe, é garganta, é um ouvido, se não é uma hepatite, como aconteceu agora. Agora deram remédio de vermes que ele tomou e não fez bem, então teve que retornar para o posto de saúde. Então, eu faço bastante uso do posto.

Talvez a localização acessível e a facilidade de atendimento acarretem nesta grande utilização que é compartilhada por muitas de minhas informantes. Além de procurarem atendimento com frequência, a confiança nos médicos ajuda a não reduzir o número de consultas por parte dos frequentadores. Minhas entrevistas demonstraram que 100% das pesquisadas possuem confiança na biomedicina e nos próprios profissionais do posto. Tataca expõe sua percepção sobre o assunto: “O médico é bom, eu sempre tive refluxo, e os médicos nunca acharam a minha doença, quem achou minha doença foi este doutor do Moinhos, o Mateus”. O relato de Ida corrobora tal confiança:

Tem o Doutor Mateus que fica todos os dias e tem uma doutora também, que entrou esta semana. Tem pediatra, mas ele não vem todos os dias [...] Este doutor Mateus todo mundo daqui da Ilha gosta muito dele, é tanto de criança quanto de adulto. Ele é tudo, ele é ginecologista, ele é clínico geral, ele é tudo, porque ele atende tudo quanto é área. Ele é muito bom, todo mundo gosta dele.

Essa confiança na biomedicina e nos médicos em particular é atualizada de outra forma no discurso médico. Durante o período em que realizei trabalho de campo na Ilha tive a oportunidade de conhecer todos os profissionais que trabalhavam no posto, bem como de me aproximar com mais regularidade de alguns deles, em especial da nutricionista Vilma e do médico Mateus. Foi por intermédio de Vilma que fui apresentada aos funcionários do posto e mantive sempre meu caminho livre em todas as suas acomodações. Dessa forma, sempre que ia a Ilha procurava passar alguns minutos no posto; conversava com os funcionários e pacientes, observava o vai e vem de pessoas, bem como suas posturas perante a equipe de trabalho. Certa vez fui convidada por Vilma a participar de uma das reuniões semanais da equipe da saúde; nesse encontro tive a oportunidade de notar a percepção dos médicos e outros funcionários sobre os frequentadores do posto, noção esta

que foi legitimada no decorrer de minha pesquisa através de outras conversas e observações.

Em princípio, na percepção dos médicos, o posto de saúde funciona, além de ser um recurso de atendimento a saúde, como um “atrativo” para a população local. A equipe de saúde nota que os pacientes procuram o posto em demasia, mesmo quando não necessitam de atendimento; na concepção da equipe, isso ocorre porque o posto é um atrativo, como ponderou o médico Mateus:

O que acontece aqui é assim, os pacientes vem semanalmente, pacientes jovens, que na maioria das vezes não tem porque ficarem doentes. As queixas são às vezes assim, por mais que tu tentes valorizar tu não consegues, porque assim, na verdade é uma falta de opção, na maioria das vezes. Por exemplo, eu atendi hoje de manhã uma paciente que eu atendi semana passada e semana retrasada, hoje eu disse assim para ela: “olha, eu acho que tu és muito jovem para ficar doente, não sei o que, não sei o que...” E ela começou a chorar, sabe, porque às vezes eles não tem muitas opções, porque aqui, vou colocar entre aspas, é um “shopping”. É um lugar limpo, é um lugar que não é úmido, que não é molhado, que tem chão, que tem água, que tem banheiro limpo, e que tem com quem conversar, sabe, é um atrativo.

Outras pessoas da equipe já haviam me falado nestes termos, entendendo o posto não como apenas um recurso de cura disponível para os seus frequentadores, mas como algo mais, como um local que serve também para a efetivação de outras atividades, tal como conversar com os médicos e a equipe em geral, encontrar pessoas, trocar informações diversas, etc... Com o tempo, fui percebendo que os frequentadores do posto realmente o procuravam com muita frequência; nos momentos em que ia ao posto a fim de observar, geralmente encontrava lá minhas informantes. Pude notar que nem sempre elas estavam lá apenas com a finalidade de ter uma consulta médica; às vezes estavam apenas trocando palavras com algum médico em especial, tirando dúvidas gerais, até mesmo sobre horário de reuniões e palestras.

Várias informantes contaram-me que participam no posto de diversos grupos que são desenvolvidos no seu interior, como o grupo das gestantes, da asma, da hepatite, e assim por diante. Explicaram-me os médicos que este tipo de grupo funciona como um momento de orientação e prevenção para as pessoas afetadas por alguma destas doenças, a finalidade é fazer com que os sujeitos cuidem-se melhor, como também atuem como multiplicadores da idéia geral que é a prevenção das doenças. Assim, parece que as pessoas

detêm diversas oportunidades de irem ao posto que ultrapassam as meras consultas individuais em um consultório médico.

Todavia, a maneira tradicional de utilização do posto, enquanto recurso de cura, permanece entre seus freqüentadores, que aproveitam as oportunidades em que possuem uma consulta também para outros fins. Nestes momentos em que as pessoas procuram serem atendidas pode observar um fenômeno particular; o descontentamento por parte de alguns com a nova administração e a sua maneira diversa de se relacionar com os pacientes. Tive oportunidade de assistir, nesse sentido, o que a equipe do posto denominou de “bafões”. O pediatra do posto avaliou certa vez que as pessoas agiam como se o posto fosse um “botequim”: “eles chegam e pedem o que querem e querem seus desejos satisfeitos”.

Esse tipo de postura evidenciada pelos médicos do posto compreende uma posição especial dos pacientes, bem como de seus familiares e vizinhos, que pode ser demonstrada através de uma atitude agressiva por parte de algumas pessoas exigindo atendimento médico. Ou seja, conforme as informações que recebi de meus informantes, quando um paciente chega ao posto ele é encaminhado para a seção de triagem, se o responsável por esta compreender ser necessário o atendimento médico, este o encaminha para tal, do contrário, os pacientes são orientados a voltarem para suas casas, logo, sendo às vezes atendidos apenas pela enfermeira responsável.

Essa recente posição do posto causou um sério descontentamento nos freqüentadores, pois uma vez que se consideram doentes a ponto de procurarem atendimento médico, a expectativa é que por este sejam atendidos, e não apenas pelos enfermeiros. Dessa maneira, desde que esta atitude foi tomada pela administração do posto, os tais “bafões” são constantes. As pessoas exigem serem atendidas pelo médico das mais diversas formas: gritam nos corredores, proferem os mais diversos xingamentos na equipe médica, entram sem serem convidados nos consultórios, chegam até mesmo a tentar agredir fisicamente os enfermeiros e agentes administrativos. Pude perceber que as pessoas sentem-se fortemente ofendidas perante a recente postura do posto de saúde. Jane expõe um acontecimento que esclarece esse tipo de situação:

Porque eles acham que as pessoas daqui são pessoas, que por serem pobres, esquecem dos direitos deles. Então, eles querem fazer aquilo que eles acham que devem, e não o que a comunidade está necessitando, de um tipo de atendimento. Foi como eu te falei [...] se

negaram a atender a minha filha e fazer uma nebulização (na neta) porque ela tinha chegado do hospital. Ela veio para casa chorando porque eles disseram que não iam fazer a nebulização. Aí eu peguei minha neta e minha filha e retornei ao posto, fui lá e ameacei eles, se eles não quisessem fazer a nebulização, se eles, como médicos ou como atendentes de enfermagem, não conheciam o que era uma crise asmática, que para mim não tinha diferença, eu ia à delegacia e fazer uma ocorrência e que a responsabilidade seria totalmente deles [...] e a enfermeira chefe do posto, esta aqui, quis me barrar na porta, eu disse que não porque era mãe da guria e avó das crianças e que eu queria saber o procedimento.

O evento narrado por Jane, conforme pude perceber, já se tornou constante. O fato de o posto ter mudado de postura e modificado sua maneira de atendimento causou um grande aborrecimento na população que passou a sentir-se prejudicada. Em um dia em que fazia observação na Ilha presenciei similar situação. Uma senhora entrava no posto, acompanhada de outra que chorava muito. A primeira, que se dizia vizinha da senhora descomposta, empurrava a segunda pelas costas para dentro do consultório médico, ameaçando a equipe e exigindo seu atendimento. A senhora acabou sendo atendida após muita discussão. Mais tarde, enquanto a vizinha esperava o atendimento da doente, conversamos; ela contou-me que a amiga teria passado mal à noite, devido a pressão alta, e quando chegara ao posto havia sido encaminhada de volta para sua casa pela enfermeira, esta avaliara que não precisava de atendimento médico. Tal atitude causou na vizinha um sério desagrado, o que fez com que resolvesse acompanhar a amiga ao posto a fim de exigirem seus direitos de atendimento.

A tal senhora com que travei uma conversação no evento narrado acima, enquanto exigia atendimento, falava a todo o momento que o posto só estava ali porque os ilhéus o haviam ganhado no orçamento participativo; logo, era por causa deles, os moradores da Ilha, que o posto estava em funcionamento. Da mesma forma, Jane expõe sentimento similar, dizendo que “a comunidade pode ser pobre na fisionomia, mas rica em espírito, apesar das dificuldades elas conhecem os direitos delas”. Sugiro, frente a essas informações, que o posto de saúde represente para as pessoas que o freqüentam, muito além do que um recurso disponível para tratar de seus malefícios; trata-se de um local onde

podem exercer sua cidadania⁶⁷. O espaço do posto parece ser visto pelos moradores como um lugar que além de público, é responsabilidade e direito de cada um dos moradores; estes parecendo procurar deter sobre ele um certo domínio e poder. Além disso, é um espaço privilegiado para demonstrarem sua adesão às regras de reciprocidade; em ambos os casos, a defesa de uma pessoa vista como injustiçada foi empreendida por outros, representados por seus parentes, vizinhos ou amigos, reafirmando o seu pertencimento ao grupo através da manutenção das redes de reciprocidade.

O posto de saúde, nesse sentido, parece ter uma dupla função na Ilha; por um lado ele representa um recurso de cura aos problemas de saúde considerados patológicos, por outro, parece significar também um local que deve dar conta dos problemas de perturbação. Ao ser conquistado pelos ilhéus no orçamento participativo, como argumentam, o posto parece vir para resolver os diversos tipos de problemas pelos moradores enfrentados, como os casos narrados anteriormente. Em ambos os eventos, podemos perceber demandas da ordem das perturbações, em que a família, amigos ou vizinhos do sujeito que tem uma vivência de sofrimento se envolvem diretamente na situação, sofrendo juntamente com o portador da experiência, caracterizando um acontecimento em que a *illness* prevalece em detrimento da *disease*. Isso demonstra que o posto apresenta-se sob uma dupla carga funcional na Ilha Grande dos Marinheiros, que na expectativa dos moradores, deve solucionar ambos os tipos de problemas de saúde, de perturbações e de patologias.

⁶⁷ Esta será aqui entendida enquanto cidadania daqueles que pertencem às classes menos abastadas, significando uma maior participação nos esquemas de poder, “seja na forma de saber, seja nas formas oferecidas pelo Estado, seja nas suas dimensões máximas e, portanto, mais individualizadas e subjetivadas, e da experiência de bem-estar e bem-viver” (LEAL e DOS ANJOS, 1999: 153). Para maiores informações sobre cidadania nas classes populares ver Duarte et al. (1993).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação fez uma análise das representações corporais e suas implicações de saúde no cotidiano de recicladores, catadores e carroceiros moradores da Ilha Grande dos Marinheiros. Para tanto, inicialmente, procurei explicitar as diferentes formas de se exercer o ofício com o lixo, demarcando algumas características dos grupos estudados; assim como, também busquei demonstrar o universo em que estes grupos estão inseridos, com algumas de suas peculiaridades. Em seguida, realizei uma discussão metodológica, mostrando os avanços e os recuos por mim empreendidos nesta pesquisa etnográfica, oportunizados pela técnica da observação participante e das entrevistas realizadas. Depois, iniciei a demonstração dos dados empíricos coletados através do trabalho de campo, confrontando-os com o referencial teórico proposto por esta pesquisa, intercalando-os sempre que possível, analisando e interpretando as informações disponíveis.

Minha intenção foi evidenciar que o lixo é ressignificado pelas pessoas que com ele trabalham e convivem, possuindo um lugar específico no seu cotidiano, ordenando suas relações diárias: de gênero, de trabalho, de família, de vizinhança, etc. Persiste entre os recicladores, catadores e carroceiros, um valor positivado que é atribuído ao lixo que difere daquele que é a ele associado pelas pessoas que com ele não convivem e trabalham diariamente; valor este que é orientador das condutas destas pessoas, direcionando-as a práticas diversas: corporais e de saúde.

Vimos, assim, através da teoria da hierarquia, que a realidade social da Ilha pode ser dividida em pelo menos dois níveis de análise; um, mais englobante, em que existe unidade e identificação entre os recicladores, catadores e carroceiros e um inferior em que persiste a distinção entre eles. No nível em que há identificação os valores acionados estão relacionados a um sentimento de pertencimento a uma comunidade, em que as pessoas dotam o lixo de um valor diferenciado do tradicional, percebendo-o enquanto agente ordenador de seu mundo. Neste nível, as pessoas se identificam através de uma série de elementos, como o significado da família, os papéis de gênero, a percepção do estigma e a reciprocidade.

As representações e práticas relacionadas aos usos do corpo, bem como seus desdobramentos de saúde no cotidiano das pessoas que trabalham como o lixo, nesse sentido, também fazem parte daquela gama de eventos que perfazem o nível de análise mais englobante, portanto, em que existe a identificação entre os grupos sociais especificados nesta pesquisa. Dessa maneira, apreendemos que o corpo é percebido pelos sujeitos como o agente mais relevante na tarefa de separar e conduzir o lixo, sendo concebido enquanto uma ferramenta de trabalho, utilizado, freqüentemente, de forma instrumental.

As marcas corporais verificadas pelo trabalho de reciclagem, bem como pelo contato com o material característico deste labor, o lixo, foram especificadas em dois tipos: através de uma estética particular - minimalista - e a permanência constante da dor. Através de uma opção estética feminina em deixar o corpo mais à mostra em detrimento de eventualmente deixá-lo mais coberto, evidente pela opção de vestuário, demonstrou uma marca que é inscrita nos corpos dos sujeitos, os identificando e demarcando um sentimento de pertencimento ao grupo. Esta atitude das mulheres, de utilizar roupas mínimas no seu dia a dia, estava também sendo condicionada pela presença marcante do lixo; ou seja, sugeriu-se que certas experiências com o espaço demarcado pela presença do lixo estavam influenciando também nas definições de espaço corporal.

Dessa maneira, a forma como as mulheres percebiam seu corpo social estava determinando o modo como concebiam seu corpo físico; isto é, havendo na Ilha um menor controle no que se refere aos cuidados com o meio ambiente e o trabalho com o lixo, sem restrições marcantes quanto ao seu uso, estava havendo também um menor controle corporal, de seus limites. Assim, na lógica das informantes, o corpo apontou com uma estrutura mais livre, passível de ser vista e, aparecendo também, de forma a acarretar menos riscos com o seu contato com o lixo, do que na lógica biomédica do mesmo.

A dor constituiu-se como uma marca estética não tão visível quanto a anterior. As mulheres que trabalhavam como o lixo externaram a permanência desta marca, para além dos horários de trabalho; dessa maneira, o corpo mostrou-se funcionando como uma memória do trabalho diário com o lixo, uma vez que as informantes traziam consigo a lembrança de toda força despendida na execução de seus ofícios. Nestes casos, a dor assume uma forma específica, ela não aparece como manifestação de uma patologia

particular, uma vez que as pessoas não percebem nela algo que mereça cuidados médicos; assim, ela veio a representar para os informantes, na maioria das vezes, apenas uma perturbação da ordem de suas vidas.

Assim, essa maneira específica de perceber o corpo, que é também atualizada pela forma particular de representar o trabalho com o lixo, condiciona o modo como as pessoas concebem seus problemas de saúde associados a ele. Vimos que médicos e os informantes desta pesquisa estão utilizando modelos diferenciados de corpo, o que determina práticas diversas em relação aos seus cuidados; enquanto os especialistas concebem o corpo a partir da lógica biomédica, as pessoas que trabalham e convivem com o lixo percebem o corpo de uma forma mais livre, deixando seus limites descobertos, não percebendo as patologias que decorrem do seu ofício enquanto tal, logo, não procurando um tratamento que seria visto como adequando pelos médicos do posto.

O lixo, por conseguinte, também parece não demonstrar perigo à saúde das pessoas que com ele se relacionam, de acordo com suas percepções. Conforme os especialistas do posto, o lixo poderia acarretar uma série de malefícios as pessoas que com ele mantém um relacionamento diário, o que difere da visão dos ilhéus. Para meus informantes, o lixo, por ser percebido enquanto um material limpo e ordenador de suas vidas, em geral, não pode causar patologias, nem para si mesmos, nem para seus filhos que rotineiramente brincam com esse tipo de material. Apenas aqueles materiais desordenadores do ambiente, como o lixo orgânico, lixo hospitalar e os animais que eventualmente aparecem - como os ratos -, podem causar algum prejuízo a saúde; os demais materiais são considerados puros, logo, não perigosos.

O posto de saúde local, nesse contexto, mostra-se como um tradicional recurso de cura para os moradores da Ilha, porém, detém certas especificidades. Além de ser um local procurado para sanar patologias, constitui-se também como um lugar em que as pessoas procuram exercer sua cidadania, através da imposição do cumprimento de seus direitos. Percebeu-se também que a conquista da instituição através do orçamento participativo talvez tenha se dado para que o posto pudesse implementar uma dupla função: resolver os problemas da ordem das patologias e da ordem das perturbações.

Gostaria de finalizar com uma sugestão e uma pergunta que serve ao debate em torno da questão do posto e das especificidades das pessoas que o procuram.

Primeiramente, devo sugerir que há na região uma naturalização do uso do lixo por vários segmentos; pelos seus usuários mais rotineiros e também pelos funcionários do posto. A explicação para esta idéia versa sobre as práticas relacionadas ao trabalho com o lixo, pelos dois segmentos em questão. A naturalização das pessoas que trabalham com o lixo dispensa maiores explicações, visto que esta dissertação já buscou o seu entendimento; porém, à naturalização por parte dos funcionários cabe uma ressalva, que já introduz uma pergunta.

Os médicos do posto, como visto, trabalham na prevenção e na cura de diferentes doenças, através do sistema tradicional de consultas individuais, como também na formulação de diferentes grupos temáticos. Por que, um posto que possui pacientes tão específicos, com um trabalho tão singular, não dispensa uma postura especial que de conta da temática dos usos dos corpos dos trabalhadores no lixo, através, quem sabe, de um grupo específico para este fim? Talvez estes especialistas, mesmo cientes dos perigos de trabalhar com este material tão peculiar, também tenham naturalizado seu uso. Talvez estejamos presenciando o surgimento de novas e respeitáveis formas de “poluição”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, M. Le sexe de la pauvreté. In: Cahiers du Brésil Contemporain: Famille et Habitat, nº 8. Publié par Maison des Sciences de l'homme. Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain. Institut des Hautes Études d'Amérique Latine, Paris III, p. 81-112, 1989.

ALVES, P. C.; RABELO, M. Repensando os estudos sobre representações e práticas em saúde/doença. In: Antropologia e Saúde, Traçando Identidades e Explorando Fronteiras. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

AUGÉ, M. *L'anthropologie de la maladie. L'Homme*: 26 (1-2): 81-90, 1986.

BARNES, J. A. Redes sociais e processo político. In: FELDMAN-BIACO, B. (Org). Antropologia das sociedades contemporâneas – métodos. São Paulo: Global Universitária, 1987.

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, F; STREIFF-FENART, J. Teorias da Etnicidade. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

BHOWMIK, S. As cooperativas e a emancipação dos marginalizados: estudo de caso de duas cidades na Índia. In: SANTOS, B. S. (org.). Produzir para viver - os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

BOLTANSKI, L. As classes sociais e o corpo. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

CALDERONI, S. Os bilhões perdidos no lixo. São Paulo: Humanitas Publicações/ FFLCH-USP, 1998.

CEARÁ. SISTEMA NACIONAL DE EMPREGOS. As condições de trabalho e as repercussões na vida e na saúde dos catadores de lixo do Aterro Sanitário de Jangurussu. Fortaleza: Publicação técnica editada pelo Sistema Nacional de Emprego SINE/CE, 1991.

CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: GUIMARÃES, A. Z. Desvendando máscaras sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

CLASTRES, P. Da tortura nas sociedades primitivas. In. CLASTRES, P. A sociedade contra o Estado. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

CONFERÊNCIA MUNICIPAL E REGIONAL DO MEIO AMBIENTE (3ª). Caderno de Resoluções. Porto Alegre: Prefeitura de Porto Alegre, 2002.

COSTA, A. C. F. ; SATTLER, M. A. Catadores informais: elo do processo de coleta dos materiais recicláveis presentes no lixo urbano da cidade de Porto Alegre. In: FRANKENBERG, C. L. C.; RAYA-RODRIGUES, M. T.; CANTELLI, M (Org.). Gerenciamento de resíduos e certificação ambiental. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

DA MATTA, R. O ofício do etnólogo, ou como ter *anthropological blues*. In: NUNES, E. (Org.). A aventura sociológica, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DE CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1996.

DMLU. GT Relatório Final – Política para Catadores de Materiais Recicláveis. Porto Alegre, 2002. Disponível no Departamento para consulta.

DOUGLAS, M. Pureza e perigo. São Paulo: Perspectiva, 1966.

------. *Los dos cuerpos*. In. DOUGLAS, M. *Símbolos Naturales: exploraciones en cosmología*. Madrid, Alianza Editorial, 1970.

DUARTE, L. F. D. Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

DUARTE, L. F. D. et al. Vicissitudes e limites da conversão à cidadania nas classes populares brasileiras. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº22, ano 8, junho, 1993.

DUMONT, L. *Homo Hierarchicus*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

DURKEIM, E. Representações individuais e representações coletivas em Sociologia e Filosofia. Rio de Janeiro: Forense, 1970.

----- . As regras do método sociológico. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

----- . As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. In: *Illuminuras* - série de publicações do Banco de Imagens e Efeitos Visuais - PPGAS/UFRGS. Porto Alegre: v.45, 1-23, 2001.

FONSECA, C. Aliados e Rivais: o conflito entre consangüíneos e afins em uma vila portoalegrense. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 2, nº4, 88-104, 1987.

----- . Trabalho e Cotidiano: o que condiciona o quê? In: *Estudos Econômicos*, v. 22, Instituto de Pesquisas Econômicas/USP. São Paulo: 25-48, 1992.

----- . Bandidos e mocinhos: antropologia da violência no cotidiano. In: *Humanas*, nº2, volume 16, UFRGS, Porto Alegre: 67-90, 1993.

----- . Amor e família: vacas sagradas da nossa época. In: RIBEIRO, Ivete et all. (Org). Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade Brasileira. São Paulo: Loyola, 1995.

----- . Família, Fofoca e Honra - etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 2000.

FOOTE-WHYTE, W. Treinando a Observação Participante. In: GUIMARÃES, A. Z. Desvendando Máscaras Sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

FRITSCH, I. E. Resíduos sólidos e seus aspectos jurídicos, legais e jurisprudenciais. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal de Cultura, 2000.

GEERTZ, C. O saber local. Petrópolis: Vozes, 2003.

GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GRIMBERG, E; BLAUTH, P. Coleta Seletiva: reciclando materiais, reciclando valores. São Paulo: Instituto Polis, 1998.

GUEDES, S. Jogo de corpo: um estudo de construção social de trabalhadores. Rio de Janeiro: Eduff, 1997.

HAHN, R. *Rethinking illness and disease. Contributions to Asian Studies*, vol. XVIII, 1980.

HELMAN, C. *Disease versus illness in general practice. Journal of the Royal College of General Practitioners*, September 1981.

----- . Cultura, Saúde e Doença. Porto Alegre: Artmed, 2003.

HERZLICH, C. A problemática da representação social e sua utilidade no campo da doença. *Physis*, vol. 1, nº2, 1991.

COSTA, I. F. S. O povo do Lixo: um estudo sobre a estratificação social da favela Cidade Nova. Rio Grande do Norte: Ed. Universidade, 1981.

JARDIM, M. D. R. Negociando Fronteiras entre o trabalho, a mendicância e o crime: uma etnografia sobre família e trabalho na Grande Porto Alegre. Dissertação de mestrado. PPGAS/ UFRGS. Porto Alegre, 1998.

JODELET, D. *Les Représentations Sociales. Sciences Humaines*, nº27. Avril, 1993.

KLEINMAN, A. *Orientations 3: Core clinical functions and explanatory models. In: Patients and Healers in the Context of Culture. An exploration of the borderland between Anthropology, Medicine and Psychiatry. Berkeley: University of California Press, 1980.*

KNAUTH, D. Corpo, saúde e doença. *Cadernos de Antropologia*: 6:55-72, 1992.

KNAUTH, D; VÍCTORA, C.; LEAL, O. A Banalização da AIDS. *Horizontes Antropológicos*, nº 9. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 1998.

KUHNEN, A. Reciclando o cotidiano: representações sociais do lixo. Ilha de Santa Catarina: Letras contemporâneas, 1995.

LEAL, O. F; DOS ANJOS, J. C. G. Cidadania de quem? Possibilidades e limites da antropologia. *Horizontes Antropológicos*, nº10. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 1999.

LOYOLA, M. A. As doenças, os doentes e os especialistas. In: LOYOLA, M.A. Médicos e Curandeiros: Conflito Social e Saúde. São Paulo: Difel, 1984.

MALINOWSKI, B. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MARTINS, C. H. B. Trabalhadores na reciclagem do lixo: dinâmicas econômicas, sócio-ambientais e políticas na perspectiva de empoderamento. Tese – Programa de Pós Graduação em Sociologia/UFRGS. Porto Alegre, 2003.

MAUSS, M. As técnicas corporais. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: EDUSP, 1974.

----- . Ensaio sobre a dádiva. Edições Setenta: Lisboa, 1988.

MENDES, S. I.; BUSS, G. Geração de Renda e Preservação Ambiental na Ilha Grande dos Marinheiros. Paper apresentado no IX Seminário Nacional de Educação: Porto Alegre, 2001.

MONTEIRO, P. Da doença à desordem: A Magia na Umbanda. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

NATALINO, M. A. C. Táticas de Sobrevivência: Catadores de lixo no contexto urbano de Porto Alegre. Monografia (Conclusão de curso) - Departamento de Sociologia/UFRGS. Porto Alegre, 2003.

OLIVEIRA, F.J A. Concepções de doença: o que os serviços de saúde têm a ver com isto? In: Doença, sofrimento, perturbação: perspectivas etnográficas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.

OLIVEIRA, R. C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: O trabalho do antropólogo. São Paulo: UNESP, 2000.

OLIVEIRA, R. C. Identidade e Estrutura Social. In: Série Antropologia Social, 21. Brasília, 1978.

OLIVEIRA, W. J. F. A utilização do referencial ambientalista como justificativa à implantação do sistema de coleta de lixo em Porto Alegre. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Sociologia/ UFRGS. Porto Alegre, 1995.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Relatório CAR-ILHAS. (Coord.) ABREU, A. D. Porto Alegre, 2001a. Disponível no DMLU para consulta.

------. Política de Governo: A relação com Papeleiros, Carrinheiros, Carroceiros e Catadores de Materiais Recicláveis de Porto Alegre. Porto Alegre, 2001b. Disponível no DMLU para consulta.

------. Projeto de Construção da unidade diferenciada de triagem de resíduos da Ilha Grande dos Marinheiros. Porto Alegre, 2002. Disponível no Departamento para consulta.

------. Relatório: A triagem de resíduos sólidos no município de Porto Alegre. Porto Alegre, 2002. Disponível no DMLU para consulta.

ROSALDO, M. O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural. Horizontes Antropológicos nº1. PPGAS/UFRGS. Porto Alegre, 11-36, 1994.

SANTOS, J. M. R.; MARTINS, M.T. Coleta de Lixo – Uma alternativa ecológica no manejo integrado dos resíduos sólidos urbanos. São Paulo, 1995. (Boletim Técnico da Escola Politécnica da USP, Departamento de Engenharia Hidráulica e Sanitária, BT/PHD/18)

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, v.16, nº2, p. 5-22, jul./dez, 1990.

VICTORA, C. Mulher, Sexualidade e Reprodução: Representações do corpo em uma vila de classes populares em Porto Alegre. Dissertação de Mestrado em Antropologia, PPGAS/UFRGS. Porto Alegre, 1991.

----- . A “mãe do corpo” dentro do corpo da mãe. Corpus. Cadernos do NUPACS, 1999.

VÍCTORA, C.; KNAUTH, D.; HASSEM, M. Pesquisa qualitativa em saúde: Uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

WINKIN, Y. A Nova Comunicação. São Paulo: Papyrus, 1998.

WOORTMANN, K. A comida, a família e a construção do gênero feminino. In: Dados, nº29, Rio de Janeiro, 03-30, 1986.